

Maria Amália Vaz de Carvalho
AS NOSSAS FILHAS
Cartas às Mães

Edição de
Ana Sofia Chambel
Ana Vintém
Ana Sofia Carreiro
Beatriz Vidal
João Dimas
Soraia Vilar

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa

2017

1

ÍNDICE

Nota editorial

Apresentação da autora e obra

Livro-fonte

Crítérios de reedição e normas de transcrição

Bibliografia

As Nossas Filhas – Cartas às Mães

PRIMEIRA PARTE:

1.^a CARTA

2.^a CARTA

3.^a CARTA

4.^a CARTA

5.^a CARTA

6.^a CARTA

7.^a CARTA

8.^a CARTA

9.^a CARTA

10.^a CARTA

11.^a CARTA

SEGUNDA PARTE:

12.^a CARTA

13.^a CARTA

14.^a CARTA

15.^a CARTA

16.^a CARTA

17.^a CARTA

18.^a CARTA

19.^a CARTA

20.^a CARTA

21.^a CARTA

Nota editorial

Apresentação da autora e obra

Escritora e poetisa, Maria Amália Vaz de Carvalho contribuiu, com uma extensa obra, para a formação de crianças e mulheres.

Descendente de famílias formadas em Letras, a autora esteve sempre em contacto com os temas da sua época, assumindo, em algumas obras, posições tradicionalistas.

Maria Amália nasceu em 1847, em Lisboa, vindo a falecer em 1921, depois de construir uma obra bastante diversificada, que inclui artigos sobre política, crónicas, contos, biografias e ensaios. Além de escrever livros, Maria Amália colaborou em alguns jornais, como o *Diário Popular*, o *Jornal do Comércio*, *Repórter*, *Artes e*

Letras, Diário de Notícias, assinando artigos com o pseudónimo Valentina de Lucena.

Recebia regularmente na sua casa escritores como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.

Em 1912, ingressou na Academia das Ciências de Lisboa, distinguindo-se por ser uma das primeiras mulheres a frequentar esta academia. Foi, mais tarde, eleita sócia, sendo também condecorada com o oficialato da Ordem de Sant'Iago.

Maria Amália escreveu *As Nossas Filhas – Cartas às Mães*, em 1905. Esta obra demonstra, sobretudo, o estatuto da mulher naquela época.

Escolhemos reeditá-la por isto mesmo, por retratar os valores de 1905, o que permite uma interessante comparação com os valores e o papel da mulher na sociedade atual.

Por outro lado, tanto a autora como a sua outrora consagrada obra não são conhecidas atualmente, o que nos parece poder ser contrariado com a presente reedição.

O livro tem 280 páginas, estando dividido em duas partes, que contêm respetivamente 11 e 10 cartas.

Livro-fonte

Elaborámos esta reedição a partir de um exemplar da 2.^a edição, publicada pela editora Parceria A. M. Pereira, em 1906.

Este livro foi-nos recomendado por Isabel Almeida, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a quem agradecemos, não só a sugestão, mas também o empréstimo do exemplar pertencente à sua biblioteca privada.

O livro apresenta sinais de desgaste, bem como algumas manchas de humidade. Na capa dura, figura apenas o nome da autora (canto superior direito); o título do livro; e o logótipo da Parceria A.M. Pereira, junto ao corte inferior. Na falsa folha de rosto, foi escrito a lápis o preço do livro, no canto superior direito. Na primeira página, estão impressos o nome da autora, o título do livro, um carimbo que assinala a 2.ª edição, o ano da impressão deste livro e, finalmente, a editora e o seu endereço postal.

Critérios de reedição e normas de transcrição

O livro fonte foi transcrito, sem recurso a *software* de leitura automática, seguindo as normas que a seguir indicamos.

Conservámos a ortografia, incluindo gralhas. Foram igualmente conservadas a pontuação e

acentuação, mesmo se incoerente, como, por exemplo, quando foram impressos dois pontos finais, ou nenhum, em vez de um só, ou foi impressa uma vírgula em vez de um ponto final, e quando ocorre apenas uma aspa inicial num segmento que deveria estar entre aspas. Conservámos igualmente os traços que dividem as diferentes partes de cada capítulo.

Não reproduzimos a folha de guarda, as páginas em branco, a numeração das páginas, o espaçamento entre os sinais de pontuação e a palavra anterior, nem o título do livro na margem inferior da página.

Elaborámos um índice e incluímos, neste, hiperligações, destacadas a cor azul, com o objetivo de facilitar a deslocação entre as unidades deste livrónico.

Bibliografia

Maria dos Remédios Castelo Branco,
«Carvalho (Maria Amália Vaz de)», *Biblos*,
*Enciclopédia VERBO das Literaturas da Língua
Portuguesa*, vol. 1, Lisboa / São Paulo: Editorial
Verbo, 1995.

PRIMEIRA PARTE

1.^a CARTA

A mulher perante a sociedade moderna

I

Se ha presentemente em Portugal – muito atrazado em questões d’esta natureza – problema que deva preoccupar o espirito das mães, é este: o destino das nossas filhas!

E’ facil dizer que o mundo é velho, que este mesmo problema foi posto deante do espirito de centenas de gerações, e que centenas de gerações o resolveram do mesmo modo, pouco mais ou menos, por que nós havemos de resolvel-o tambem.

Isto não é positivamente a verdade. A cada phase social correspondem leis, ideias,

instituições e costumes, que são traslados e espelhos d'aquellas.

A nossa não se parece com nenhuma outra do Passado. E' muito mais complexa a difficuldade com que temos de arcar.

Destruimos toda a auctoridade; demolimos toda a tradição. A familia, aparentemente a mesma, pouco tem em commum com a familia de outros tempos.

O que se tem escripto sobre a educação das raparigas não tem applicação, a não ser em principios geraes de moral, ao momento difficil em que vivemos; ao momento mais difficil ainda em que vamos entrar.

Não tarda. E' aquelle em que o homem, já sobrecarregado com o peso do seu proprio destino – selvagem outra vez á força de requintadamente civilizado – se subtraia, ás claras, á obrigação, que

outr'ora julgava indeclinavel, de velar pela sorte das irmãs, das filhas, das parentas orphãs e desamparadas.

Nas classes populares não vêmos já isso? Não é sempre a pobre mulher que atribuladamente ganha o pão de cada dia?

A sociedade feudal tinha a compensar-lhe a dureza, a brutalidade, que sem esta attenuante seriam intoleraveis, o dever moral de proteger a fraqueza da mulher e da creança.

As sociedades organisadas e hierarchisadas pela Monarchia e pela Igreja tinham os conventos onde a mulher encontrava abrigo, amparo e pão. Esse communismo religioso teve grandes inconvenientes; mas, sobretudo para as mulheres desprotegidas, teve beneficios que é impossivel deixar de reconhecer.

O periodo transitorio e romanesco das conquistas liberaes em todo o mundo, professou com entusiasmo o culto do *eterno feminino*.

O que a poesia medieval cantára, mas não realisára, realisou-o plenamente o Romantismo, que deu á Mulher e ao amor por ella inspirado, um papel preponderante que antes não tinham tido.

Uma litteratura inteira e universal prérgou esse culto até nos seus exaggêros, até nos seus desvios. A Mulher deixou de apparecer sob o seu triplice aspecto de tutelada imbelle, de pupilla humilde e submissa, de maliciosa Circe subtil, a quem se impunha uma determinada missão, ora na sombra humida dos claustros, ora na obscuridade inviolada do lar domestico, ora nas Côrtes magnificas da dissipação e da galanteria tumultuosa, para, á voz dos poetas, dos romancistas, dos historiadores, dos artistas, se

transformar em Musa, em heroína de ficções apaixonadas, em Egeria política, em divina ou diabólica entidade, a quem se erguiam altares afestoados de flôres de sonho, ou por quem se resolviam em agonias trágicas os desgrenhados cultores da liberdade individual com todos os seus direitos.

Amar, divinizar, amaldiçoar, engrandecer a Mulher, reconhecer-lhe a soberania, a influencia, foi então uma espécie de necessidade. Goethe fez vêr como *Carlota*, virtuosa e pura, leva *Werther* ao suicídio, e *Margarida*, inocente, leva *Fausto* ao crime e á perdição. Byron, Lamartine, Musset, trouxeram ao concerto universal as notas das suas trez lyras immortaes.

Walter Scott tinha revivido todas as lendas romanticas em que a mulher figurava, heiroína ou

martyr... A mulher teve uma hora triunphante, de desforra e de orgulho.

Oh! mas como tudo isso passou!

A questão feminina passou da esfera luminosa do sentimento e da poesia para a região positiva das cifras e da economia social.

Ha muitas mais mulheres do que homens, dizem as inflexiveis estatisticas, que não se importam para nada com as nossas chimeras. D'aqui uma grande quantidade de creaturas humanas a quem faltam as condições de felicidade domestica, para a qual, segundo os educadores do passado, a mulher foi exclusivamente creada.

As grandes fortunas attingem, como nunca, uma cifra colossal, mas concentram-se em poucas mãos e dispersam-se em poucas gerações. As pequenas fortunas, estão tambem

desapparecendo, dada a tendencia para se gastar quanto se tem, ou mais do que se tem, provocada pelas condições sociaes d'este tempo, e dada tambem a distribuição forçada de cada fortuna por todos os filhos, e a percentagem elevada que o fisco exige, e que monta. em poucos annos, a um importante cabedal.

D'aqui o augmento das familias que vivem só dos ordenados do seu chefe; a abundancia de raparigas, sem dote e sem aquellas qualidades solidas de economia e trabalho, que o poderiam supprir.

A Democracia avança como uma força irresistivel que é absurdo e vão condemnar, negar ou combater. E a Democracia é igualitaria, tem um nivel baixo infelizmente; o espirito cavalleiresco é a sua antithese. Occupam-na

questões sociaes e economicas, e não questões de sentimento.

Vê em cada mulher, não o sêr fragil que é preciso proteger, mas o sêr incomodo que consome e que não produz, augmentando assim o desequilibrio das forças com que ella tem de haver-se e de pelejar.

A lucta pela vida, a concorrência social é cada dia mais aspera e mais crua. A vida, ao passo que se vae afinando, complicando e polindo, torna-se mais exigente.

O egoismo humano, acariciado por todo a especie de alliciadoras blandicias com que a democratização das artes e o progresso das sciencias e industrias tem enriquecido a existencia collectiva, é cada vez mais incapaz de sacrificios, de privações, de abnegação quotidiana.

Até a Mulher, mal aconselhada e mal dirigida se lembrou de querer a igualdade de direitos entre ella e o homem, sem ver que essa aspiração collocava este ainda mais á vontade no seu egoismo crescente.

Todos estes factos, que ao de leve apontamos sem os poder exemplificar nem definir, são outros tantos obstaculos que a rapariga pobre encontra no caminho. O casamento deixou de ser a condição normal da vida da mulher.

Nas grandes nações como a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, o numero das solteiras cresce progressivamente, ao passo que no homem diminue o instincto da protecção e o sentimento da bondade.

Portugal, em que as duras condições economicas se estão fazendo sentir mais e mais, segue o mesmo caminho.

E', pois, necessario encarar de face o problema.

Orientar a educaçãõ das nossas filhas de um modo prático e não sentimental. Que ellas possam, casando, ser, não um luxo, um tropeço, uma inutil decoraçãõ da casa, mas a auxiliar, a companheira util, efficaz, do homem moderno, o seu complemento e não o seu estorvo incessante.

E ao mesmo tempo procurar, dando-lhes a consciencia da sua personalidade e a revelaçãõ do seu valor, preparal-as para a eventualidade de viverem sósinhas e sem que o facto de não terem casado constitua uma inferioridade, um ridiculo, muito menos uma catastrophe.

«A missãõ da mulher é ser mãe, é ser esposa, é ser filha obediente e submissa, é ser dependente em tudo e por tudo do homem, seu senhor» – isto

é a compreensão de todos os educadores do passado, e seria também a nossa, se as circunstâncias nos tornassem possível esta doutrina ao mesmo tempo agradável e fácil.

O problema, porém, que a Democracia impõe aos educadores modernos é bem diverso:

«E' necessario preparar a mulher para ser uma mãe excellente, uma esposa exemplar, uma filha dedicada, e armal-a ao mesmo tempo de tal sorte, que ella possa combater a sua propria vida, fazer o seu proprio destino, conquistar a independencia e a dignidade, isto no caso de não ter um marido, um pae, um irmão que a amparem contra as agruras da vida contemporanea, como em nenhum tempo, dura e cruel.»

Este programma moderno tem uma dupla face: é quasi inconciliavel.

Será preciso não só que a educação feminina se transforme, mas que se transforme também o ideal do homem para o realizar.

E, no entanto, sem que elle se realise, a miseria moral, intellectual, material da mulher ha de augmentar em vez de diminuir.

Não é possível hoje dizer á mulher que o seu único destino é o casamento. Seria mentir-lhe.

Não é facil, por ora, educal-a de maneira que ella voluntariamente prescinda da protecção material que o homem lhe dê; seria as mais das vezes fechar-lhe a porta d'esse casamento que é ainda, que será sempre, a condição normal da mulher, destinada pela Natureza a ser mãe e a ser esposa.

O homem, n'este caso bem mais imprudente e irracional do que a mulher, o que exige d'ella para a escolher e preferir?

Que seja bonita, elegante, graciosa e garrida, que o chame com o sorriso radioso, que o tente com o fulgor dos grandes olhos mysteriosos que promettem, que suggerem, que mentem tanta vez!...

Moralmente, quer que seja humilde, submissa, bastante ignorante, para que elle possa impor-se-lhe, bastante alegre, para poder entretel-o com os seus gorgeios de ave, com as suas risadas infantis.

Qual é o homem que não tem este ideal de noiva?

Qual é o homem que se não ri da que busca no trabalho a independencia? Da que procura no conhecimento intimo das *causas* a applicação racional dos *effeitos*?

O que elle quer é uma mimosa creança que o adore e que o siga com os seus olhos de canina submissão.

E, depois, quando todos os encargos da sua asperrima missão – de mãe, de mulher, de companheira do homem moderno, batalhador audaz e infatigavel – cahem sobre os hombros d’essa fragil e deliciosa creatura, que elle escolheu pelo seu encanto physico e de que nunca quiz conhecer o valor ou a inanidade moral, e que, sob tal peso, ella cahe vencida ou se contorce revoltada, eil-o que se queixa, não de si, mas d’ella, e que a despreza e a odeia e ás vezes a abandona, sem perceber que a culpa toda é sua e não da innocente creatura que só era assim, porque só assim tinha a probabilidade de agradar-lhe!

Mas não haverá meio de tornar as nossas filhas mais práticas, sem que por isso ellas percam o encanto da sua adoravel feminilidade?

Ensinar uma rapariga a adaptar-se a este *meio* exigente, contradictorio ainda, porque n'elle se embatem mil factos contrarios e n'elle estão em fervilhante ebulição cousas do passado e cousas do futuro, ideias quasi mortas, e ideias que tentam nascer – será roubar-lhes fatalmente a graça da sua modestia, a poesia do seu magnetico olhar?

E' a ideia de conciliar n'uma synthese final esses contrastes, de conciliar essas antinomias, de fazer da mulher, não o brinquedo de uma hora de embriaguez, mas o conforto de uma longa existencia de trabalho e lucta, que deve inspirar o coração milagroso das mães!

E não tem sido, afinal de contas, a mulher boa, a mulher forte um perpetuo milagre?

D'ella, é que tem até agora exigido a Vida!

Que sendo a creatura physiologicamente mais fraca, intellectualmente mais inculta, socialmente mais assediada de perigos e conservada de fito feito n'uma ignorancia que a põe a cem leguas do seu companheiro, ella seja, ao mesmo tempo, resistente, impeccavel, conhecedora de todos os embustes e ciladas que a astucia masculina possa armar-lhe, apta para resistir aos instinctos que o desenvolvimento cerebral não compensou nem contrabalançou, e ainda, a melhor educadora dos homens futuros, a que lhes saiba radicar no character os mais delicados estimulos, a mais alta concepção da honra, do brio, da coragem moral.

Tudo isto, que parece um acervo de contradições absurdas, tudo isto se tem querido da mulher, tudo isto muitas vezes se tem conseguido d'ella.

Que seja fraca e poderosissima contra o mal. Que seja ignorante e optima conselheira. Que tenha a fé implicita de uma creança, e o raciocinio forte de um homem. Que não succumba no caminho adrede semeado, alastrado, escavado de mattagaes, de charcos, de barrancos!...

E agora, finalmente, é ainda esta a cousa espantosa e contradictoria que querem d'ella:

Que tenda, sómente, como fim exclusivo da sua vida de moça, ao casamento. Que adorne o seu espirito ao dos encantos que agradem ao homem e não dos conhecimentos que elle desdenhar. Que se faça garrida, tentadora, feiticeira de aspecto e de maneiras para o conquistar. E se acaso elle passar sem dar por ella, que não appelle nem aspire á protecção masculina, e que sem preparação prévia, pois essa teria afugentado logo o seu caprichoso senhor, ella, agora que este a não

quer, se baste a si propria, ganhe a sua independencia, não incommode nem fatigue ninguem com o espectaculo do seu desamparo, ou com a supplica tacita que se exala da sua fraqueza.

Paciencia! E' ardua a tarefa da mulher, mas ha-de ser cumprida.

Nunca o homem a auxiliou senão no mal, e vejam que milagres de bondade, de abnegação, de sacrificio, a humanidade lhe não deve!

2.^a CARTA

A mulher na sociedade passada

II

Na minha primeira carta disse eu que era necessario e urgente modificar a orientação que damos á educação das nossas filhas, para que ellas possam adaptar-se ao *meio* actual, cada dia mais diverso d'aquelle em que foram educadas nossas mães e nossas avós.

N'estes e n'outros assumptos de psychologia social, a Historia é a grande mestra. Vejamos, pois, o que a respeito da existencia individual e social da mulher nos diz, em breve summario, a Historia, e como os tempos passados divergem do *meio* de hoje.

Não vamos, já que se vê, sondar os recessos da Antiguidade pagã, nem as lendas do Christianismo primitivo.

O poder e a influencia da mulher sentem-se profundamente nos primeiros seculos christãos, quando ella é ao mesmo tempo fulminada com todos os anathemas da Igreja, a louvada pela bôcca eloquente dos seus mais fervorosos apóstolos; quando ella é a mãe de Santo Agostinho, ou a piedosa amiga de S. Jeronymo; quando ella morre no Circo confessando heroicamente a sua fé; quando, serva humilde e piedosa do novo Deus que a redimira, ella despe as purpuras, os linhos, os preciosos tecidos de que se vestiam as patricias de Roma, atira ás fogueiras accêsas, pelas suas mãos, as tunicas esplendidas, as joias preciosas, os papyros em que a Musa grega e latina inscrevera os seus cantos de volupia

perturbante, e as pedras em que a imaginação dos artistas mais habéis gravára a belleza das deusas ou a força dos heroes, e os cofres cinzelados em que guardava as joias e os perfumes, e vem, inflammada na divina loucura da Cruz, consagrar-se aos miseraveis que até alli desprezára, aos escravos que tanta vez mandára fustigar...

Se esse movimento, ao mesmo tempo religioso e social, que póde ainda hoje chamar-se a maior Revolução do Mundo, triumphou e se alastrou victorioso por elle todo, á mulher cabe a mais definitiva partilha em tão supremo facto.

Mas ainda n'esse tempo era ostensivamente nullo o seu papel social. A mulher não tinha, por assim dizer, a sua carta de alforria.

Era subterraneamente que fazia todo o immenso bem que fez. Ninguem lhe reconhecia senão o direito de morrer!

Podia, sob as garras do tigre ou sobre os recurvados chifres do auroch, confessar a sua religião e por ella expirar entre supplicios...

Não podia mais nada.

Depois d'esses primeiros seculos da Igreja, vem o periodo chamado a Idade Média.

Ninguem dirá que durante elle a acção da mulher seja subalterna. E' ella quem adoça os costumes ou quem os perverte; quem inspira as maximas crueldades ou quem as attenua.

Mas, se o destino de certas e determinadas mulheres deixou na selva escura da Idade Média um rasto de intensa e deslumbradora luz, a verdade é que esse periodo nos apparece como de

sanguinolenta ferocidade, de brutal selvageria nos costumes.

As guerras parciais, as cidades conquistadas e devastadas, os burgos saqueados, os castellos incendiados, feitos em cinzas, ou tomados a ponta de lança, as horriveis pestes, que abraçam, na monstruosa promiscuidade da morte, milhares de desgraçados, os latrocinios, os roubos, as catastrophes, não são para se contar em palavras rapidas. Quando então todos eram desgraçados, o que não seria a mulher, fraca, indefeza, desarmada, e sendo ao mesmo tempo a preza mais apetecida e a victima mais exposta ?!

Os nomes de *Beatriz*, de *Laura*, de *Francesca*, os nomes aureolados pelo esplendor da Poesia ou pela illuminação sublime do Amor, surgem como astros isolados n'esse céu onde se acastellam nuvens tragicas, onde fuzilam raios fulminantes.

Oh! a sorte da mulher n'essa éra de força e crueldade foi uma sorte de maldição e de martyrio!

Era horrivel o odio e mais horrivel ainda o amor dos que então a esmagaram, submetteram, a immolaram aos seus instinctivos bravios!

Valeu-lhe a Igreja. Nunca ella deve esquecer que, nas épocas de força indomavel, só a Igreja acolhia os fracos e valia aos desgraçados.

Só a Igreja dava á mulher relativa segurança, asylo mais ou menos socegado. Fóra dos conventos *ella* socialmente não *existia*. Faltava-lhe a liberdade e a independencia.

Viuva, era governada pelos filhos; esposa, era escravizada pelo marido; irmã, era sacrificada aos interesses do irmão; filha, não tinha vontade que não fosse a vontade implacavel e dura de seu pai.

Que espanta que ella, n'esta longa subalternidade, á qual só individualidades rarissimas escapavam; n'esta escravidão sombria, nos recessos subterraneos da qual rugem revoltas e se estorcem desesperos; – que espanta que ella empregasse todos os instinctos naturaes de seducção para subornar o seu senhor, para o enfraquecer pervertendo-o, para o manietar enganando-o, para o seduzir pela embriaguez que lhe vertia, para o trahir fugindo-lhe ao despotismo ignaro?

Que espanta que entre as historias e as lendas criminosas, figure muita vez como personagem principal a mulher!

A escravidão é que gera a revolta; a tyrannia suggere o crime; a brutalidade, que esmaga, cria a perfidia, que se evade do carcere, ou que na sombra planeia a manha, que ha-de libertal-a! A

nossa imaginação, evocando scenas medievas, vê a castellã fiando ou bordando nas vastas salas lageadas do Castello feudal, rodeada das suas aias ladinas e palreiras, enquanto o troveiro canta canções de amor e de guerra, ou balladas de paixão e de morte. Mas a verdade é que por debaixo d'essa civilisação um pouco theatral, de que temos noticia pelas chronicas ou lendas ou poemas d'esse tempo, havia nos homens a mesma brutalidade feroz, o mesmo furor sanguinario, a mesma cubiça de gozos promptos e passageiros, o mesmo instincto animal de selvagens ainda não domesticados por uma civilisação secular. Se elles não sabiam lêr e desprezavam o escriba, e compravam o Céu á força de presentes ao clero, – que era o representante dos direitos espirituaes e moraes n'um mundo em que reinavam a rapina, o saque, o latrocinio, – o que é que haviam de saber

as pobres mulheres, que consideravam suas servas humildes, nunca suas companheiras e iguaes?

Surge para a Mulher uma hora mais feliz. Os costumes adoçam-se, as Monarchias ou fundam-se ou consolidam-se. O homem meio barbaro faz o encontro estupendo e maravilhoso do Direito Romano, da Belleza Grega, do Pensamento e da Philosophia antigos!

Novos horisontes se desvendam diante do seu olhar de creança cruel e sanguinaria! A mulher fina e habil aproveita este renascimento para lhe receber os beneficios innumerous.

As figuras typicas da Renascença italiana, franceza. ingleza, portugueza, são Victoria Colonna, Margarida de Valois, a mãe de Bacon, Maria Stuart, Isabel Tudor, a infanta D. Maria, etc.

A mulher sabe latim e sabe grego; aprende sciencias e artes; recompensa ou elege poetas e philosophos, como seus correspondentes, amigos ou conselheiros.

Nós temos na nossa côrte os bellos serões manuelinos; mas através das pompas e festins d'essa hora de resurgimento intellectual e artistico veja-se a brutalidade que ainda vem á flôr das mais cortezãs conversações, dos mais requintados divertimentos!

O Cancioneiro de Rezende, o theatro de Gil Vicente pódem bem revelar-nos o que então se chamava elegancia, polidez e graça.

E', porém, do seculo XVI que póde datar-se o movimento, que em lenta e continua evolução trouxe a mulher do fundo da mais abjecta inferioridade até ao momento actual.

Agora, já nada se oppõe a que ella conquiste no mundo a posição que lhe compete; nada, a não ser a sua propria insensatez, quando cria *ligas feministas*, para se transformar n'um sêr hybrido que a Natureza e a sociedade teem iguaes razões para repudiar de si.

Mas vê-se perfeitamente como essa evolução foi lenta e teve momentos em que parecia mais um retrocesso que outra cousa, logo que queiramos acompanhar-lhe as phases variadas.

Em França, d'onde veiu o impulso civilizador, é que a mulher teve, desde a Renascença, um papel dominante, de que em vão tentaram desapossa-la.

A Regencia de Anna de Austria é o reinado da intriga feminil. A Fronda foi uma guerra de mulheres. Luiz XIV desponta como um joven deus olympico, e em torno d'elle fulge, com

peccaminoso esplendor, uma constellação de nomes, que a Arte e a Chronica tornaram célebres.

Arrependimentos, que Bossuet caldeia no fogo da sua palavra biblica; mortes mysteriosas, que elle pranteia com melancolia grandiosa; triumphos insolentes, que verbera do alto d'esse pulpito, cuja influencia e cuja acção só póde comparar-se ao poder d'essa instituição de tremenda força, chamada a Imprensa Moderna, porque – quem tal diria? o jornalista é quem substitue hoje o prégador e, se o não substitue bem, a culpa é d'elle e não da força que representa; – todos os dramas, todas as tragedias, todas as grandes e pequenas cousas do reinado de Luiz XIV teem por fundo obrigado um *boudoir* ou um oratorio de mulher.

De La Vallière até Maintenon o reinado gyra, tendo por eixo um nome feminino.

Mas que triste celebridade a do nosso sexo, e como ella justifica a asserção, mil vezes provada, de que a mulher, não podendo convencer o seu tyranno desdenhoso e brutal, tratou subtilmente de o vencer!

E' o symbolo eterno de Dalila e Samsão. Subjugada, ella, appellou para os maus instinctos do homem, adulou-lhe as paixões mais rasteiras. Não tendo a força, teve a astucia. Não tendo o seu quinhão legitimo no patrimonio social, alcançou pela fraude gozar da herança inteira.

Não se elevou para isso até onde o homem estava, solitario, egoísta e despotico. Fêl-o descer até onde ella se escondera, felina, perfida e tentadora.

São, no emtanto, d'esse tempo, em que nas altas classes sociaes a mulher reinava, ou fragil e sentimental como La Vallière, ou triumphante e

altiva como Montespan, ou adocicada, hypocrita e habil como a Maintenon; são d'esse tempo em que madame de Sevigné escrevia cartas immortaes, e madame de La Fayette inaugurava o romance psychologico com a «Princeza de Clèves», e Henriqueta de Inglaterra perfumava com a essencia de uma saudade fina e subtil a prosa mascula de Bossuet, e centenas de mulheres fallavam, pensavam, escreviam com encanto que nunca mais se excedeu, e orthographia que nunca mais se imitou – são d'esse tempo de victoria feminina as theorias tão conhecidas de Molière ácerca da educação das *nossas filhas*.

Oh! Como era facil educal-as então, porque essas theorias de Molière são as da burguezia do seu tempo, que pela bocca do comico immortal dizia magnanima e indulgente:

Je consens qu'une femme ait des clartés de tout

Mas se a pobre mulher aspirasse a mais do que a essas vagas luzes a respeito das cousas elementares, accrescentava logo furiosa, dirigindo-se ás sabichonas da familia:

*Vos livres eternels ne me contentent pas
Et hors un gros Plutarque à mettre mes rabats
Vous deviez brûler tout ce meuble inutile
Et laisser la science aux docteurs de la ville
.....
Ne point aller chercher ce qu'on fait dans la lune
Et vous mêler un peu de ce qu'on fait chez vous
Où nous voyons aller tout sens dessus dessous.
Il n'est pas bien honnête et pour beaucoup de causes
Qu'une femme étudie et sache tant de choses.
Former aux bonnes mœurs l'esprit de ses enfants,
Faire aller son ménage, avoir l'œil sur ses gens
Et régler la dépense avec économie
Doit être son étude et sa philosophie.
Nos pères sur ce point étaient gens bien sensés
Qui disaient qu'une femme en sait toujours assez.
Quand la capacité de son esprit se hausse*

*A connaître un pourpoint d'avec un haut de chausse.
Les leurs ne lisaient point, mais elles vivaient bien
Leurs ménages étaient tout leur docte entretien
Et leurs livres un dé, du fil et des aiguilles
Dont elles travaillaient aux trousseaux de leurs filles.*

E' typico e tem sido citado mil vezes este trecho de Molière. Não lhe falta bom senso, e como protesto contra o *preciosismo* e a pedanteria italianos vem muito a proposito.

Mas, que de respostas triunphantes lhe poderiam oppôr mesmo as mulheres do seu tempo!

Former aux bonnes moeurs l'esprit de ses enfants

é uma parte da tarefa que o comico moralista impõe á mulher, e acha elle que na absoluta ignorancia de espirito, na mais completa inercia do entendimento, tal missão tem possibilidades de

ser cumprida! E' sempre e em todos os tempos até agora a mesma absurda contradicção, a mesma lacuna de logica na educação feminina.

Dar-lhe a missão de *educar* e não querer que ella se *eduque*; ordenar-lhe que reprima, discipline, canalise as paixões hereditarias e potentes dos proprios filhos, e não lhe consentir que pela Historia, pela Physiologia, pela Sciencia, pela leitura vasta e proveitosa ella comprehenda primeiro a natureza e os effeitos e causas d'essas paixões, que são um perigo e uma força motora da humanidade, e depois os methods, os processos, as diversas maneiras pelas quaes a educação as póde aproveitar ou neutralizar!...

E tudo assim por este teor.

Depois, que irracional e que perigosa distincção separa em duas especies as mulheres: — de um lado, as boas mães, as boas esposas, as

educadoras perfeitas (!), as vigilantes e economicas donas da sua casa, as enfermeiras dedicadas, quasi milagrosas, etc.; de outro lado, as mulheres elegantes, distinctas, superiores, attrahentes, capazes de inspirar paixões e delirios!

Isto é que era necessario destruir pela raiz. Uma cousa não exclue a outra. A intelligencia serve para tudo, até para envolver em graça e poesia o mister mais humilde.

Pode conversar-se muito bem na sala de que pela manhã se limpa o pó. Póde presidir-se a um elegante e fino jantar, cujo *menu* se manipulou com esmero. Póde ser-se amada, sem para isso ser necessaria toda a futilidade e toda a estupidez, expressa a *calão* da *rapariga chic* de hoje...

Sobre a educação das raparigas do seu tempo, que Molière quizera tão acanhada e rasteira, escreveram deliciosamente Fénelon e madame de

Maintenon. Que contraste! Esses não a queriam assim, sabendo apenas distinguir com acerto *un pourpoint d'avec un haut de chausse*.

Era de outro modo bem diverso que elles theorisavam a educação feminina do grande seculo classico. Sigamos a evolução feita pelas ideias d'esse tempo até ao momento presente.

3.^a CARTA

Da discipula de Madame de Maintenon até á discipula dos Lyceus francezes actuaes

III

Madame de Maintenon teve grandes defeitos, que não vem aqui a proposito criticar nem sequer apontar. Mas, para o seu tempo e para a sua *casta* (n'esse tempo as castas estavam rigorosamente classificadas e divididas), ella foi uma educadora de primeira ordem. O meio termo entre a mulher que Molière escolheria para typo e modêlo, e a *preciosa ridicula*, que elle tão genialmente caricaturou, foi madame de Maintenon quem no seu convento-collegio de Saint Cyr o soube habilmente encontrar.

Ella imprimiu, por isso, na sociedade franceza do seu tempo um cunho inconfundivel.

Não é, já se vê, nem o meu ideal nem o ideal de uma sociedade democratica como a nossa, esse typo de *demoiselle de Saint Cyr*, tão gracioso, requintado e culto, sabendo representar tragedias de Racine, sabendo alliar as graças da sociedade a uma relativa solidez de instrucção.

O periodo em que tal educação seria apropriada e util passou; o que nos não impede de reconhecemos que essa educação, já fundada na psychologia, na analyse penetrante de cada organização, no methodo raciocinado, seja um grande progresso sobre o empyrismo do passado.

Assim hoje, para guiarmos e conhecermos «As nossas filhas», é proveitoso lêr e meditar as cartas e os escriptos de madame de Maintenon.

Quanto a Fénelon, que amigo nosso elle foi!
Como nos comprehendeu, nos lamentou, nos
ensinou, nos quiz levantar o espirito e o coração!

Foram estes dous espiritos tão differentes,
Fénelon e madame de Maintenon, que na França
do reinado do Rei-Sol mais profundamente se
occuparam da educação da mulher e do seu
destino social!

E' que ambos conheciam bem a influencia,
boa ou má, que a mulher póde exercer na evolução
e na marcha da humanidade.

Condemnar a mulher á ignorancia é favorecer
o reinado da brutalidade e da força; deslocar a
mulher do seu logar natural e social, é condemnar
o mundo á desordem e aos cahos.

A salvação está entre dous pontos.

Os defensores, os apologistas, os prédigadores
revolucionarios da liberdade feminina são tão

funestos á felicidade d'essa adoravel e inseparavel trindade humana, que se constitue pelo homem, a mulher, a creança — como aquelles que desdenhosos e enfatuados pretendem dar á mulher um lugar subalterno, inferior, sem influencia alguma nos destinos da sociedade.

Ella é um poder; é necessario aproveitall-o na obra commum da civilisação. E' uma força; é necessario fazer com que essa força disciplinada opere no sentido da harmonia e do bem geral, em vez de tender a quebrar a paz essencial das cousas, sem a qual nada progride nem prospéra. E' uma virtude viva de abnegação e de amor; é necessario nutril a abundantemente de ideaes a cumprir, a realisar, para que se não transvie, levada no impulso, que a conduz fatalmente ao sacrificio, á immolação. Tem qualidades, que se differenceiam das qualidades masculinas, mas que as completam

e as ampliam. A essas qualidades só a educação *intensiva*, por assim dizer, pôde dar toda a virtualidade do Bem, que em si contém!

Nas épocas em que a mulher corrompe os costumes e se deixa corromper por elles, tudo decahe miseravelmente em torno d'ella.

E' ainda, é sempre a Historia, que nos elucida a tal respeito.

O seculo XVIII, nas nações latinas, foi um seculo essencialmente feminino. A Arte, a Poesia, a Litteratura tudo se transformou em instrumento de galanteria e de elegancia mundana. Sabemos bem a estranha influencia que a mulher, já meio instruida, mas ainda longe de ser fortemente educada, imprimia n'esse tempo.

Em França d'onde então vinha o *santo e a senha* ao resto do mundo civilizado, pôde bem dizer-se que a mulher foi rainha. Mas o seu poder

não assentava n'um fundo de moralidade. Por isso, em vez de proficuo, foi fatal esse poder, que os homens lhe deram, não porque era boa, mas porque era bella e aprendera, emfim, as artes mais requintadas de o captivar, embriagando-o.

Os pintores, os estatuarios, os decoradores, os escultores e entalhadores de preciosas madeiras, os cinzeladores e lavrantes de metaes preciosos ou de ferragens artisticas, os creadores de um mobiliario de voluptuosa elegancia, os jardineiros, os architectos, os fabricantes de sêdas, brocados e velludos – tudo se reuniu em volta da mulher, para fazer d'ella um idolo e uma soberana de graça e de belleza.

Era de mais e era de menos.

Cultivaram-lhe o corpo e o espirito. Flexibilisaram-lhe os musculos nos gestos e rythmos elegantes das medidas de côrte, das

pavanas e dos minuets cadenciados, nos varios ademanes de requintado artificio, em que ella se pavoneava feliz; ensinaram-lhe a tocar os graciosos instrumentos da época e a cantar as arias italianas de Piccinni ou as arias simples e patheticas de Gluck; deram-lhe noções de chimica e physica e botanica; ensinaram-lhe pessimamente a Historia e deram-lhe da moral noções convencionaes. Mas faltaram ao principal. Não lhe educaram o coração nem o character.

Ellas conheceram então, nas altas classes o prazer egoista de viver para todos os gozos, que centuplicam a intensidade da vida; e nas classes médias, que então começaram a affirmar-se, o desespero de comprehender tudo e de tudo invejar!

Olhemos para a galeria enorme do seculo XVIII expirante, e colhamos d'essa galeria tão interessante duas figuras typicas.

Madame de Pompadour, a inspiradora de artistas immortaes, de artes absolutamente novas, que se desenvolveram, enriquecendo a vida de aspectos deliciosos, a amiga de Voltaire, a protectora de todos os grandes artistas do tempo, a mestra, ao mesmo tempo, de todas as corrupções, que auxiliavam a dissolução de uma sociedade inteira.

Madame Roland, a Musa dos girondinos, a inimiga irreconciliavel de Marie Antoinette, a que, de todas as humilhações e de todas as invejas da sua alma ambiciosa e culta e apaixonada, teceu a téla em que havia de amortalhar-se uma rainha, talvez uma monarchia!...

E digam, depois de lêrem a dupla historia d'essas duas mulheres¹ typicas, que o sexo feminino só merece a subalternidade, a sujeição e um bocadinho de desdem protector!...

Quando uma nova aurora de sangue rompeu no mundo attonito, todos sabem qual foi o papel representado pela Mulher, na formidavel tragedia!

Ella ensinou os homens a morrerem, morrendo a sorrir na guilhotina. Amollecida por uma civilisação materialista e corruptora, levantou-se heroica e firme nos degraus do patibulo.

Então os homens não a consideravam creança ignorante e irresponsavel. Pelo contrario. Déram-

¹ Nota dos editores: no livro fonte, a letra «m» encontra-se invertida nesta palavra.

lhe todas as responsabilidades e infligiram-lhe todos os supplicios.

O seu papel politico e social nunca lhe fôra officialmente reconhecido.

O Estado nem a ler e a escrever as ensinava. Havia Escolas e Universidades para os homens, mas para a mulher só havia conventos ou asylos sustentados pela Igreja. Tutellada pelo pai ou pelo marido, ella não podia dispôr da propria fortuna. Mãe e viuva, eram os tribunaes e os conselhos de familia que lhe administravam o patrimonio dos filhos.

Só tinha perante a sociedade, de que era pupilla impotente, um direito unico: o de ser encarcerada e legalmente assassinada!

Pois bem. Foi talvez esse sangue precioso, derramado a jorros em todas as guilhotinas da

França, que confiou á mulher a sua verdadeira carta de alforria!

Hoje, para a França republicana, o problema da educação da mulher está sendo tratado com a maxima seriedade.

Instituições e Lyceus do Estado estão dando á mulher actual uma educação ao mesmo tempo sólida, util e brilhante.

As casas religiosas de ensino, sentindo que a sua clientella elegante e rica sahiria de lá com manifesta inferioridade intellectual, comparada com a das escholas *laïques*, está admittindo no seu ensino os programmas mais amplos e as innovações mais progressivas.

A mulher, em França, já não póde queixar-se senão de si, se é pobre e não ganha o pão quotidiano, se é rica e casada e não faz da casa um

pequenino paraizo, e dos filhos outros tantos discipulos dilectos do seu coração e do seu espirito.

Muitas carreiras estão hoje abertas á mulher, que tenha, por exemplo, a vocação da sciencia, como outras teem a vocação do claustro: que queira, na qualidade de medica, de enfermeira, de mestra, de professora das escholas femininas, votar a sua existencia ao bem do seu proximo. Não será já necessario que todas as raparigas, que sentem em si a loucura sagrada do sacrificio, entrem n'um convento, cinjam para sempre um habito, renunciem para sempre toda a esperança de felicidade propria; e, pelo facto d'esta selecção das melhores em favor do claustro, privem o mundo do concurso proveitoso das suas grandes qualidades em acção, do seu grande exemplo em fecundo cortagio, para consagrarem a existencia

na phrase feliz de um grande moralista inglez a este estranho destino; *desiring what they cannot obtain, lamenting what they cannot avoid, and reflecting on what they cannot understand.*

Porque é que o avental da enfermeira, vestido voluntariamente, é menos nobre que a touca de S. Vicente de Paula! Nós podemos trazer dentro da nossa alma um altar e sobre a nossa vontade um jugo ferreo.

E, ao passo que umas mulheres podem escolher estas missões de altruismo, que impõem a quem bem as cumpra e durante o tempo em que as cumpra uma especie de sacerdocio, outras poderão ser artistas, pintoras, decoradoras, gravadoras, miniaturistas; poderão crear, com a sua phantasia delicada e educada convenientemente, môdelos da nova arte de arranjar, de mobilar, de ornamentar *interiores*;

poderão pintar sobre faianças, porcellanas, grés, barro, etc. – executando assim aquella suprema e tão pouco comprehendida aspiração de Ruskin, que consiste em identificar estreitamente a Arte e a Vida, em fazer da arte uma amplificadora e illuminadora da vida, em dar a cada objecto de uso quotidiano um aspecto artistico e a cada coisa artistica uma applicação prática.

Haverá ainda aquellas que ás artes plasticas prefiram as cousas do pensamento. As que escrevam bellos livros, em que as mães se deliciem e em que as filhas aprendam; excellentes monographias; biographias de homens e de mulheres, cuja existencia póde ser ou um encantamento para o espirito ou uma fecunda lição para o character; relações de viagens; livros de propaganda para o povo, tão infeliz e tão pobre de bons livros; romances de observação profunda

e de profunda sympathia, como os de George Elliot, ou de vibrante, apaixonada e fremente sensibilidade, como os de mrs. Gaskell ou misse Brontë, ou bellas pinturas de caracteres e costumes, como os de mrs. Humphry Ward.

E' claro que estas, as que se votarem a estas tarefas e a tantas de igual valor, serão o escol, a *élite*, as dotadas pela Natureza de um grande coração ou de uma grande intelligencia, ou ainda de uma ferrea vontade.

Fica de fóra d'esta selecção magnifica uma multidão enorme, desherdada, infeliz. Mas todas teem n'esta vida o seu logar e a sua tarefa.

A mais humilde creatura humana póde ser uma creadora do Bem que é tão interessante como o Bello e, quem sabe? mais util do que elle!

4.^a CARTA

A primeira educação da creança

IV

Emquanto lá fóra, como de leve aponte na minha ultima carta, bastante se está fazendo para harmonisar a educação da mulher com o meio social em que ella está destinada a mover-se, e com as condições novas e hostis em que tem de lutar e de viver, aqui nenhum esforço se emprega em tal sentido.

Pelo contrario. Póde bem dizer-se que atravessamos um periodo que espero será transitorio, mas durante o qual a orientação dada á educação feminina tem peorado visivelmente.

Deixou de existir a boa creatura sómente entregue aos deveres, occupações, labores do seu lar, e não existe ainda a mulher normal que os novos costumes teem de adaptar á tarefa aspera da conquista e da conservação da propria independencia.

Mulher que ouse *ganhar a sua vida*, não julgando descer por isso da estimação e do convívio social, não existe ainda; não existirá por largo tempo. As que o fazem julgam-se excepções. Transformam-se logo n'uns seres ridiculos e hybridos, fallam como quem escreve ou ora; escrevem cousas empolladas e ôccas, arvoram chapéus grotescos e maneiras que excitam riso. Não se sentem na normalidade, e, portanto, timbram em afastar-se d'ella o mais que podem.

E, ao mesmo tempo, perde-se um typo adoravel de portugueza, que existia ainda ha vinte annos em todas as provincias, villas e aldeias de Portugal.

Era o das senhoras que, embora fossem intellectualmente incultas, sabendo apenas ler os seus livros devotos e algum romance perfumado de sentimentos cavalleirescos, tinham, a par de principios e de habitos de religião sincera, as mais requintadas prendas da verdadeira dona de casa!

Se Ruskin, em vez de ser inglez, fosse nosso compatriota, não haveria para elle necessidade d'aquella longa e laboriosa queda em todos os valles e montes escusos da Inglaterra, para encontrar a roca e o fuso, que haviam sido a occupação de antigos serões nos *cottages* da velha Grã-Bretanha. Nas casas de provincia, as mais fidalgas, ainda *mãos de anneis* moviam celeres o

fuso; ainda á cinta de delicados e graciosos bustos feminis se prendia a roca laboriosa. Fiavam ao serão senhoras e creadas. Cada anno se tecia a teia de linho finissimo para bragal de noivas futuras; a teia de grossura média para lençoes e toalhas, que a alfazema e a maçã camoeza perfumavam deliciosamente de aroma casto e sádio; e a teia de estopa para o uso dos criados e dos pobres. Ruskin fez d'esse rejuvenescimento do fuso e da roca um requinte de esthetica, um primor de elegancia artistica, exactamente ao tempo em que as nossas senhoras de provincia abandonavam envergonhadas o uso d'esses dous lindos instrumentos da mais antiga e graciosa industria.

Não era sómente a fiar que a actividade das mulheres, judiciósamente² creadas nos seus solares provincianos *para o meio em que tinham*

² Nota dos editores: o acento não é totalmente legível.

de viver, se manifestava em primores de perfeita execução: ellas sabiam tudo que deve saber a verdadeira dona de casa.

Na provincia, ainda alguma cousa de singularmente poetico, de caracteristico e pittoresco se guardou por largo tempo, compensando as deficiencias de outro genero. Uma d'estas antigas casa portuguezas, bem governadas e de alto estylo nacional, era um encanto.

. Oh! os grandes armarios e as grandes arcas de castanho cheias de ricas colchas de linho bordadas a sêdas frouxas, ou de sêda bordada em sumptuosos relevos, trazidas pelos avós que tinham ido ás Indias; e de lençoes em que a ponto de crivo se tinham feito esplendidas e largas cercaduras; e de roupa de meza adamascada tão

fina, cheirando a alfazema e tambem á doçura dos
seculos extinctos!

Do thesouro sagrado era a dona da casa a
guardadora piedosa e fiel.

Havia tambem cuidadosamente conservadas
de avós para filhas e netas, as receitas das mais
gostasas e delicadas iguarias. Os dôces só ali se
faziam a preceito. Conservas, fructas seccas ou
crystalizadas, pratos especiaes de cada festa do
anno, dôces de ovos, rebuçados, frituras, filhozes,
sonhos...

Era o paraíso do estomago, senão do cerebro,
um d'esses fartos e alegres solares de provincia!...

A mulher não seria a companheira mais
adequada para um elegante, para um diplomata,
para um ambicioso de honrarias e posição; mas,

tranquilla, quieta e mansa, não afugentaria os sonhos de um poeta, as cogitações de um philosopho, ou os calculos e combinações de um lavrador.

N'essas casas a mulher era quasi sempre superior ao homem! Mas os filhos começaram a affluir á Universidade, a correr para Lisboa, a luctar pela vida agitada da politica. Desmanchou-se a alegria interior pela ausencia dos rapazes, que eram quem dava animação e brilho á casa... A extrema centralisação, pecha inevitavel da civilisação latina em toda a parte, extinguiu, a pouco e pouco, o lume d'esses lares modestos e alegres, disseminados pelas nossas provincias.

Os costumes mudaram. Iniciou-se um periodo novo, que está bem longe de ser bom.

A excellente, a perfeita, a completa dona de casa acabou ou quasi que acabou entre nós. A mulher apta para a nova fôrma que a vida tomou no mundo não existe ainda.

Olhemos em torno de nós. O que vemos? Procuremos em todas as escalas – não direi da hierarchia social, cousa que já não existe – mas da fortuna, os typos representativos que nos revellem os costumes de hoje.

E' escusado affirmar que em todas essas classes ha excepções numerosissimas e honrosas, que se distinguem e merecem a consideração e a estima dos que as conhecem: mas é ao tom geral da educação e aos seus productos mais universaes, que o critico de costumes tem de dirigir-se para os estudar.

As raparigas ricas recebem desde pequeninas a educação mais propria a desenvolver n'ellas

todos os seus defeitos ingenitos, a apagar todas as tendencias boas, a engrandecer-lhes a vaidade, a acendrar-lhes o egoismo, a destruir finalmente, no coração que assim se desvirtua e perverte, o proprio amor d'esses paes, d'essas mães ignorantes e imprudentes, que assim completam uma obra de verdadeira corrupção. Coitados! no seu louco amor pelas filhas, elles não percebem que, depois de as encherem de defeitos, são os operarios da sua propria demolição no espirito d'ellas.

O amor é tambem uma planta, que se semeia em terreno bom, que se trata com certas e determinadas regras, que se cultiva com o esmero e perseverança. Depende principalmente do *terreno* em que é semeada. Se é um coração egoista, todo occupado de si, no qual se amontoaram todos os elementos esterelizadores,

esse coração em que a gente semeia o seu affecto, que espanta que elle em vez de flôres dê cardos, em vez de ternura dê ingratição?!

A primeira cousa de que a mãe rica trata, logo que nasce a sua filha sempre tão desejada e mimosa, é de enfeitar com um ridiculo e pesado turbante, todo atravessado de pregos de ouro, a ama que a traz ao collo e a nutre ao seio.

Da pobre rapariga do campo, robusta e alegre, que o marido ambicioso as mais das vezes, ou as comadres tagarellas forçam a vir *crear para a cidade*, abandonando o proprio filho, que raro escapa á morte, – d'essa creatura infeliz, immolada em todas as nações pelos ricos e pelos felizes, e de que o notavel escriptor René Bazin nos fez uma empolgante descripção na sua «Donatienne» – a mãe feliz, vaidosa, inexperta e frivola, não tarda em fazer uma creatura odiosa,

exigente, pedinchona, cheia de caprichos, que, não satisfeitos, lhe alteram o leite, o humor, o caracter, e que satisfeitos, acabam por lentamente a corromperem, inutilizando-a para a sua vida futura na pobre cabana entre arvores, na pobre granja cercada de uma leira de terra humilde e triste... Oh! se houvesse em Portugal estatisticas demonstrativas dos costumes e das leis que os regem, veriamos que enorme contribuição de desgraçadas não daria á corrupção das cidades a classe das amas de casas ricas...

E' vel-as lutando entre si de riqueza, de cordões, de prégos de ouro, de turbantes de fita, cujas enormes pontas fluctuantes cahem até aos pés; é vêl-as grotescas, exuberantes, anti-naturaes, já inoculando vaidades, invejas, resentimentos pueris, maus humores caprichosos, com o leite que dão a beber aos pequeninos seres estranhos

que trazem nos braços, esquecidas dos proprios filhos!...

A dôce creancinha de olhos muito sérios, muito pasmados, ante o estranho e variado espectaculo da vida, sae finalmente do seio abundante que a nutriu, começa a dar os seus primeiros passos, adquire lenta mas progressivamente a consciencia da sua personalidade.

Qual é a faculdade para o desenvolvimento da qual tende todo o esforço da mãe, do pae, da familia, das aias velhas ou das ladinhas creadas novas?

A vaidade! Dizem-lhe que é bonita: vestem-na de tudo que ha de mais rico e de mais custoso, ensinam-na a fazer comparações entre si e as outras — as mais opulentas, para as invejar; as menos favorecidas, para se orgulhar de as vencer;

as pobres ou feias ou de baixa classe, para as desdenhar.

Cada phrase dita inconscientemente, e sem nenhuma intenção má, unicamente por pessima orientação moral e intelectual – cada phrase, que a creança ouve, escuta, rumina, e sobre a qual, mais cedo do que se julga, raciocina e reflecte, a leva a julgar-se um ente privilegiado, adorado, a quem tudo é permittido, que todos devem servir e para o qual vivem todos os seus. Vaidosa por natureza e indole – pois que é mulher, e na mulher a vaidade é um attributo nativo – esta educação fal-a mais vaidosa ainda.

O pae, a mãe, a avó, os tios, toda a gente a adora, a enfeita, a enche de mimos, se ri quando ella amuada, desdenhosa, já fastienta, recusa familiarisar-se com outras pequenitas menos bonitas, menos bem vestidas...

Não é a doçura da indole, não é o instinto compassivo que principia a aflorar, não é a meiguice que se prenuncia e que mais tarde póde transfigurar-se em fonte de abnegação e de sacrificio, que os que cercam a pequenina applaudem, amam, cultivam n'ella. Oh! não.

E' a sua vaidadesinha ingenua, é a sua presumpção engraçada, são as maneiras chistosas com que ella se vê já ao espelho, é o capricho ingenito, de que ella dá as primeiras provas.

Ninguem, de embevecido com a pequenita de tres ou cinco annos, que já revella defeitos de mulher, percebe que é urgente arrancar á dôce alma infantil, onde pódem florir rosas, violetas e lyrios, o escalracho damninho dos seus nascentes maus instinctos. Pelo contrario.

Tratam de os cultivar, achando immensa graça a cada fatal revelação de atavicos defeitos, que, ou

se hão de corrigir, ou hão de para sempre condemnar a mulher ao papel subalterno e inferior em que tem vivido, victima dos seus proprios erros, ou á revolta mais desgraçada ainda, em que dá exemplo de desvarios funestos e que é origem de catastrophes sem conta.

Veremos em breve o que faz agora – findo o periodo em que a menina andou entregue a amas, a *misses* e a quejandos accessorios feminis de casas elegantes – a mãe das classes opulentas, da sua filha de oito annos, com a qual se divertiu como com uma boneca linda e viva, mas á qual não deu ainda um unico impulso para o bem futuro.

5.ª CARTA

Reabilitação do trabalho

V

Referi-me, com o enternecimento que estas dôces figuras sempre me inspiram, mesclado com a saudade íntima de algumas que ainda conheci, ás senhoras dos nossos solares provincianos.

Estão estes hoje transformados, modernizados, pelo caminho de ferro, que favorece e provoca as viagens e a rapidez e frequência de communicações; pela centralisação exaggerada, que leva os homens para a capital onde a sua actividade pôde exercer-se; pela evolução natural dos costumes e das ideias; por mil causas, emfim, que não é licito a alguém ignorar.

Os que restam, são, pois, sobreviventes adoráveis de um passado extinto, ou conservam as antigas tradições por um esforço raciocinado, o que já lhes altera completamente a significação, a essência íntima.

No entanto, a minha referência, mesmo rápida como foi, achou eco em muitos corações namorados d'esse velho Portugal, que tem morrido aos poucos, sem que haja, por ora, nem muito carácter pessoal, nem individualidade muito accentuada, n'aquelle que o substitue.

Escrevem-me dizendo: – «Porque não tenta v., em vez de chamar as mulheres a uma nova compreensão da vida, persuadi-las a que voltem a esse antigo ideal, tão bello, tão dôce, tão perfumado de austeras virtudes?

«Porque é que as nossas portuguezas de hoje não hão-de ser semelhantes ás portuguezas de

outr'ora, tão caseiras, activas, occupadas com as mil labutações do seu lar?»

Meu Deus! Eu bem quizera, na nova orientação que tentaria dar á educação das nossas filhas, introduzir de novo, guardar, conservar muitas das velhas e deliciosas cousas que foram o encanto dos nossos avós! Mas retroceder ao passado? Creal-o de novo, inteiro e integro? Como? Quem é que tal conseguiu ainda!?

Talvez que as amigas a quem me dirijo não saibam que houve na Inglaterra, desde o meado do seculo passado até quasi que o fim d'elle, um homem nascido em 1819, morto em 1900, que teve essa aspiração ardente, apaixonada, levada quasi ao fanatismo.

Foi aquelle de quem aqui mesmo lhes fallei. Foi Ruskin. A Gran-Bretanha do seu tempo, commercial, industrial, toda enfarruscada com o fumo dos seus milhares de fornos fabrís, toda atravessada, até nos recantos da mais romanesca e ideal poesia, pela rêde emmaranhada das suas mil locomotivas, e que – depois de ter sido tão pittoresca nos seus aspectos naturaes, tão cheia de valles umbrosos, onde reinava o silencio, de florestas enormes, mysteriosas, onde vagavam os bandidos de Walter-Scott, de montanhas e de rochas que dominavam o mar de toda a sua gigantesca altura, essa Gran-Bretanha, que tinha em si a esmeralda viva, que é a Irlanda, a lendaria e accidentada Escocia dos highlanders, os verdes condados senhoriaes, os lagos inspiradores de toda uma escola de poetas, as costas abruptas do mar, – estava sendo agora terrivelmente prosaica

para o temperamento de poeta, de artista, de propheta allucinado e encantador, que foi Ruskin.

O que foi que elle tentou então?

Arrancar ao progresso, que odiava, alguns bocadinhos do solo onde podesse ainda fazer reviver a antiga poesia das cousas extinctas.

Gastou os milhões da sua fortuna herdada, e o muito que ganhou com os seus livros n'esta tentativa heroica, e foi vencido, é certo. Mas que exemplo suggestivo elle não deixa aos que souberem comprehendel-o!

E' que, realmente, os que derrubam continuamente sem guardarem alguma pedra sequer dos monumentos que destroem, não têm o sentimento vivo da continuidade da vida, e não sabem que é melhor ir modificando lentamente do que destruir sem dó e sem selecção tudo que se acha no caminho.

Ruskin quiz fazer essa tentativa de reconstrucção do passado, que me aconselhava uma das cartas que eu recebi. E que lindo projecto elle fez formando a sua *Associação de S. Jorge*, a que chamou *Guild*, á antiga moda saxonia!

O *Credo* ou os estatutos d'essa associação, a que era indispensavel subscrever antes de n'ella entrar (poucos foram os que entraram de boa-fé, e não por *dilettantismo* ou elegancia de esthetas), são de uma belleza ideal.

Eil-os aqui:

«I. Confio no Deus vivo, Todo Poderoso, Creador do Céu e da Terra, e de todas as creaturas visiveis e invisiveis.

«Confio na bondade da sua Lei e da sua Obra. E hei de procurar amal-o, guardar a sua Lei, e contemplar religiosamente a sua obra emquanto vivo fôr.

«II. Confio na nobreza da natureza humana, na magestade das suas faculdades, na plenitude da sua piedade, na alegria do seu poder de amar.

«E tentarei sempre amar o meu proximo como a mim mesmo, e, quando não conseguir amal-o assim, procederei com elle como se o amasse realmente.

«III. Trabalharei com quanta energia e quantas faculdades Deus me dér para ganhar o pão quotidiano; e tudo que as minhas mãos poderem fazer de trabalho, fal-o-hei o melhor que eu possa ou saiba, empregando n'esse empenho toda a minha vontade.

«IV. Não enganarei, nem collaborarei em qualquer engano feito ao meu proximo para meu proveito ou prazer; não offenderei, nem consentirei que se offenda nenhum sêr humano

para meu proveito ou prazer; não roubarei, nem consentirei que seja roubado alguém para meu proveito ou prazer.»

«V. Não matarei, nem magoarei nenhum sêr vivo sem necessidade; não destruirei nenhuma cousa bella, antes tentarei salvar e confortar toda a doce creatura viva e tentarei conservar no que possa, e, no que possa, aperfeiçoar, toda a belleza natural que encontrei n'este mundo ao entrar n'elle.

«VI. Luctarei para desenvolver quotidianamente no meu corpo e na minha alma as maiores virtualidades de dever e de felicidade! não em rivalidade ou emulação com outrem, mas sim para auxilio, deleite e honra alheia, e para alegria e paz do meu proprio sêr.

«VII. Obedecerei fielmente a todas as leis da minha patria e a todas as authoridades por ella

investidas do dever de governar-me, até onde eu supponha que essas leis ou esse governo estão em harmonia com as leis divinas; e, quando reconheça o contrario, combatel'as-hei leal e decisivamente, não com malicioso disfarce, ou desordem violenta.»

Como se percebe, este delicioso e nobre evangelho está muitas vezes em desacordo com a lei que nos ensinaram.

A grandeza, a bondade, a piedade ingenita do sêr humano são negados absolutamente pela Igreja quer Catholica quer Anglicana, para a qual o homem é o resumo dos mais vis instinctos.

Mas, sem entrar nos commentarios minuciosos ou na exegese d'esse credo poetico que seria uma bella transformação da

humanidade, direi apenas que, obedecido á risca, o fim material que determinava Ruskin a fundar essa *Guild* de S. Jorge, era trucidar o *dragão* do industrialismo, que corrompe, perverte, adocece e tem completamente transfigurado o sêr humano em toda a parte.

O seu fim moral era libertar a intelligencia humana do monstro tyrannico, que se chama *machina*. Era talvez, quando mais não fosse, salvar uma porção do povo da abominação moral e physica das grandes cidades, e tentar enxertar de novo a planta humana tão definhada e corroida de molestias desconhecidas, no genuino torrão patrio, purificado do vapor que extenua, embrutece e suja, da promiscuidade immoral, que faz das agglomerações densas das cidades industriosas novas tribus de selvagens, mais

perigosas, porque são, em vez de ferozes, corruptas.

Na sua associação Ruskin não queria nem machinas a vapor, nem luxo, nem ociosidade, nem *jornaes perniciosos*, nem erudição vã, nem instrucção, por assim dizer, mechanica.

Tres cousas materiaes indispensaveis exigia. ar puro, agua corrente, terra livre; outras tres cousas, tambem essenciaes, de ordem immaterial desejava: admiração, esperança, amor.

Querem ouvir o sonhador delicioso, cantando o sonho que lhe custou uns poucos de milhões?

«Vamos tentar fazer um cantinho qualquer do nosso territorio inglez, bello, tranquillo e fecundo! Não haverá lá nem machinas a vapor nem caminhos de ferro; não haverá lá tão pouco creaturas sem iniciativa e sem vontade. Lá, desgraçados, serão só os doentes, e, ociosos, serão

sómente os mortos. Não é a liberdade que ahi proclamaremos, mas sim a obediencia ás leis reconhecidas, ás personalidades designadas; não queremos lá a igualdade impossivel; mas o destaque luminoso de tudo que fôr superior e a reprovação de toda a inferioridade.

«Quando quizermos ir a qualquer sitio, iremos com tranquillidade e segurança; não a 60 milhas por hora, em perigo imminente de vida. Quando quizermos transportar qualquer objecto, leval-o-hemos ás costas dos nossos animaes ou em carroças e barcos. Teremos abundancia de flôres e legumes nos nossos jardins e hortas, muito trigo, muita herva nos nossos campos e pouco tijolo nas nossas habitações. Teremos um pouco de musica e de poesia. As creanças aprenderão a dansar e a cantar n'este cantinho da nossa terra; talvez que alguns adultos o queiram fazer tambem em

ocasião adequada. Pouco a pouco, alguma arte sincera, alguma imaginação superior se ha-de manifestar no nosso seio, e tenues raios de sciencia irão brilhando aos nossos olhos...»

Era o Eden outra vez, o Eden – d’onde o homem sahiu para a Lucta, para a Dôr, para o Crime, para a Tragedia e tambem para a apotheose final da sua força e da sua energia, – que Ruskin quiz crear, sem, já se vê, o conseguir, mas atirando a flux, na sua prosa encantadora, perolas, diamantes e flôres, a quem, embevecido, o escutava e seguia.

No terreno agricola a sua tentativa de reconstrucção de um mundo áparte, ignorando tudo que o mundo cá fóra sabia e adquirira em seculos de tormentosa aprendizagem, falhou completamente, como não podia deixar de ser.

No terreno industrial o Apostolo da nova, ou antes da renovada lei, foi um pouco mais feliz.

Tinham-lhe dito que nos campos tão pittorescos de Westmoreland as pequenas industrias ruraes e caseiras desapareciam lentamente. Já não havia quem entalhasse a madeira, já não havia quem fiasse, nem tecesse á mão o bom e fresco linho de outro tempo.

Foi então que um dos seus admiradores apaixonados, habitante d'esse condado, lhe prometteu restabelecer a industria das fiandeiras, no paiz todo curvado ao imperio das machinas.

Imagine se que não havia meio de encontrar a primeira roca, o primeiro fuso, o primeiro tear!...

Correu-se todo o valle de Longdale. Fizeram-se annuncios nos jornaes, n'esses perniciosos jornaes condemnados pelo proprio Ruskin á desaparição completa. Finalmente, em casa de

uma velha, que nos seus tempos fiára, descobriu-se uma roca mettida no sótão, com as cousas abandonadas. Essa primeira roca foi levada em triumphal procissão atravez das ruas.

Descobre-se tambem, depois de mil pesquisas, um tear feito em pedaços. Ninguem sabe como ha-de reconstituil-o. Felizmente, um desenho do tear que está esculpido no *Campanile* de Gioto, *A torre do pastor*, restitue a tradição da idade média, e na *Odysséa* de Homero os *ruskinianos* aprendem a branquear e córar o linho que leves mãos de mulheres vão fiar, dobar, tecer!... Parece um conto de fadas, ou uma phantasia de Shakspeare!

A sociedade elegante perfilhou por capricho, por chic, alguns por philantropia, a ideia de Ruskin. Cria-se depois da industria do linho preparado só pelas mãos femininas, e que

prosperava auxiliada pelas altas classes, a industria da lã, do *homespuu* que as *ladies* fastientas e os *dandies* mais em evidencia usam com ostentosa garridice.

Não são machinas a vapor, são moinhos movidos pela força da agua, agente natural e não modificado, que cardam e preparam a lã dos carneiros negros da ilha de Man. E essa industria, creada pela energia de um estheta, restitue a uma região decadente alegria e abundancia e vida.



Mas, como tudo isto é ephemero, artificial, por extremamente localizado! O que não será ephemero, o que não é artificial nem inutil, é a passagem luminosa de Ruskin pelo mundo da Arte, do Pensamento, da Natureza, que elle tanto amou.

A sujeição ás suas leis divinas, depois de bem compreendidas e de bem interpretadas; esta ideia em que elle tanto insistia, atravez das contradicções, dos contrastes, das incoherencias da sua obra longa e cheia de musica como o mais bello poema, essa é que todos devemos meditar e cumprir.

E' impossivel voltar atraz na educação, na comprehensão da vida. De accordo. O passado, no que respeita á pobre e sacrificada mulher, não merece, no seu aspecto geral, nem grande saudade, nem grande respeito.

Mas n'esse tempo, a par de mil imperfeicções, havia cousas deliciosas. Para quê perdê-las? A mulher, mesmo nas mais altas classes, era laboriosa.

Já de si o trabalho constitue *uma virtude*. Quem trabalha ora. Para que são hoje as raparigas

das classes ricas educadas n'uma tão completa e nociva ociosidade?

Porque, em logar de andarem de festa em festa, de sala em sala, de *cura de ar* em *cura de uvas*, de banhos de mar em banhos de caldas, não teem ellas socego na casa familiar? Porque lhe não criam amor? Porque se percebe com rapidez assustadora esta transformação completa de costumes, que roubou talvez a mulher á escravidão antiga, mas fez d'ella uma creatura futil, errante, sem repouso, sempre ávida de gozar, de divertir-se, de exhibir-se, de provocar admirações, invejas, commentarios ou galanteios?

E' urgente, é preciso restituir ao trabalho, a todo o trabalho, a dignidade, a belleza, a graça, a quasi santidade!...

Como é que póde exigir-se que uma creatura humana, arrastada n'uma vertigem de movimento

e de vaidade, sempre no theatro, sempre nos circos, sempre nas ruas, nas salas onde a *cohue* é mais desnsa e e menos selecta; nas praias, onde se perde quasi que a noção da distancia entre os sexos; nos casinos, onde se exhibem *toilettes* caras, etc., etc.? como póde exigir-se que ella cumpra o dever arduo que a vida lhe impõe em todos os seus multiplos aspectos?

E' por isso que eu comprehendo bem o pensamento que levou algumas pessoas a escreverem-me pedindo-me que chame a attenção das minhas leitoras para essa vida de provincia, hoje quasi extincta, e que as anime no sentido de voltarem a esse passado ainda recente em que havia tão bellas cousas!

Impossível! Nunca se torna a crear por um acto de vontade o que se perdeu pela acção evolutiva dos costumes e das ideias.

Terminando esta carta de hoje, que é uma digressão e não a continuação logica das antecedentes, ainda evocarei na memoria o aspecto de uma d'essas casas perdidas no interior de provincia remota, em que teve a felicidade de repousar alguns mezes, após uma catastrophe que lhe destruia e lhe enchia de ruinas a vida, alguém que eu conheço muito.

Foi de noute que, viajante extenuada e triste, esse alguém entrou a vez primeira na casa hospitaleira, que tão fraternalmente a acolheu.

A porta da grande sala de espera azulejada estava aberta de par em par; ao lado, a mesa estava posta na casa de jantar, toda cheia de luzes e de flôres.

Sobre a mesa e sobre a toalha alvissima de linho fiado e tecido em casa, havia uma quantidade extraordinaria de cousas que *se não compram*.

Fructas que haviam seccado nos grandes taboleiros de rêde, que se põem todos os dias ao sol e se retiram á tarde para o celleiro; dôces especiaes feitos por mãos delicadas e esguias; iguarias regionaes, que em mais parte alguma se encontravam, e bôlos que tinham vindo n'aquelle instante do forno e que estalavam sob os dentinhos agudos da creançada em festa. Como elles riam! Como se dilatavam contentes os labios e os corações dos pequeninos, que acabavam de estar em contacto directo com a Morte que os fizera orphãos; que acabavam de atravessar dias tenebrosos, sentindo-se inundar pelas lagrimas maternas, e que ali agora, no solar provinciano, ao

pé de uma santa, muito mansinha e alegre e hospitaleira, e diante das riquezas da mesa pantaguelica, tudo esqueciam, acariciados pela placida luz d'essa casa tranquilla!

Correram mezes! A vida alli era monotona mas rapida ao mesmo tempo. Cada hora tinha a sua occupação propria, cada pessoa a sua tarefa especial.

As senhoras, de alta estirpe, como eram, trabalhavam com a humilde sujeição ás leis necessarias, que caracteriza todo o sêr sensato e bom. Fiavam á noute nas suas rocas, cosiam, bordavam, vigiavam o trabalho da casa, vellavam para que, da vasta cosinha de altas chaminés, fossem quotidianamente as rações bem divididas aos criados da lavoura, o que não obstava que á noute lêssem, ouvissem lêr, conversassem interessadas, curiosas, ou que a mais moça das

senhoras passasse os finos dedos pelas teclas do piano, acompanhando alguma vaga e dolente canção...

As tardes na matta eram uma delicia, um repouso d'alma. Que bom cheiro silvestre, que pollular de pequeninas vidas mysteriosas na herva que crescia em torno aos carvalhos gigantes...

Mas de que serve um exemplo isolado? Que monta uma saudade, que jámais poderá voltar a realisar-se?...

O que é necessario é accomodar a vida ás condições actuaes, irreductiveis, invenciveis, avassaladoras! O que urge é fazer d'esta vida, que não póde deixar de ser diversa do que foi, alguma cousa que, ainda assim, obedeça ás eternas leis de harmonia moral, de seriedade, de utilidade pratica e de elevação intima, sem as quaes as sociedades não pódem durar ou subsistir.

6.^a CARTA

O mais grave problema da educação feminina

VI

Na minha ultima carta, dizia eu assim:

«O que é necessario é accomodar a vida ás condições actuaes, irreductiveis, invenciveis, avassalladoras! O que urge é fazer d'esta vida, que não póde deixar de ser diversa do que foi, alguma cousa que, ainda assim, obedeça ás eternas leis de harmonia moral, de seriedade, de utilidade prática e de elevação intima, sem as quaes as sociedades não podem subsistir nem durar.»

Este deve ser o *desideratum* de todo o educador.

A cada periodo da longa evolução das sociedades corresponde um certo ideal na maneira de educarmos nossas filhas. O que foi bom hontem, deixa hoje de ter razão de ser!

D'aqui a impossibilidade de systematisar em tratados, que durem, a formação das gerações, que vão passando!

Nas minhas cartas, escriptas ao correr da penna, um pouco, á *bâtons rompus*, sem obedecer a um plano, que se não compadece com a rapidez ephemera do trabalho jornalístico, eu tenho conversado no que me vai occorrendo, sem pretensões a estabelecer as bases axiomaticas de um methodo pedagogico.

De resto, para quê? No nosso tempo, de extremo individualismo, parece-me que não se pódem crear escolas de genero nenhum.

Differem tanto os caracteres, os temperamentos, os modos de entender a vida, os modos de viver! Cada um tem a sua ideia do que seja a felicidade, e, pouco mais ou menos, todos se entregam á busca incessante d'essa chimera, sem darem grande valor ás cousas fundamentaes da existencia. E, no entanto, nós não nascemos para ser felizes: nascemos para preencher, no curto espaço e no curto periodo de uma vida mortal, alguns deveres essenciaes, que concorram e cooperem para a harmonia social indispensavel em cada *étape* da civilisação, que a humanidade vai atravessando.

A felicidade individual é um sonho devastador, destructivo de toda a ordem! E senão observem:

Este põe a sua felicidade na posse de muito dinheiro. Quantos infortunios não causa em roda

d'elle essa sêde de ouro, que nunca se sacia senão á custa de alguém, de alguma cousa, atravez de ruínas e de catastrophes!

Aquelle põe a felicidade na posse e realisação de um violento amor. E' mais destructiva ainda a sua paixão, que a da riqueza! Uma paixão assim é uma cousa funesta e terrivel. Passa n'uma vida e devasta-a. Para se realisar integralmente não ha nada que ella não sacrifique, immolle ou esqueça!

No seu egoismo assollador, que lhe importam o sangue ou as lagrimas?

E' por sua natureza violenta, exclusiva e ephemera. Forte do seu proprio direito, não respeita os direitos de ninguem.

Inconsciente da força que a arrasta, passa como um tufão atravez de vidas innocentes e mutila-lhes as alegrias e os sonhos. Isola, como a loucura ou como a morte; torna differentes os

seres que a sentem e que, por sentil-a, soffrem a ponto de esquecer os soffrimentos de que são causa. Um violento amor é o elemento mais anarchico, mais dissolvente, que existe na sociedade e na vida.

A ambição é tambem uma das chimeras em que muita gente põe a sua felicidade. Que engano! O ambicioso, principalmente quando a sua ambição, como quasi sempre succede, se complica de vaidade, padece torturas, ao pé das quaes as torturas da Inquisição são simples distracções, quasi agradaveis.

Ao encontro de cada ambição satisfeita, de cada vaidade acariciada, véem logo, terrivelmente insaciaveis, outras ambições e outras vaidades. O que hontem alcançou, merece-lhe hoje desdem; o que lhe inspira soffrega avidéz, é o que ha-de

alcançar amanhã. Quem disse que elle gostava d'isto, que lhe déram?

O que lhe negam ainda é que elle quer, com intensa e dolorosa energia!

A final, de figado doente, de physionomia devastada, envelhecido antes de tempo, quasi maniaco de *personalidade*, com a hypertrophia do *eu*, a peor de quantas existem, elle cahe na sepultura, mas não se deita n'ella O repouso não lhe diz nada!

Recebe-o, mas não o acceita; revolta-se contra elle; não o deseja!

E, assim como são vasis e inanes estes tres sonhos de felicidade humana, tambem é o da sciencia, como tão sublimemente o fez sentir Goethe no seu *Fausto*, e o da Arte e o da Gloria, e todos, todos, emfim!

Partir do principio de que a felicidade não é o fim da vida, é talvez o unico meio de possuir, não essa felicidade irreal, que nunca existiu, a não ser na imaginação do homem, fertil na invenção das proprias torturas, — mas essa calma e superior acceitação das condições da mesma vida, essa resignação activa, que reage sobre o infortunio para o fazer menor, que resiste ás tentações da mentira, para as tornar menos perigosas, e sem a qual a existencia humana se torna quasi intoleravel.

Qual é o poeta, que não falla com apaixonada eloquencia no *mal de viver*? Qual é o burguez laborioso e calmo, que invoca essa grandiosa agonia da alma insatisfeita que, desde Salomão até nós, tem enchido as litteraturas do mundo inteiro?!

E' que o poeta, o genio, qualquer que elle seja, soffre pela sua impossibilidade ingente de adaptar-se ás condições humildes da vida, enquanto que o homem sem ambições e sem phantasia acceita as leis, que achou, e cumpre-as resignado.

A obra da educação consiste, pois, em crear, quanto possivel, faculdades de adaptabilidade ao meio ambiente, nas creaturas que educamos.

Fallei já, aqui mesmo, nas discipulas da Casa de Saint Cyr, que eram, no tempo de madame de Maintenon, o producto mais genuino e aperfeiçoado e completo, da educação aristocratica.

Imaginem o que seria uma pobre *demoiselle de Saint Cyr* perdida na barafunda da nossa

democracia actual! Mais que um anachronismo, um lamentavel *fiasco*.

Fallei também — e com que saudade só eu sei — nas nossas adoraveis senhoras dos solares provincianos, donas de casa ideaes, ignorando tudo que não fosse o amor e a ternura pelos seus, a caridade para os pobres e as mil virtudes e prendas da *ménagère* perfeita. Colloquem hoje essa creatura, modelar no seu genero, deliciosamente harmonica com o meio que a cercava, na sala de recepção, ou presidindo ao jantar, na casa de um d'estes terriveis *parvenus* modernos da finança ou da politica!

Vejam o que ella poderá fazer entre paixões famintas, entre vaidades em que a ferocidade se allia ao grotesco, entre cobiças irritadas, entre susceptibilidades doentias de ambiciosos desconhecidos, entre intrigas réles e complicados

enredos, de um labirinto sem saída, entre o *snobismo* e o amor próprio á solta!

E podia assim multiplicar os exemplos! Não ha, pois, educação; ha educações. Não ha systema préviamente estabelecido; ha a comprehensão da oportunidade e da utilidade de certa e determinada orientação intellectual.

Isto não é dizer que não haja para a educação uma base moral indestructivel, um indispensavel e universal fundamento.

Nós somos muito attreitos a confundir, sob o nome generico de *educação*, a cultura completa de um character, de um coração, de um espirito.

E' necessario que essa cultura seja simultanea; mas não é a mesma ordem de ideias que a dirige.

Toda a mulher, quer seja pobre ou rica, burgueza ou nobre, filha de um operario ou de um duque, tem de ser casta, veridica, bondosa,

dedicada e pura, para realizar o ideal, que até o mais humilde dos homens fórma da companheira da sua vida, da mãe dos seus filhos. Mas no modo de preparar estas tão diversas creaturas para a vida. que hão-de viver, é que está toda a differença.

Emquanto que o coração da mais pobre póde ser, nos requintes da sua caridade, na grandeza da sua dedicação, na ternura da bondade, igual ao da mais opulenta e privilegiada; emquanto que o character de uma mulher do povo póde ser tão honesto, verdadeiro e firme como o de uma princeza — isto, já se vê, se ella foi creada entre bons exemplos e nasceu dotada de instinctos finos e nobres, — a educação intellectual é que tem de ser completamente diversa, conforme as classes, conforme os destinos, conforme as situações.

E é a confusão extraordinaria que leva o merceeiro apenas remediado a querer que a sua filha seja educada no Recolhimento elegante em que é educada a filha do marquez de *vieille roche*, e que leva o marquez a querer que a sua filha, estreitamente orientada no sentido de uma educação cheia de superstições, que nada téem com a verdadeira religião christã, tudo ignore do grande movimento scientifico, artistico, philosophico, do seu tempo, — que faz, mais tarde, com que a filha do merceeiro empobrecido, a qual sabia apenas tocar piano mal, bordar pequenas monstruosidades a missanga e casca de cebola, papaguear phrases inuteis em tres ou quatro linguas e pouco mais, se ache desarmada diante da dura tarefa de ganhar o pão quotidiano — emquanto que a filha do marquez, sahindo na sua completa ignorancia do convento, onde foi,

não educada, mas resguardada, — ao achar-se no meio sceptico e corrupto, ligeiro e pervertido, em que entra de repente, pelo braço do marido, que ajuda a pervertel-a mais, se encontre desarmada igualmente, não perante o trabalho, mas perante a ociosidade, não diante dos labores de uma vida difficil, mas diante das multiplas tentações, das illusões, e das delicias de uma vida facil de mais.

Logo que a nossa filha cresça e chegue á idade em que precisa ser não só educada mas instruida, o primeiro problema que se apresenta diante da boa mãe é o seguinte:

«Devo continuar a ter a minha filha ao pé de mim, ou mandal-a para um collegio, convento, recolhimento, pensionado, ou como queiram chamar-lhe?»

No que respeita a conventos, Fénelon, no seculo XVII, Dupanloup, no seculo XIX, parece-me serem auctoridades attendiveis no assumpto.

Ambos elles criticam superiormente a educação do convento para a rapariga que tem de viver no mundo.

Ouçamos o primeiro:

Nos seus conselhos a *uma senhora de qualidade*, Fénelon não hesita em pronunciar-se pela educação da filha no seio da familia, ao pé da mãe, que é a melhor companhia que ella pode ter, ao passo que ella é tambem a salvaguarda mais efficaz, que a mãe moça pode encontrar na vida.

Os conventos são necessarios, quando ás mães falta toda a intelligencia, toda a cultura, ou aquella seriedade de vida indispensavel, sem a qual a lição é inefficaz e inutil.

Mas, se taes circumstancias se não dérem, quantas vantagens na educação maternal!...

«Se o convento não é regular, a discipula perceberá alli como se tem em conta a vaidade, que é de todos os venenos o mais subtil para uma rapariga. Ouvirá fallar da sociedade como de uma especie de região encantada, e não ha nada que faça mais perniciosa impressão do que essa enganadora imagem do mundo, que de longe é contemplado com admiração e do qual se exaggeram todos os prazeres, sem se lhe lembrarem os desapontamentos e as amarguras. Nunca o mundo deslumbra tanto como quando é visto de longe, sem que possamos vê-lo de perto e sem que estejamos precavidos contra as suas seducções. Por isso, tenho mais receio de um *convento mundano* que do proprio *mundo*.

«Se, pelo contrario, o convento é d'aquelles em que existe o verdadeiro fervor e onde se cumprem á risca as leis da sua instituição, uma rapariga cresce e desenvolve-se alli na perfeita ignorancia da sociedade. E', sem duvida, uma feliz ignorancia, mas no caso de poder durar sempre.

«Todavia, se essa rapariga sahe do convento e passa de repente para a casa paterna, onde se reflectem todas as influencias do mundo, muito perigosa se torna a surpresa, o abalo que sente essa imaginação, que por força ha-de ser viva! Uma rapariga, que está desprendida das cousas do mundo, unicamente porque as ignora, cuja virtude não tem profundas raizes nem póde tel-as, começa por imaginar logo que lhe esconderam o que a existencia tem de mais attrahente e maravilhoso. Sahe do convento como uma pessoa que

houvessem forçado a habitar as trévas de uma caverna profunda, e que de repente se achasse em plena e deslumbrante claridade.

«Vale mais que uma rapariga conheça pouco a pouco o mundo ao pé de uma mãe piedosa e discreta, que só lhe mostre o que fôr conveniente que ella veja, que lhe revele os defeitos que é necessario evitar, que lhe dê o exemplo da moderação nos gozos que elle oferece!...

«Aprecio muito a educação dos bons conventos, mas aprecio mais ainda a que uma boa mãe póde dar, quando tem tempo de entregar-se a essa missão.»

7.^a CARTA

No Convento

VII

Prometti na minha ultima carta dar ás leitoras a opinião de monsenhor Dupanloup a respeito da educação dos conventos.

Na sua bella obra «Education des Filles», lamenta-se este prelado eminente, na Carta XI dirigida á directora de um grande pensionato, de que a religião seja ligeira e superficial nas casas de educação que mais valor deveriam dar a esta base, para ellas a mais sólida do ensino moral que proporcionam.

Alli as instrucções religiosas são dadas «sob a fôrma de uma classe vulgar e sem que o espirito

anime a letra d'essas lições... E' apenas uma aula, mais enfadonha do que as outras!»

A respeito dos modernos livros piedosos, que se dão a ler e a decorar á gente moça, Dupanloup tem phrases de viril e aspera censura, que o honram altamente.

Os mais absurdos na sua pretensão e na sua mediocridade são justamante os mais lidos e espalhados. Esses livros pervertem o gosto e estragam o sentimento religioso de quem os lê. Se as discipulas são devotas, como se affirma, póde tambem affirmar-se, sem medo de errar, que poucas ha que sejam genuinamente christãs. A imaginação e a sensibilidade: eis os dois elementos d'essa especie de devoção terna, mas sem raizes, em que as almas acabam por lethargiar-se, o que não póde conduzil-as depois

pelo caminho rude e estreito de que falla o Evangelho.

«Obrigam-nas, em nome d'essa piedade futil, a fazer pequenos actos de virtude pueril» nos quaes as exercitam.

Mas transformar-lhes o coração, corrigir-lhes a preguiça, a vaidade, a dissipação, o egoismo, a insupportavel personalidade, n'isso não se pensa quasi nunca.

Acceitam-se as bellas apparencias e pouco se trata de ir ao fundo dos defeitos reaes de um character, e ninguem sabe dar um alimento forte e bom á piedade prática d'esses juvenis corações...

«Essas brilhantes raparigas que sahem dos conventos lembram, em assumptos de piedade religiosa, rhetoricos que não houvessem

aprendido a grammatica... Podiam³ dar-lhes lições de verdadeira religião as pequenas camponezas sólidamente instruidas e christãmente educadas por uma irmã de caridade da aldeia.»

«Por isso, logo que ellas sahem do convento — diz ainda o bispo, cuja palavra auctorizada invoco, para que se não julgue que a minha é parcial — os seus defeitos, que cresceram na sombra, expandem-se, sahem como pequenas feras de uma floresta espessa e, muito vez, ai de nós! não encontram força que os contenha!»

Devo accrescentar que tenho sido, mais de uma vez na minha vida, que, infelizmente, já vai

³ Nota dos editores: no livro fonte, a letra «a» encontra-se invertida nesta palavra.

longa, testemunha presencial d'este phenomeno apontado com tanta sagacidade por Mrg Dupanloup. A pequena, aos dez annos, era vaidosa, sonsa, egoista; falseava a verdade a cada passo, ou para se desculpar, ou por simples amor da arte; tinha o *coquettismo* ingenito que já se traduzia nos olhos, nos gestos, no modo de comportar-se. — Bem! A familia, que estava pouco disposta ao enorme trabalho que seria domar, educar, disciplinar um animalzinho d'este genero, confia essa responsabilidade e essa missão tremenda à *ces bonnes sœurs!*

Coitadas! Estas já não se lembram do tempo em que viveram no mundo, se é que viveram algum tempo ahi! Têm a sua alma ingenua e dôce toda occupada de orações, de gestos rituaes, de pequenas práticas minuciodas, de pequenos deveres marcados hora a hora. Já que renunciaram

a todos os gozos e a todas as agonias da vida d'este mundo, já que não pódem amar nem ser amadas, nem vestir-se de rendas e sêda, nem alegrar o corpo em festas e banquetes, nem experimentar as acres delicias de ser mães; já que, emfim, tudo que era terreno, immolaram ao Christo ensanguentado, que lhes sorri extatico de dôr do alto da sua Cruz — o que ao menos querem é ter paz e quietação. E são ellas que têm toda a razão.

Trazem-lhes pois aquelles pequenos animaes ferozes, todos gula, vaidade, tagarelice e preguiça, para transformarem em perfeitas e admiraveis creaturas de verdade e de dever, e as pobres irmãs quedam-se attonitas a pensar no meio de realizar tão alto milagre...

Quanto ás pequenas encarceradas, essas com o instincto infallivel que approxima toda a creança do selvagem, não tardam um minuto a perceber

que o que se exige d'ellas alli, n'aquelle novo meio de obediencia e de resignação passiva para que são transplantadas, é que *pareçam* boas, que *pareçam* doces, que *pareçam* humildes, que *pareçam* emendadas dos defeitos que lhes mereceram a clausura!

La forme, la fo-orme, como diria Brid'oison!

E poucos mezes depois, quando a pequena vem a férias, a gente ouve a mãe dizer radiante: «Já não parece a mesma! E' muito obediente, muito docil, muito calada! Uma transformação completa feita pelas boas irmãs!»

Oh! quantas vezes eu tenho visto o olhar de soslaio, furtivo e rapido, com que a pequena accentua ou sublinha este elogio materno de tão superficial significação, de tão impossivel realidade!

E não é contra as irmãs ou contra as freiras, que esse olhar escapado á cautelosa reserva adquirida sob a regra estreita e niveladora do convento, prova qualquer cousa! Longe de mim pensar tal injustiça!

As irmãs fazem o que pódem!

Não são, já se vê, tão profundas conhecedoras do coração humano como os jesuitas, por exemplo, que esses não entram na Ordem sem uma selecção cuidadosamente feita, e só chegam ao ensino os que realmente possuem raras qualidades de intelligencia e de poder sobre as almas! São umas pobres mulheres sinceras e boas, ás quaes não sorri na terra um unico prazer.

Consideram a vida um curto periodo de expiação, além do qual está o Céu e as delicias evocadas dia e noute pelo seu ardente mysticismo.

Educar creanças é para ellas, não um prazer, não uma missão alegremente acolhida, mas uma expiação a mais, uma provação que é força acceitar para bem merecer. A esse rebanho inquieto de creaturinhas vindas das mais diversas procedencias, victimas das mais estranhas hereditariedades, acostumadas aos mais differentes meios, ellas só tratam de impôr uma regra uniforme de compostura, de silencio, de disciplina, de trabalho regrado!

Assim como n'ellas — pobres esposas de Christo — tudo que era vontade livre, espontanea, pessoal, foi esmagado, assim julgam tambem fazer um serviço ás suas discipulas, impondo-lhes uma regra una, dentro da qual não cabem, não pôdem caber os caprichos do character individual, as *nuances* da alma indisciplinada.

A pequena se é esperta — e quasi sempre uma creança é esperta aos dez annos — cumpre á lettra o regulamento e deixa crescer dentro em si, na sombra impenetravel da sua alma, que ninguem sabe sondar, a espessa vegetação dos instinctos, das paixões, dos defeitos, de que tenha em si a virtualidade e o germen.

E' para ella uma estranha voluptuosidade o perceber que, tão pequena, illude tanta gente que lhe é superior.

Cala-se e vive dentro de si mesma com intensa e dolorosa energia.

Os paes, que ella assustára com uma certa malicia precoce, chegam a acreditar piamente que ella esqueceu o que já sabia aos dez annos. E' uma santinha, educada por santas!

Chega o momento de voltar á casa materna. Primeiro resultado: A sua tendencia é julgar a mãe

que a separou de si e condemnal-a. Segundo: como viveu longos annos longe de seus paes, não tem por elles senão o affecto superficial que teve pelas freiras, que teve pelas amigas, que teve por tudo que tocou na sua alma cauta e dissimulada, sem deixar de ser ligeira e futil.

A privação em que viveu de prazeres e de distracções, torna-a insaciavel de festas. Sabe *querer*, porque aprendeu a cultivar a sua vontade, não exercendo-a ao ar livre, mas forçando-a a acceitar, sem revolta exterior, as tarefas e os deveres de uma vida toda regrada, pautada, uniforme e monotona!

Notando a correr alguns dos effeitos da educação do convento, concordo que elles só se fazem sentir perniciosamente nas creanças, cuja

indole nativa precisasse de ser transformada pelo trabalho lento e carinhoso da mão maternal.

Ha raparigas insignificantes e optimas, que sahem do convento como lá entraram; talvez mais insignificantes e mais... optimas, se assim póde dizer-se.

Todo o character complicado e perigoso se complica; porém, muito mais, sujeito a uma regra estabelecida e uniforme, que não admite excepções; toda a creatura em quem ameaçam desenvolver-se os defeitos capitaes da mulher, vaidade e dissimulação, sahirá mais vaidosa e mais dissimulada de um meio em que as apparencias supprem (e não pódem deixar de supprir) a verdade essencial das cousas!

Isto mesmo diz melhor do que eu Dupanloup:

«Uma grande parte do damno provém de que até as melhores mestras descançam

demasiadamente nos regulamentos, e não tentam influir fortemente na alma das discipulas, e sómente se preocupam de regular o exterior sem exercitarem nenhuma das forças vivas do coração e da razão d'essas creanças.»

Por isso Dupanloup entende que «a educação, mesmo quando mediocre no seio de uma boa familia, é preferivel á educação do convento».

O que mata em germen todo o principio bom da educação é o mechanismo sêcco e duro, o formalismo glacial, a falta de alma, de iniciativa propria da parte do educador.

Uma alma é sempre absolutamente diferente de outra alma!

A cada creatura humana convém uma cultura especial para que ella dê toda a sua flôr, todo o seu fructo, e toda a sua sombra fecunda mais tarde, chegada a hora do pleno estio.

Quantas vezes tenho ouvido mães dizer:
«Eduquei os meus filhos exactamente da mesma
maneira, castigando, recompensando,
acarinhando igualmente a todos e sahiram-me tão
diversos!»

Mas foi por isso mesmo! E' que ao olhar
intelligente que penetra as almas e as distingue
entre si é obvio que cada uma d'ellas exige um
tratamento diverso.

Por isso Musset, que tem ás vezes raios de
vaga e mysteriosa luz shakspeareana no seu olhar
claro de poeta latino, faz dizer a um dos heroes
dos seus dramas:

Oh! quelles solitudes que ces corps humains!

E é bem verdade!

Dir-me-hão que em todo o caso é impossível para cada criança um educador especial. De accordo. Mas o coração das mães é milagroso, e no dia em que esse coração, todo amor, fôr guiado por um methodo intellectual digno da missão que a natureza lhe destina, a educação das nossas filhas ha-de ser superior ao que tem sido até hoje.

A biologia, a psychologia, os diversos trabalhos de pedagogos intelligentes e dedicados já têm feito muito no sentido de revelar aos profanos o que é esse mundo de graça, delicadeza, mysterio e mimo que é a *alma da criança!*

Conhecer a fundo o que essa alma exige para desenvolver-se no sentido das suas tendencias melhores — eis o que é simplesmente a educação maternal.

A obra integral da cultura de um ser humano não póde ser fraccionada, sem que maus

resultados provenham d'esse fraccionamento anti-natural.

Se eu sou corpo, intelligencia e coração, tão associados e unidos, que em mim propria não distingo o que pertence a uma ou a outra d'estas tres forças que me constituem, como é que, na educação de um ser humano, eu hei-de consentir que o corpo, a intelligencia e o coração sejam distinctamente cultivados, sem uma orientação que unifique essa triplice cultura?

A mãe não se obriga a ensinar a sua filha as materias que dizem respeito á instrucção propriamente dita; mas deve, se quizer que seja harmonica e benefica a instrucção de sua filha, dirigir o caminho que esta tem de levar.

No seculo XVI, por exemplo, as mulheres de alta e invejavel instrucção eram as que sabiam

latim e grego. No seu tempo, o saber reduzia-se a isto e pouco mais.

Quem podia lêr Homero e Sophocles, Virgilio, Horacio e Cicero, no original, era um sabio! As sciencias estavam onde as tinha deixado a Antiguidade. As linguas modernas estavam em formação. Para a historia não havia elementos nem methodo.

As artes floresciaam esplendidamente; mas, se todos tinham alma para as admirar, o numero dos que as cultivavam era, felizmente para ellas, diminuto.

Quem tivesse muita vontade de estudar, era capaz de saber tudo que sabia o seu tempo.

Hoje, porém, que enorme, que incalculavel differença!

Ninguem póde saber senão uma parcella minima do que sabe o seculo XX na sua aurora

esplendida! e comtudo, os que têm auctoridade para se pronunciar em assumptos d'esta transcendencia, dizem que relativamente á duração da especie humana do passado e áquella que, segundo os calculos mais rigorosamente scientificos, é permittido assegurar-lhe no futuro, o seculo XX em relação á evolução geral da humanidade está pouco mais ou menos na situação de uma creança de dous annos, comparada á duração normal de uma vida de homem.

O nosso antepassado das cavernas é o recém-nascido; o homem actual é a creancinha cuja intelligencia começa a despertar, mas que já se differencia bastante d'aquelle.

Pois bem! Apezar d'este atrazo enorme relativo ao que a humanidade ha-de vir a ser,

existe um innegavel progresso sobre o que ella já foi.

Por isso a educação da mulher, que não deve *especialisar-se*, como infelizmente se está especializando a de muitos homens, tem de seguir nos seus traços geraes aquella phrase tão sabida e já citada aqui de Molière.

Ter *des clartés de tout*, quer dizer ter a clara noção dos resultados obtidos pelo trabalho secular do homem, sem ao mesmo tempo penetrar nos meios graduaes pelos quaes elle alcançou esses resultados.

Gréard, grande pedagogista morto ha pouco, exige para a mulher, de quem tão do coração se occupou, «um ensino sobrio, despido das difficuldades technicas, um *ensino de resultados* e de *conclusões*, que ponha com exactidão os sentimentos, as ideias, as invenções, os

descobrimientos da civilização humana em plena luz.»

A sua definição da educação é a seguinte: «*C'est le perfectionnement dans l'ordre de la Nature*». E' o aperfeiçoamento segundo a Natureza!...

Ainda aqui é a mãe que póde prestar a sua filha um serviço incalculavel.

E' que na mulher já feita pelo tirocinio e pela experiencia da vida, o instinto vai mais longe que a logica viril mais vigorosa.

E' ainda Gréard que diz: «Emquanto nós discutimos, ella observa; é-lhe familiar o grande livro do mundo; adivinha, desfia, penetra; no detalhe das cousas da alma não ha mais maravilhoso psychologo.»

Por isso, só á mãe cumpre, com desvello, carinho e abençoado esforço, que absorvendo-a

toda, a salvaguarda pessoalmente de todo o mal, preparar sua filha, não para uma vaga e chimerica existencia de sonho, mas para a vida prática, a vida real que a espera ao cabo d'esse periodo de preparação, que deve ser sempre um meio e nunca um fim.

Dir-se-ha que explicar que a educação é um meio e não um fim, é uma cousa inutil, um logar commum banalissimo. Pois engana-se quem tal julgar. Em cada cem familias ha talvez vinte que percebam, a fundo, que nunca a educação em si vale senão quando tomada como preparatorio para o determinado fim que se tem em vista, e que a *mesma* educação, proporcionada a creaturas com destinos diversissimos, é peor e mais funesta do que a completa e absoluta ignorancia.

8.^a CARTA

No collegio

VIII

Se pelas razões que tentei expôr me parece absolutamente inapropriada para a vida actual a educação de convento, que em seculos passados teve muito encanto e muita cousa util e boa a pugnar por ella — mais me parece nociva e productora de funestos resultados a educação do collegio, do internato *laïque*.

Ahi ha todos os defeitos da vida conventual, sem haver nenhuma das suas vantagens e das suas salvaguardas.

A regra não existe tão apertada em fórmulas estreitas, mas a negligencia é muito maior e peor.

Não se exige tão uniformemente a cada discipula que constanja o seu temperamento, que lance sobre o seu character pessoal o mesmo véu grisalho, mas appella-se muito mais perigosamente para a vaidade, que é sempre a grande inimiga da mulher.

A emulação reina e separa as alumnas. Formam-se pequenos conventiculos; admittem-se umas, expellem-se outras.

A riqueza de uma — revelada nas *toilette* com que sahe em dias de férias; nas carruagens em que a mãe a vem buscar; nos presentes de *bonbons*, e gulodices que recebe de casa; nos objectos que possui e de que lhe não prohibem a posse, embora lhe prohibam o uso — a riqueza de uma torna-a alvo de invejas, de adulações, de pequenas côrtes que são funestissimas á sua formação moral. A pobreza de outra — que se atraíçoa em mil

symptomas, e que denunciá os sacrificios feitos pela familia para lhe dar *uma bonita educação* (na phrase consagrada), — expõe-na a desdens malevolos das que nada esperam no futuro das suas relações, das que pretendem desde logo marcar os limites da mutua intimidade.

Tudo que ha mau cá fora, no sentido de vaidade, de *snobismo*, de empavezamento ricasso, tudo se desenvolve e medra lá dentro de uma maneira assombrosa.

Ha uma relação contínua entre o mundo exterior e o collegio: as familias de umas actuum mesmo sem querer sobre as familias de outras.

A pequena traz para casa o ecco das preocupações más ou boas, alegres ou desagradaveis que a absorveram no collegio.

Ou traduz a vaidosa exaltação de quem deve á riqueza e á situação dos paes a maneira

excepcional por que é tratada por mestras e condiscipulas, e recebe, centuplicada pelas reflexões da familia, a mais alta impressão da sua pequena personalidade; ou se lamenta e queixa das humilhações soffridas, com as quaes sympathisam, por mal entendida ternura, os paes e os irmãos, e volta depois para o collegio mais descontente, deprimida e revoltada com a sorte.

Depois toda a instrucção é dada para fazer effeito no dia dos exames, no dia festivo da distribuição dos premios. Ninguem percebe o valor da instrucção, em si, como arma de defeza na lucta da vida, como instrumento de trabalho, ou como preparação poderosa na concorrência social. A *educação*, mal chamada assim, porque educação é uma cousa complexa que prepara igualmente o cerebro, o coração e o corpo (*head ana ears*, dizem os inglezes n'aquelle systema de

alliteraões e abreviaões que tão bem se fixa na memoria), a educaão n'esses collegios caros, é dada como um fim. Sahe-se de lá sabendo se papaguear frioleiras em duas ou tres linguas, nas quaes antes da sahida definitiva da discipula, ella representou duas ou tres insulsas comedias, ou recitou duas ou tres mediocres poesias. Sahe-se sabendo o que nas aulas se chama Geographia, isto é, uma nomenclatura arida e inanimada de terras, de mares, de villas, de cidades, de montanhas, de cabos, de ilhas e de promontorios. Sahe-se sabendo o que lá chamam Historia, isto é, muitos nomes, muitas datas, muitas mentiras e alguns erros perigosos.

A maneira de estudar musica tem feito em toda a parte alguns progressos. Ainda assim, o que mais se ensina é a tocar peças de effeito, que no dia do anno em que as alumnas mostram ás

respectivas familias as suas *habilidades*, excite mais emulações, produza mais sensação, atraia para a executante as atenções do auditorio interessado. Cada uma das pessoas ou familias que assiste ao certamen apparatuso tem só um ficto; é que a discipula que lhe pertence brilhe mais do que as outras todas!...

Esta collaboração da familia, pessimamente orientada, com as directoras dos pensionados ricos, obriga estas — coitadas! — a dar ao seu systema de educação a mesma fórmula brilhante e ôcca!

Assim como não attribuo ás freiras as culpas da educação do convento, tambem não attribuo ás fundadoras e directoras de instituições particulares de instrucção as culpas da educação do collegio.

De resto, não ha nada mais inintelligente do que essa especie de critica malevola.

A gente tem obrigação de observar e de explicar, não de censurar! Mostrar as causas, é desculpar os effeitos.

Quanto tempo será necessario ainda para que verdades fundamentaes, e que parecem simples, obvias, rudimentares, cheguem a penetrar na prática da vida!

E' fóra de duvida que a sciencia das linguas vivas é hoje uma das mais uteis, mais preciosas que possam adquirir-se.

Toda a gente sabe isto e diz isto. No emtanto, como eu já disse, as raparigas, quer em conventos quer em collegios, sabem pedir agua em inglez, allemão, francez, italiano, talvez turco, mas não sabem mais nada. Saber uma lingua bem, é

conhecer-lhe o genio, a indole, a litteratura; é conhecer os seus melhores escriptores, quer dizer, aquelles que traduzem, com mais caracteristica energia, a alma da raça de que provéem; é, pelo menos, poder lêr os seus livros melhores com aproveitamento e com gôsto! E', porventura, assim que as linguas se ensinam, mesmo hoje, em que já se ensinam melhor?

Ao menos os professores de piano já levam as discipulas a conhecer Mozart, Beethoven, Wagner. Qual é a professora de inglez, em collegio ou convento, que sugere á discipula o conhecimento e o gôsto de Spenser, de alguns dramas e comedias de Shakspeare, de Dickens, o delicioso e pathetico moderno; de Macaulay, o grande historiador, interessante como o melhor dos romancistas?

Quem é a mestra de italiano que faz lêr Petrarcha ou Dante á sua discipula, e os commenta com ella, relacionando-os com a civilisação que os produziu?

Em francez, em inglez, em italiano, em allemão, o que conhecem ellas, as pequenas que aprendem em escolas, collegios, conventos, senão as phrases da conversação, ou os pequenos livros semsabores que repellem o interesse em vez de o attrahirem?

E assim como o estudo das linguas, tão util no caso em que a creança de hoje, mulher ámanhã, tenha de ganhar com o trabalho intellectual o pão quotidiano, ou que, mais favorecida pelo destino, e casada com um medico, com um commerciante, com um engenheiro, com um diplomata, com um politico, ella possa auxiliar maravilhosamente o marido, traduzindo, escrevendo, conversando —

assim como o estudo das linguas se torna apenas um ornato decorativo sem duração e sem aplicação prática, succede o mesmo á Geographia, á Historia, á Botanica, etc., etc.

Instrucção toda *livresca* n'uns pontos e toda puerilmente superficial n'outros. As linguas que se exercitam fallando, mas que só se aprendem fundamentalmente lendo, são quasi sempre ensinadas em frivolas e limitadas conversações de aula ou de recreação.

A botanica, que se devia ensinar em passeios, com as plantas e as flôres nas mãos, analysadas e enumeradas ao ar livre, ensina-se por manuaes e livrinhos elementares.

A geographia é toda nomes, nomes, nomes!

O que importava, porém, era fazer viver — diante dos olhos das creanças, tão avidamente curiosos, dentro da imaginação das creanças, tão

virginalmente robusta e prompta a crear, sem limites — tudo aquillo que animou no passado remoto ou no passado recente, esses logares, esses sitios, esses promontorios sagrados onde se ergueram altares e onde ajoelharam multidões; essas cidades célebres onde se creou a Arte ou o Direito, ou a Moral religiosa; esses mares tenebrosos por onde navegaram aventureiros heroicos; essas florestas espessas onde vagaram deuses; esses paizes onde se fundaram civilisações; essas regiões eternamente consagradas onde a humanidade em varios estádios da sua marcha evolutiva para o Ideal, viu nascer uma das flôres immortaes da sua corôa de martyrio e de gloria! Animem, povoem, encham da immensa turba dos mortos, tão mais numerosos, tão mais poderosos de que os vivos, esse globo immenso, cujas varias regiões apontam

friamente em frios mappas, e verão como a detestavel geographia, que as creanças tratam de esquecer logo depois de a aprenderem, se transfigura n'um atractivo de fecundo e luminoso estudo!

O mesmo methodo applicado á Historia, que milagres não daria!

Mas como querer que um collegio, estabelecido para dar algum lucro á sua fundadora, e que será trespessado logo que esta adquira um pequeno patrimonio para a velhice, dê esta orientação difficil e laboriosa á instrucção que superficialmente ministra?

E como querer que as freiras de um convento, timidias, receosas de toda a sciencia moderna, humildemente votadas a Deus, sem amor pelas cousas terrestres a que renunciaram, perdidas n'esse seu sonho de além da terra, que as

hypnotisa, adormece e isola, possam communicar ao rancho infantil, que têm debaixo das suas vistas, o amor triumphante da Vida, da Vida, em todas as suas manifestações e revelações, da Vida que foi Lenda, que foi Poesia, que foi Acção, que foi Cobiça, Aventura e Amor; que foi tudo que ellas detestam, que foi e é tudo de que ellas fogem, tudo de que ellas se evadiram a tremer?...

Portanto, mercantilismo muito legitimo de umas, ou desinteresse muito ideal das outras — o caso é que nem o collegio rico, nem o convento aristocratico pódem dar á educação moderna a orientação que ella infallivelmente precisa de ter para se adaptar ás exigencias multiplas e complexas da vida contemporanea, sendo ao mesmo tempo forte, racional e profundamente imbuida d'aquella Moral austera e intransigente que é para as sociedades a atmosphaera

indispensavel. Se esta se corrompe, ellas morrem de asphyxia.

A lei de conservação do individuo é a mesma do que a lei de conservação social. O que mata um, dissolve e destroe a outra.

A moral é *necessaria*. Ninguem se exime ás suas leis fundamentaes sem se destruir a si proprio, seja individuo isolado, seja collectividade em acção.

E' este um dos primeiros principios da educação geral.

Ambos os sexos têm de sujeitar-se-lhe. Sobre esta base universal tem de construir-se o edificio que abriga a humanidade.

Bem sei que desde Montaigne e Pascal, para não procurarmos mais longe, se tem tratado de minar esta verdade, com observações paradoxaes que um formulou por scepticismo e que outro quiz

affirmar em desprezo e odio á rasão humana, em obediencia á lei divina de que julgava provir a unica verdade e a unica luz.

Foi Montaigne quem disse: «Que verdade é essa que as montanhas limitam, e que é mentira para quem habitar além d'ellas?»

Ao que Pascal eccôa com o acre sarcasmo da sua voz de doente: «*Verité au deçà des Pyrenées, errenr au delà!*»

E, no emtanto, em que pese á grandeza dos dous pensadores, um tão sceptico e outro tão fanatico, isto não passa de um visivel sophisma!

Na vida tudo é relativo? Pois bem, a cada momento da vida da humanidade pertence uma verdade que se ha-de ir evolutivamente aperfeiçoando. Quem estiver de harmonia com essa verdade mais alta a que o seu tempo attingiu, está dentro da Lei, da Justiça e da Moral.

E se as ideias moraes variam segundo as latitudes, ha sempre alguern — isto é, ha sempre uma raça ou um aggregado de raças — que subiram no caminho da civilisação ao mais alto ponto. A's outras não póde exigir-se-lhe que cumpram leis e preceitos que não constituem o seu Codigo nem lhes indicou a sua Religião.

Se um musulmano não cumprir o nosso ideal christão, mas cumprir o seu, é esse que está na verdade.

Mas se um christão europeu, em qualquer ponto do globo onde se encontre, perpetrar acções que alli sejam legitimas, mas que a sua consciencia condemne, sabe perfeitamente que a moral não mudou de latitude. Estava com elle e por elle foi trahida. Portanto sigamos o outro preceito do proprio Pascal: «*Travaillons à bien penser: voilà le principe de la Morale.*»

Felizmente a hora em que estamos é de plena luz.

A Sciencia e a Religião, talvez adversarias no campo das doutrinas, são irmãs na realidade da vida, para prohibirem as mesmas culpas, prescreverem os mesmos preceitos, condemnarem os mesmos vicios, prophetisarem para os filhos de paes sem moral o mesmo atroz destino, que têm de cumprir sem culpa e de acceitar sem redempção!

Por isso, aos anti-clericaes que em França luctam contra a educação congreganista, e aos extremamente devotos que aqui e em toda a parte querem a mocidade sob a influencia directa da Igreja, a mesma ordem de preceitos se impõe, como imprescriptivel necessidade, como leis de vida ou de morte, em tudo que respeita a Moral.

N'este ponto não póde haver, e felizmente não ha, duas opiniões que se combatam.

9.^a CARTA

Em casa

IX

Dizia-me, no outro dia, alguém, que tem lido as minhas ultimas cartas.

— Se v. condemna a educação nos collegios e a educação nos conventos, onde quer então que as raparigas sejam educadas?!

Eu, em primeiro logar, não condemno nada. Pondero os inconvenientes de cada um dos systemas. Depois, a minha ideia é que as filhas sejam educadas ao pé de suas mães, conforme a fortuna da familia a que pertencem, conforme o meio em que nasceram e têm de viver, conforme as condições sociaes dos seus.

A perfeita igualdade na educação parece-me tão impossivel como a perfeita igualdade na Natureza!

Se ha cousa em que seja necessaria evolução lenta e não revolução repentina, é, justamente, no capitulo da educação feminina!

A sociedade caminha. Já hoje todos os homens pódem aspirar a todas as posições. E, no emtanto, quem poderá negar que esta livre concorrência, se contribue para a victoria dos mais intelligentes e dos mais aptos, se produz pela selecção o definitivo triumpho dos mais bem armados para a lucta contemporanea, tambem é causa determinante de uma somma enormissima de infortunios individuaes?

Todos aspiram a tudo. E, como é impossivel que tudo seja alcançado por todos, os que ficam a meio da carreira, os vencidos, cada vez mais numerosos, constituem essa maioria enorme de descontentes, de proletarios intellectuaes, de *déclassés*, cujo desalento, cuja miseria, cuja

revolta desesperada tão funestos efeitos estão produzindo na democracia moderna.

Se, enquanto as forças sociaes se não coordenarem e disciplinarem scientificamente; enquanto a selecção se não fizer sob outros methodos sociologicos, isto succede com os homens, o que não succederá com as mulheres? O que não succederá, sobretudo, entre nós, que estamos, infelizmente, tão atrazados em tudo?!

E' por isso que a ideia, que hoje ha, de educar todas as raparigas exactamente do mesmo modo, produz as mais tristes consequencias!

A mulher, que a posição e a fortuna dos seus destinam a uma situação elevada, a uma representação social de todos os momentos, tem de ser preparada para esta existencia de luxo de um modo muito diverso d'aquelle por que é preparada para uma vida simples, obscura, quasi

sempre pobre, a filha modesta de um funcionario publico, de um homem de trabalho, sem fortuna para legar aos seus!

Mas, em vez de pensarem assim a este respeito, os que proclamam em Portugal a igualdade desejariam realisal-a pela seguinte fórma:

— Uma sociedade onde todos fossem condes e officiaes móres da casa real!

Portanto, orientada a existencia para este ideal desastrado, as raparigas pobres, remediadas ou ricas recebem igualmente o mesmo genero de educação, adquirem igualmente a mesma somma de prendas decorativas.

As familias de burocratas, de militares, de commerciantes modestos, de medicos obscuros, etc., etc., impõem-se os mais crueis sacrificios para fazerem das filhas uns pobres sêres inuteis e

desarmados. E para quê? Para quê, meu Deus? Logo que a pobre menina, sahida do convento ou do collegio, onde conviveu com gente rica e feliz, se vê na pobre casa (que mais pobre se tornou pelos sacrificios feitos para educal-a), o que procura impaciente é sahir d'ella, seja de que modo fôr!

Casada, esquecida dos sacrificios de que foi objecto, nunca mais cultiva as linguas que aprendeu superficialmente, fecha o piano em que lhe ensinaram a tocar, atira para o fundo de um armario com os pinceis, os lapis, os desenhos e fica-se desamparada, em face do desconforto árido do pobre lar em que por seu turno entrou.

Imagine-se que ella tinha sido educada em casa. Eram pobres os paes; ella, provavelmente, a não ser por um lance imprevisto e raro, com que se não conta, será pobre tambem.

Casa com um rapaz no inicio de uma carreira qualquer laboriosa e difficil: com um militar, condemnado á miseria eterna; com um advogado, que ainda não tem processos; com um medico, que ainda não tem doentes; com um engenheiro civil, que ainda não tem construcções.

A mãe, que era boa — porque já é um indicio de bondade, embora mal orientada, o ter-se sacrificado para dar á filha uma educação brilhante — ter-lhe-hia ensinado, se a tivesse ao pé de si, a ser boa tambem, isto é, capaz de se sacrificar pelos outros, principalmente pelos seus. Aprenderia alli a economia, a ordem e os mil predicados, que devem acompanhar a dona de uma casa modesta. Tomaria amor ao trabalho, ao trabalho material, que nunca deshonrou ninguem, antes nobilita e exalta os que o fazem com a consciencia plena do dever cumprido.

Para o portuguez, se ha cousa que desdoure, é o trabalho das mãos! Ou não pertencesse elle a esta raça que fez trabalhar mouros e africanos mas que nunca pensou no trabalho senão para o desdenhar.

As pobres mães, sublimes desde que a maternidade as envolve no seu nimbo de luz, o que mais querem é poupar as filhas a esse genero de occupaões, que é, finalmente, a base de toda a ordem, asseio, elegancia, mesmo modesta, de uma casa!

E' isso que eu desejava provar-lhes que é uma falsa ideía do seu dever maternal.

A' mãe pobre — e quem não é pobre n'este momento em que as fortunas estão cada vez mais concentradas em menor numero de individuos? — eu diria: «Deixa que a tua filha aprenda ao pé de ti, e mais cedo do que tu, a amar o trabalho em si,

pelas consolações que dá, pelo conforto que ministra, pelo bem-estar de que é origem para a família.»

Póde trabalhar-se manualmente guardando e conservando a mais aristocratica finura de maneiras, o mais delicado gôsto, a mais requintada comprehensão das cousas bellas! O que é ridiculo e vulgar – vulgar no sentido que os inglezes dão á palavra – é vivêr n’uma casa pobre, desarranjada, sem asseio, sem um vaso de flôres, sem um livro em cima das mezas, com pó nos moveis e lixo debaixo das cadeiras, e estar no meio d’essa desordem a tocar mal piano, a cantar mal arias italianas, a lêr romances maus, a preguiçar com mau humor e odio á vida!

E, se não, ouçam Ruskin, dirigindo-se ás raparigas mais nobres, mais opulentas, mais requintadas da aristocratica e opulenta Inglaterra:

«Se podérem pagal-os, vistam os vestidos feitos por uma costureira excellente, com a precisão e a perfeição mais absoluta que possivel seja; mas procurem que a sua costureira seja uma pessoa pobre e não uma mulher rica, vivendo em luxuosa casa de Londres.

«Empreguem parte de cada dia n'um trabalho de agulha, fazendo para os pobres o fato mais bonito que souberem, já que elles, os pobres, não téem nem bastante gôsto, nem bastante tempo para se vestirem com graça.

«Os vestidos elegantes e ricos, que seus paes lhes querem dar, usem-nos – e usem-nos com alegre ufania, por amor d'elles – mas procurem, tanto quanto poderem, trabalhar todos os dias para vestirem alguem, que seja pobre. E, se não poderem fazer isto, ao menos utilizem de algum modo as mãos.

«Façam a sua cama; lavem a louça de que se tenham servido; limpem, escovem, lustrem os objectos do seu uso – isto, é claro, se não lhes fôr dado fazer cousa mais util e mais aproveitavel!»

Estas palavras de singello conselho dizia-as o poeta, o apostolo Ruskin, ás lindas filhas da mais rica e orgulhosa aristocracia; áquellas deliciosas creaturas de olhar azul, profundo e dôce, que estavam então inspirando Burne Jones e Rossetti, como as visavós e as avós tinham inspirado Reynolds, Gainsborough e Lawrence!

E ellas seguiram á risca as palavras do seu adorado propheta. Começaram a coser, a fiar, a cosinhar, a tratar de gallinhas, a crear vaccarias modêlos; a ajudar os pobres varrendo-lhes as casas, e accenden-lhes o lume e fazendo-lhes chá; a aprenderem a *nurses*; a deixarem, emfim, de ser bonecas, para serem mulheres reaes e boas!

Antes de elle prégar este evangelho do trabalho, que exalta e nobilita os que se entregam a misteres tão necessários, que, não sei porquê, reputam ignobeis, já a mulher de Carlyle amassava e tendia e coisa no fôrno o pão que o marido comia, isto apezar de ser cheia de talento, graça e malicia! Talvez por isso mesmo.

E bem antes, bem antes de tudo isto, sob o céu azul da velha Grecia radiosa, Nausicaa, a princeza de Homero, lavava no rio crystallino a roupa dos seus e estendia-a ao mesmo sol que beijou o rosto alvo de Helena, e viu passar envolta nos seus véus de alvo linho as figuras deliciosas de Antígona e de Iphigenia!...

O trabalho – seja elle qual fôr, comtando que seja perfeito e util – é uma funcção nobre, que levanta os que o fazem, mesmo unicamente por

devoção, quanto mais os que téem por fim, através d'elle, dar á vida domestica algum encanto, algum apuro, alguma poesia!

Que importa ir para um instituto de ensino religioso ou civil, aprender cousas vãs, sem applicação na vida prática, na vida real, que tanto exige, e que, sendo satisfeita com intelligencia e amor, tanto sabe recompensar e premiar?

O importante é que cada rapariga aprenda ao pé de sua mãe, no interior da sua casa, as cousas que constituem para o pobre um thesouro, para o rico uma lição fecunda.

O seu espirito póde ser cultivado ao mesmo tempo que o seu coração encontra emprego e alimento nos arduos deveres de cada dia. E só tem desculpa de os pôr em linha secundaria, se ella propria se prepara para uma profissão, que lhe dê no futuro a independencia.

Nãa sou, Deus me livre de ser, partidaria da ignorancia da mulher.

Quero-a solidamente instruida; quero, se ella tiver talento ou vocação, que lh'os deixem desenvolver, livremente, que a deixem ganhar a vida, sendo escriptora ou artista, professora ou medica, Mas o que não posso tolerar é que lhe dêem instrucção rudimentar, superficial, pretexto nocivo para que em pequena e adolescente ella não faça uma unica cousa util. e para que mais tarde ella só nas lições da rude adversidade aprenda a ser *alguem*.

E' possível que me digam: — Mas, se a mãe foi educada pela mesma fórma, como é que póde agora dar lições que prestem, e como aprendeu ella propria a ser util aos seus?

Oh! é que entre o momento em que ella sahio ignorante, desastrada, frivola, de casa dos paes, que tão funestamente a crearam, e o momento em que tem agora uma filha de dez ou doze annos, passaram-se longas horas de aprendizagem torturante, crises de desespero, vãos appêllos á Providencia, que fica muda, e muito esforço imposto brutalmente pelas necessidades imprescriptiveis da vida! E' isso que urge evitar!

Quanta vez o lar se tornou inferno, e o marido foge d'elle para outro inferno ainda peor, mas que elle sonhou mais agradavel! Quantas scenas de lagrimas, quantas revoltas surdas! E, se o homem é bom, quantos milagres de renunciamento e resignação!

Finalmente, já tarde, muito tarde, depois de uma longe iniciação dolorosa, ás vezes trágica, a infeliz aprendeu á sua custa.

N'um *ménage* pobre, mais vale um prato bem feito que uma sonata mal [tocada; mais vale um vestido graciosamente cortado e realizado, de chita ou de percale, que um vestido de sêda, fiado pela mal humorada costureira, e pago, mais tarde, com humilhação ou tortura.

Mais vale o trabalho, que dá pôr um quarto ou uma salêta em ordem, com uma caneca de louça cheia de malmequeres, de papoulas ou de cravos em cima da meza, uma cortina de cassa na janella, os moveis bem limpos, o chão bem asseado – do que as horas passadas em aborrecida e pseudo-aristocratica ociosidade, deixando uma criada má, porque é mal paga, fazer tolices, sem direcção e sem vigilancia.

Se, depois do trabalho util feito, resta tempo, e creio que restará, porque o methodo faz render milagrosamente as horas; se depois de ordenada e

elegantemente arranjada a casa toda, de posta a meza com uma toalha muito alva, um cesto de modestas flôres ao centro, algumas fructas collocadas com mão artistica, em dous pratos ou em duas fructeiras, tudo fresco, tudo limpo, tudo posto em graciosa harmonia – á dona da casa restar uma hora ou umas poucas de horas livres, então é que á parte intellectual da sua vida póde ser permittido um pouca de folga. Que ella leia, que ella cante ou estude, ou borde, ou desenhe. O ter trabalho humildemente no seu dôce mister de dona de casa não a impossibilita de sentir a Arte, a Poesia, a belleza da vida, antes pelo contrario, a torna mais apta para receber a suprema revelação dos segredos reconditos e abençoados, que ella contém! Que doçura se compara á de ter cumprido bem o seu dever, de ter dado o bem-estar e a

alegria aos seus, de ter aligeirado o peso da vida aos que na vida só têm o trabalho e a lucta!

Por isso, tanto para as ricas como para as pobres – para as ricas que hoje são e serão cada vez mais uma minoria, para as pobres, que precisam de ir desde muito cedo aprendendo as rudes e salutaes lições da vida – eu creio que a educação, propriamente dita, que fórma o coração e o espirito, deve ser dada e recebida no seio da familia.

As que pódem, terão ahi mesmo mestres bons, que lhes ajudem a desenvolver os dons nativos e a cultivar com methodo o entendimento.

Para as outras será necessario, será urgente crear externatos e cursos, em que professores, com a consciencia da sua missão, a exerçam

nobrememente. O Estado em França está pensando n'isso a sério. Porque se não pensa também em Portugal?

Lyceus de raparigas, mas não segundo os moldes – terríveis e destruidores – dos lyceus de rapazes. Lyceus em que se cursassem matérias próprias á educação da mulher, que ella pudesse frequentar livremente e durante poucas horas em cada dia, sob a vigilancia de senhoras dignas, sem comtudo ser obrigada a adquirir diplomas, ou a fazer exame, a não ser no caso de se querer consagrar o magisterio ou de querer passar para uma eschola superior.

Seria difficil o programma d'esses externatos do Estado, que deviam poder frequentar-se sem grande despeza, como se frequentam as aulas superiores?

Seria difficil, mas não impossivel. E assim *educada* em casa, *instruida* convenientemente sem ter de a abandonar, a mulher aprenderia a viver sob as azas carinhosas da mãe, ensaiando com os irmãos pequeninos a aprendizagem maternal, conhecendo os obstaculos, as complexidades, as tristezas da vida, e tambem as alegrias, os affectos da familia, e liberta, emfim, do perigoso e réles romantismo, que faz de cada educanda de hoje a aspirante impaciencia e febril a um sonhado casamento rico, feliz, cheio de divertimentos, casamento em que, realisar-se, ella acabará por ser desgraçada e fazer desgraçados.

10.^a CARTA

O Estado educando a mulher

X

Toquei de leve no programma que desejaria vêr cumprido para a instrucção da mulher que não se destinasse a qualquer profissão ou sciencia especial, pois que esta ultima, irmandando-se com os homens, tem de ter a mesma preparação scientifica que elles téem.

Abrindo aqui um parenthesis, direi que este anno, na Universidade de Coimbra, o alumno que, findo o seu curso, obteve n'este a mais alta classificação, quer dizer, o *premiado*, foi... uma mulher.

Isto responde aos que nos julgam incapazes de atingir nas sciencias um logar elevado. Na Academia de Bellas-Artes em Lisboa, o maior numero de valores, n'um dos annos, foi dado tambem este anno a... uma mulher.

Não quer, porém, este facto dizer que haja a mesma proporção entre os sexos no que respeita a coisas intellectuaes. Ha mulheres capazes de estudo perseverante e pacientissimo; ha mulheres privilegiadas pela memoria, pela agudeza do entendimento, pela percepção maravilhosa.

Nunca, até hoje, houve, creio que nunca haverá no mundo, uma poetisa que possa igualar Dante, uma escultora que possa igualar Miguel Angelo, uma pintora que possa medir-se com Leonardo da Vinci, um cerebro feminino, emfim, capaz de, nas especulações de metaphysica se aproximar de Kant; de, nas sciencias naturaes, ter

a grandeza de Darwin; na musica aspirar ás sublimes regiões d'onde se faz ouvir alma de Beethoven.

E não é isto sómente devido ao argumento, tanta vez invocado, de que a mulher não teve a cultura mental que o homem recebeu desde as éras mais remotas e as mais remotas civilisações.

Não! Esta impossibilidade da mulher em attingir aquella grandeza genial e aquelle poder creador que imprime o seu cunho em certos cerebros masculinos, tambem raros, deve ter uma causa natural, que não sei sondar nem definir, mas que existe e que impera como lei fatal e inultrapassavel.

Póde haver mulheres muito distinctas em todas as profissões; chega, porém, um ponto que, attingido, ellas não excedem.

Isto não condemna a mulher á mediocricidade. Ninguém chamará mediocre a Staël, a Georges Sand, a Rosa Bonheur, a *Miss* Martineau, a George Elliot, a Elisabeth Browning...

Isto adverte-a, porém, para proceder com prudencia quando queira deixar o reino de que é senhora incontestada, para se abalançar como exploradora e pioneira audaz, em territorios até hoje possuidos e cultivados pelo homem.

Depois n'estes assumptos, em que a psychologia de uma raça tem de ser attendida, lembremo-nos de que entre *mil* mulheres portuguezas haverá *uma* que ouse ainda hoje arcar com a dura prova de um trabalho profisional que lhe garanta a independencia.

E não admira. Clima, temperamento, influencias atavicas, costumes herdados, preconceitos, tradições – tudo é contra ella!

A vida portugueza não está ainda, não estará por muito tempo – e só o tempo, na sua evolução segura e lenta é que póde transformar e modificar a alma de uma raça – organizada de modo a permitir que a mulher possa talhar n'ella, á vontade, a sua porção de independencia, de felicidade pessoal!

Nos paizes do Norte a mulher estudada por Ibsen, talvez um pouco moldada pelas heroínas de Ibsen, vai como Nora buscar fóra do lar a consciencia integra do seu proprio ser, a liberdade de viver a sua propria vida! A velha Scandinavia está povoada de louras virgens blindadas do aço da sua vontade, que vão, por esse mundo fora ganhar o pão e a liberdade.

São frias cerebraes ás quaes o coração não pulsa como na nossa raça amavel e apaixonada!

A Russia enche a Europa occidental como as suas estudantes de cabellos cortados, oculos, olhos duros ou allucinados, maxilares salientes, bôccas comprimidas, nervos em continua vibração!

Mas a que aberrações estranhas não é levada a phantasia d'essas creaturas *desenraizadas*, desorbitadas, errantes no deserto do mundo, que não tem para ellas nem symnpathia nem meio proprio.

Em França e em Inglaterra, paizes em que a vontade das raças do Norte se afina, e em que a sensibilidade das raças do Sul se amortece, a mulher está tratando de encontrar o meio termo entre os dous excessos igualmente nocivos – a nossa docilidade de escravas mouras e a emancipação violenta das valkyrias escandinavas ou slavas...

Isto não fallando nos Estados-Unidos, em que a mulher é rainha como em certas tribus da primitiva Germania, é sacerdotisa como nas florestas impenetraveis dos celtas, e está creando a sua propria soberania physica, moral, intellectual, tendo como escravo, aeorrentado e submisso ao seu minimo desejo, o homem: sombrio Vulcano, forjador de todos os metaes, descobridor das entranhas mysteriosas da terra, creador de riquezas, insaciavel e infatigavel, trabalhador gigante que nenhum obstaeulo assombra, multiplicador invencivel de todas as forças do globo, e que da Sciencia – sublime abstracção de Pythagoras ou de Platão – fez a sciencia, servidora docil e inventora mecantil dos Edison e seus congeneres!

Oh! mas nós estamos longe de tudo isso. A Americana espanta-nos sem nos seduzir.

Onde é que os nossos pobres nervos, que uma educação de seculos condemnou á immobildade do gyneceu e do harem, á vida caseira das antigas portuguezas, nós acharíamos força vigor, excitação para esse prodigio incessante que é a vida da mulher americana, mulher de sociedade, de viagens, de *sport*, de trabalho intensivo, quer se trate de cultura mental, quer de existencia mundana, quer do altruismo activo e creador, que preside a maravilhosas instituições de auxilio e de phylantropia!

Do extremo Norte não fallemos.

Cá, mercê de Deus, não ha Hedda Gabler, e tambem não ha Nora, nem *Dama do mar*. A França attrae os nossos olhos, mas ahi a educação feminina está-se organisando superiormente, a

golpes de milhões e de actividade combativista da parte do Estado, que pensa em roubar á Igreja a sua velha pupilla, o seu instrumento mais efficaz, mais poderoso, aquella que sempre a tem auxiliado na sua obra de propaganda, aquella a quem a grande instituição de vinte seculos deve os seus mais sólidos triumphos!

Não era n'esse intuito sectario e combatente que eu queria vêr educada a mulher portugueza.

A Inglaterra tem a seu favor mil coisas que nós não temos. Alli a liberdade do sêr humano, mulher ou homem, é respeitada desde a infancia. Está isso no genio da raça anglo-saxonia. As raparigas das classes popular e burgueza e mesmo aristocratica querem a sua independencia sem que a familia por isso as engeite ou as censure. Cada uma trata de trabalhar como sabe e póde, para ganhar, ou por simples *sport*. Não há grande unidade na educação

como hoje se procura ter em França, Os programmas officiaes ou não existem ou podem ser largamente e livremente interpretados.

O trabalho é uma nobreza. A esmola, a dependencia, a submissão, uma cousa humilhante, um signal de fraqueza morbida.

Tudo isto faz com que a enorme somma de livros e de tratados que lá fora se publicam ácerca da mulher, da sua instrucção, da sua educação, do seu destino social e individual, tenha por emquanto pouca applicação pratica entre nós!

Por ora, a percentagem da mulher independente para com a mulher resignada ao seu passivo destino de creatura sem reacção e sem vontade, é de uma para mil, se não fôr ainda menos!

E' para modificar este estado de cousas que devemos trabalhar sem revoltas, que seriam comicas, sem excessos, que seriam nocivos, sem pressas demasiadas, que seriam contraproducentes.

Não se trata de *emancipar a mulher*. Descansae, rotineiros amigos d'esta fingida submissão, que tanto vos apraz!

Trata se de emancipar o *trabalho* do labéu de desprezo que sobre elle fez cahir o facto secular de ser o trabalho da nossa Peninsula feito pelos servos, pelos mouros, e depois pelos negros, quando os transplantamos para cá.

Trata-se, não de crear *viveiros* de doutoras a fallarem como livros, mas de mulheres de corpo são e escoreito, de alma lavada e pura, que tenham a possibilidade de aprender em lyceus ou collegios externos, creados pelo Estado

expressamente para ellas, a cumprirem dentro de casa os seus deveres complexos de esposas, de *ménagères*, de companheiras intelligentes e illustradas do homem; e fóra de casa – na hypothese desoladora de não terem nem marido, nem irmão, nem filho que troque com ellas o auxilio material e physico pelo auxilio domestico e moral que ellas lhes prestem – de poderem, com o trabalho honesto e nobilitador, ganhar o seu pão ou dos filhos pequeninos que lhes ficaram, ou dos paes velhos e enfermos que já não possam trabalhar.

Isto é que eu queria. Isto, por ora, é o que eu peço. E parece-me que não é muito.

Esses lyceus ensinariam, pois, sciencias naturaes – não os elementos d'ellas, que isso para nada serve, – mas os seus reultados adquiridos, as

suas certezas liquidadas, as verdadeiras aquisições que são o patrimonio commum dos homens. Assim, pelo conhecimento dado d'esta fórma clara, auctoritaria, positiva, das conclusões finaes da physica, da chimica, da biologia, da hygiene, a mulher adquiriria uma amplidão de vistas que hoje não possui nem póde possuir.

A Geographia e a Historia entrelaçadas, servindo-se mutuamente, uma dando o scenario, outra os personagens representativos que n'elle se moveram, seria o drama humano em toda a sua grandeza e a sua bella unidade. Imaginação, sensibilidade, memoria, tudo seria excitado, desenvolvido a um tempo de uma maneira propria a levantar, a requintar estes predicados femininos.

A historia das litteraturas comparadas queria-a feita na nossa lingua, a traços largos, não por um philologo impertinente, amigo dos vocabulos

como se vocabulos fossem gente, mas por um "espirito largo e comprehensivo para o qual cada palavra fosse um signal apenas, cada obra a revelação de um character ethnico ou de um momento historico, cada escripto a nota simples de uma grande e magestosa symphonia.

N'esse Lyceu o ensino das artes seria facultativo; das linguas estrangeiras só uma á escolha seria obrigatoria, mas essa a fundo.

E depois, como complemento indispensavel, a educação da mãe de familia, desde a cosinha até à puericultura, isto dando a cada coisa o seu logar, a sua dignidade propria.

A mãe em casa acabaria pelo sentimento a obra racional feita pelo educador, nas horas votadas ao trabalho de aprender a viver, a sentir, a conhecer. A educação religiosa da filha seria a propria mãe quem lh'a ministrasse, revellando-lhe

a doçura, a grandeza, a pura significação da lei de Christo.

E como seria então facil a tarefa das mães que hoje encontram o desdem na menina habituada a esse genero de ociosidade elegante que se aprende em collegios, quando timidamente lhe propõem que cosa uma meia, que faça um prato para o jantar, que arrume uma sala. que corte ou acerte os quartos de uma blusa, que pinte a *ripolin* uma mesa ou uma cadeira!

D'esta escola de educação geral sahiriam todas apetrechadas de conhecimentos uteis, práticos e applicaveis.

As que tivessem vocações distinctas, na arte, na litteratura, na musica, que eu tambem queria ahi bem ensinada nos seus principios technicos, sahiriam então para cursarem as Escolas, os

Conservatorios, as Academias onde podessem formar-se.

A base a mesma para todas. E todas podendo depois escolher o lar domestico ou a profissão remuneradora, conforme as suas circunstancias individuaes.

O Estado, porém, em Portugal occupa-se de tudo, menos da educação das suas mulheres.⁴ Se ellas querem aprender vão para esses horriveis antros, infectos, sujos, que se chamam cá Lyceus de rapazes; e aprendem o que lá se ensina, quer dizer: a transformar a raça portugueza em duas ou

⁴N'esta data, 23 de fevereiro de 1906, acaba de ser transformada em *Lyceu feminino* a Escola Maria Pia. O primeiro passo está dado. Foi nomeada directora d'este Lyceu a mesma senhora a cujos triumphos na Universidade de Coimbra me referi atraz. E' a sr. ^a D. Domitilla de Carvalho, formada em tres faculdades.

tres gerações n'uma raça de *cretinos*, que será conquistada e vencida pelos felizes analphabetos que tenham escapado á rêde da chamada *instrucção publica!*

E em todo o caso que o não massem, ao tal Estado, que elle tem mais que fazer!... Bem lhe bastam as eleições e os milhões de burocratas famintos para collocar, promover, transferir ou reformar, que são, a final o paiz inteiro, desde alto até baixo.

E queixam-se depois de que o nivel moral baixa nas escholas, e de que baixa no paiz a ideia da dignidade e de que a ambição de subir sem trabalho é a mola real d'esta sociedade sem espinha dorsal e sem cabeça!... Podéra! E' que a mulher é a alma de uma raça, e a nossa mulher, sem a Fé religiosa que d'antes impunha a unidade ao seu espirito, sem o saber e a comprehensão da

vida moderna, que hoje he dariam uma orientação adequada, está sendo a peor inspiradora, a peor tentadora, a peor conselheira do homem, igualmente á tôa, sem norte e sem ideal!

11.^a CARTA

Mestras estrangeiras – Prós e contras

XI

Como os Lyceus ou externatos, de que eu lhes fallei, não existem em Portugal nem existirão por largo tempo; como é quasi inutil recommendar aos paes de familia que façam, pela iniciativa particular, o que os poderes publicos não querem ou não sabem fazer; como o principio da associação, lá fora tão fecundo nos mais variados resultados, aqui, em Portugal, pouco mais tem dado que phylarmonicas para *manifestações espontaneas* a altos personagens publicos; como, emfim, não *ha outros portuguezes*, segundo dizia não sei que desenganado estadista nosso – a

verdade é que, por enquanto, a educação *das nossas filhas* obedece a trez systemas.

O convento, o mais generalizado de todos; o collegio, adoptado por certa classe de burguezia rica; a mestra ingleza, franceza ou allemã, quer dizer a *miss*, a *fraulein* ou a *mademoiselle*, igualmente impotentes para formar um character e dar a um coração feminino o tratamento especial de que elle precisa para se tornar dôce, compassivo, affectuoso e puro.

Fallemos pois das *governess* ou *institutrices* estrangeiras, a quem é uso confiar a educação de tantas, de tantissimas raparigas.

Longe de ter qualquer animadversão contra ellas, não ha posição que, a par da maior *sympathia*, me inspire mais profunda commiserção, maior dó.

Em Lisboa, ha duzentas ou mais senhoras estrangeiras – suissas, allemãs, inglezas e francezas – que vivem de educar creanças nas casas das familias. No Porto e nas outras cidades de Portugal, ha também muitas, muitissimas,

São as pessoas mais infelizes que eu conheço.

Talvez que lá fóra o não sejam; mas creio que sim.

Charlotte Brontë, uma d'ellas, dá-nos o poema, ou antes o martyrologio da *governess*, nos seus varios romances.

Jane Eyre e a heroína de *Villette* soffreram mais do que é permittido soffrer a creaturas humanas. E que centenas de romances a Inglaterra não publicava (no tempo em que a sua litteratura de ficção não era ainda mais ousada e mais livre do que a da França), contando a historia das professoras martyres.

Ora, se isto succede a raparigas inglezas, no seu proprio paiz, o que não succederá em paizes extranhos?

Não tenho a preoccupar-me com o que se passa em França ou na Allemanha.

Basta que trate do que se passa entre nós.

E para isso não me socorrerei senão da minha propria observação. Não digo *experiencia*, porque, como já no outro dia aqui disse, não tive mestra.

Fui educada por minha mãe, ao lado d'ella, sem nos separarmos um instante, e a minha filha tem sido educada ao pé de mim.

Mas tenho entrado familiarmente em muitas casas, onde ha mestras estrangeiras; mas tenho podido observar, ora de perto, ora de longe, por inducção e por deducção, o que é uma educação de rapariga confiada a uma *governess*.

A ultima só me inspira piedade. Se é santa, tem de se tornar dura e indifferente. Se é leviana, perde-se; se é severa, é maltratada e por mim despedida; se é methodica, é escarnecida e contrariada. Só uma creatura privilegiada, de plasticidade de character maravilhosa, de intelligencia subtil, rara e penetrante, de qualidades moraes e mentaes de primeira ordem, é capaz de levar a cabo, sem attrictos, uma tarefa tão ardua como a de educar, no meio da familia, uma creança que lhe não pertence propriamente a ella.

Creaturas d'estas são raras, em toda a parte, e é natural que, existindo, achem missão menos ingrata que a de educadoras de filhas alheias.

E' por esse motivo que eu nunca entro n'uma casa, nunca me sento á mesa de uma familia em que haja mestra ou mestras, que não sintam um

desejo infinito de as affagar, de as tratar muito bem, de conversar com ellas. Devo confessar e constatar mesmo, como um dado caracterico de importancia para o estudo do assumpto, que é rarissimo que eu seja feliz nas minhas tentativas cordeaes.

Acostumada á crúa indifferença, ao desdem boçal, á incivilidade que se dá ares de ignorar a existencia d'estas pobres comparsas da vida de familia, á desamabilidade com que o *snob* se retrahe diante de quem não lhe empresta do seu lustre – a *governess* adquire, ao contacto da rude realidade quotidiana, uma *physionomia* impassivel, impenetravel, de quasi cega. *Não vê* ninguem. Come calada, dizendo monossyllabos á discipula; borda silenciosa, a um canto da mesa do serão de familia; e foge da sala, altivamente

desattenta, logo que entra alguma visita imprevista.

Só com esta dura couraça – quantas lagrimas serão precisas para humedecer o fio de que ella se tece e entrança! – só com esta dura couraça ella consegue escapar ás más creações *elegantes*, que a cercam fatalmente!

Os duros olhos metallicos não deixam perceber o que vai dentro d'aquellas almas taciturnas. Foram alegres raparigas lá fóra, nas queridas terras, d'onde a dura lei da vida as exilou. Tiveram mãe, que as ameigou, annellando-lhes com as mãos esguias os finos cabellos louros; disseram-lhes finezas os rapazes do seu paiz; ha lá longe um delicioso *vicarage*, todo enfeitado de trepadeiras; um pequeno *cottage* côr de rosa, em

cujo jardim minuscuro crescem rosas; uma casa ao pé do Reno, em que a vinha afestôa os seus ramos floridos, nos quaes ellas foram meninas, moças e amadas!

Agora, vivem sob o céu do estrangeiro, comem o pão de extranhos, ouvem gracejar e fallar em lingua que não conhecem, e téem de fazer de um diabrete insupportavel uma jovem senhora, cheia de prendas e de perfeições, por uns tantos mil réis por mez!...

Devo confessar que, na minha vida, que já vai bem longa, não conheci senão uma unica *governess*, que iniciasse e acabasse a educação das suas discipulas.

Foi em casa de um grande amigo meu de toda a vida, medico e escriptor dos mais notaveis de

Portugal, que eu fiz conhecimento com essa cousa estupenda e rara:

A mesma mestra, durante o espaço de dez a doze annos edueando umas poucas de meninas, sob o olhar vigilante, terno e puro de sua mãe.

Foi preciso, para que o milagre unico se désse, que a mestra – Suissa, de caracter sério e ponderado – fosse excellente, que a mãe fosse uma santa e que as meninas, hoje quasi todas casadas, fossem do mais docil e bondoso character, isto dominado pela alta intelligencia do pai.

Mas, excepções d'estas, por extraordinarias, não servem senão para confirmar a regra.

Em geral, cada discipula tem duas, trez, quatro professoras, que, successivamente, vão sendo substituidas, e de cada uma ella vai recebendo o sêllo, mais ou menos avariado.

A mãe, enquanto a filha está em poder da *governess*, imagina se liberta de qualquer responsabilidade.

A menina está com a sua mestra, desde manhã. Almoça com ella, muitas vezes antes do resto da familia; estuda com ella, ou com mestres, a cujas lições ella assiste; passeia com ella; á noute, se *ha visitas*, conversa com ella, na sala do estudo.

Se a mestra fôr conscienciosa e se não tiver aquelle geito especial, que só téem as mães, de disciplinar a pequena sem a irritar, de a sujeitar ao dever sem lhe suggerir a revolta; se ella exigir da discipula estudo perseverante, attenção, maneiras correctas, assiduidade no trabalho, amor apaixonado da verdade, espirito de abnegação e de sacrificio – a pequena, enfastiada de tanta exigencia e de tanto zêlo, faz queixa á mãe, depois

ao pai, chora, lamenta-se e acaba por conseguir que a professora se vá embora.

Se esta, egoista, desenganada, um pouco sceptica do valor da virtude, como ellas acabam por ser todas, se quizer conservar, o que faz para lograr este intento? Condescende com a pequena. Se esta é a preguiçosa, não a estimula no trabalho; se é inerte, não a sacode; se é pouco intelligente, não tenta acordar o cerebro inactivo.

Ha tambem o perigo da mestra intelligente e energica adquirir no animo da discipula um ascendente muito forte Então é certa a separação entre a filha e a mãe.

No meio das duas ergue se a extranha, que soube comprehender, seduzir o coração da creança e que o agarra tenazmente, ás vezes por

sêde de affecto, pelo instincto de posse, que em todas as creaturas é tão forte e que n essa exilada eterna, hospeda de todas as familias, extranha a todos os parentescos, intrusa em todas as festas e effusões intimas, ha-de ser ainda mais profundo e dominador.

Ha familias em que a mestra, nos primeiros tempos, é recebida com enthusiasmo. Querem que ella esteja *á vontade*, que seja *bem da casa*, que diga o que lhe approuver, que dê a sua opinião sincera e livre, que participe de tudo que constitua alegrias, interesses, preoccupações domesticas.

Ai! da infeliz que cahe em uma familia d'estas!

Trez mezes depois, é expulsa, tendo passado por um cento de humilhações e de incidentes tragi-comicos.

Ha outras que tratam a mestra – a pessoa a quem confiam a alma e o corpo de uma filha para a ensinar, para a influenciar, para lhe suggerir a ideia do bem, o sentimento da justiça, para lhe darem a noção mais completa sobre a vida – como se essa senhora fosse apenas um automato, que se compra para exercer uma função mechanica.

Ha mestras de quem, durante quinze dias, as mães se tornam amigas intimas, que chamam para que lhes admirem as *toilettes*, as joias, os moveis artisticos, os *bibelots* preciosos, e que depois, enfastiadas, gasta a novidade que uma rapariga nova lhes trouxe, empurram de si, desdenhosas ou indifferentes.

E ellas, as pobres estrangeiras, que vêm em terra alheia ganhar o pão e algum escasso peculio para a velhice, tudo soffrem, tudo aturam resignadas, indifferentes, ou interiormente ironicas: – os enthusiasmos de uma hora; as *rebuffades* de longos dias; os caprichos; as queixas feitas pelas discipulas revoltadas; as humilhações de ricassos insolentes; as maldades inconscientes das creanças amimadas; a indisciplina sonsa ou violenta de educandas que querem tudo menos ser educadas!...

E espantam-se depois que estas pobres almas, que assistem aos espectaculos da falicidade, sendo infelizes; aos espectaculos da riqueza, sendo pobres; á insolencia dos opulentos, sendo obrigadas á humildade; ao luxo que as deslumbra;

á indifferença que as ignora; ao orgulho que as desdenha; não saibam amoldar, affeição nas suas pobres mãos, tanta vez trémulas de cólera ou de dôr, as almas das creanças que lhe confiam!

Não pódem ser bons educadores nem a mansidão humilde, que acceita da vida todos os tormentos, nem o orgulho endurecido, que despreza da vida todas as humilhações, nem a inveja palpitante e desesperada, que almeja da vida todos os prazeres!

Uma boa mestra é um milagre vivo, não em resultado da maldade nativa d'essas pobres victimas do destino, mas em virtude das circumstancias que lhe tornam tão ardua, tão ingrata, quasi impossivel a tarefa!...

E, no entanto, se a mãe, collaborando na educação de sua filha com assidua ternura, escolher uma professora a quem trate com o respeito que se deve a quem ganha o seu pão honestamente; com a delicadeza, que é natural a uma alma boa e nobre; com a consciencia de quem sabe que a obra de uma educação é das mais bellas, sagradas e laboriosas que pódem emprehender-se, – ella póde attingir o que até hoje há mais perfeito em educação feminina.

A *governess*, escolhida com todo o escrupulo, é uma auxiliar poderosa n'esse caso. Nem abandonar-lhe completamente a educação da alma da filha, nem tratá-la como uma subalterna mercenaria, nem mettel-a no intimo de todos os pequenos interesses e preocupações de casa.

O programma da instrucção seguido por ella será constantemente revisto pela mãe.

Vigilante sempre, ella disciplinará a filha, sem admittir que esta pretenda escusar-se ás obrigações que lhe incumbem, e fará com que nenhum abuso de auctoridade e nenhum abuso de indisciplina se interponham na execução d'esse programma, que só a alma maternal póde vivificar, corrigir, ampliar, ao qual só ella finalmente, póde fazer realizar o seu fim definitivo.

SEGUNDA PARTE

12.^a CARTA

A grande lição de uma vida obscura

XII

Os que lêem a obra vasta e variada de Ruskin, em quem lhes fallo aqui tanta vez, tiram d'ella, entre muitas impressões e muitas ideias, a seguinte, que, a meu ver, é de todas a mais suggestiva e fecunda:

É que elle não foi um artista, um escriptor como os outros; foi antes um apóstolo que ia para onde o sôpro do seu espirito o levava, pondo a sinceridade absoluta acima de todos os predicados intellectuaes; dizendo o que sentia, no momento em que o sentia; affirmando e contradizendo-se; talvez incoherente mas nunca artificial.

Indifferente ao que podiam pensar d'elle, revellava todas as *nuances* de uma imaginação variavel e sempre opulenta; dava a sua alma em fragmentos dispersos e que não se ajustavam uns com os outros, devolvia ao mundo as licções que na contemplação do Universo aprendêra; amava, ao par do que ha de mais grandioso, o que ha de mais humilde, achando que, perante a Vida Universal, a ervinha do campo vale o astro do céu, e a alma de um pobre vale a alma de um rei, quando a não sobreleva.

E tudo isto elle tingia com a chamma purpurea do seu verbo.

Ruskin é um espirito de luz visivel atravez do limpido crystal de uma prosa que participa da musica, da pintura, da esculptura; isto pelas imagens que evoca, pelos sons que exhala, pelas

magnificas attitudes que deixa entrever ao olhar maravilhado!

E por isso eu penso muitas vezes: ainda que uma pessoa não tenha genio, nem sequer talento, basta-lhe que tenha a absoluta transparencia da alma de Ruskin, a sua simplicidade natural, o seu poder de dizer sempre o que sente, só o que sente, para se transformar a breve trecho n'um escriptor digno de interesse, n'um educador de almas capaz de lhes suggerir bellas cousas!

Se cada alma contasse com singeleza a sua propria historia!... Não, já se sabe, a historia das vicissitudes da sua vida material, sempre ou quasi sempre banaes n'um tempo de que o imprevisto foi eliminado; mas a historia do que sentiu e pensou, a impressão que lhe deram os seres que encontrou no caminho uma vez, ou com quem fez o seu caminho longos annos!

Porque, emfim, não ha um sêr humano que não seja interessante para quem saiba vê-lo com sympathia e bondade, e de cuja historia não possa extrahir-se uma licção que aproveite áquelles que ainda vão subindo a ladeira ingreme da vida!...

Assim como *le bruit de l'Océan tient dans un coquillage*, assim toda a humanidade está em cada alma isolada!

E não são sómente as vidas heroicas e retumbantes que são dignas de estudo e que dão exemplos ou licções ás creaturas!

Todos nós encontramos, a cada passo que fazemos na vida, pessoas que não teem exteriormente nada que as ponha em relevo, e que no emtanto trazem lá dentro o seu mysterio de dôr, a sua paixão immolada ou trahida, o seu sacrificio de todos ignorado, a sua sombra ou a sua luz!

Oh! penetrar essas almas, interroga-las, arrancar-lhes o seu obscuro segredo, e depois communicar-lo aos outros sêres, para que essa historia os eduque, para que elles aprendam a ter como sagradas todas as creaturas ainda as mais humildes, para que aquelles a quem desejamos formar o coração aprendam a ver como na terra se soffre sem ruido, como se vence sem clamor de victoria, como se succumbe sem caridoso auxilio de ninguem: eis, creio eu ser a melhor das missões educadoras que podem cumprir-se.

Nunca a famosa e tambem desmerecida formula – *a arte pela arte* foi mais inopportuna e mais esteril. Hoje cada palavra tem de ser uma acção para que valha a pena have-la pronunciado; cada acção tem de ser alada como o verbo, communicar como elle o calor e a vida; crear, pela propria virtude da sua existencia, energia e

sugestão n'outras almas que lhe recebam o germen occulto e o façam fructificar e espalhar se em messes abençoadas.

E no emtanto quem se atreve hoje a fallar publicamente de um nome que não esteja já na voz da fama? Quem seria capaz de dizer: – Conheci uma creatura que não era bonita, nem muito intelligente, nem moça; que não attrahia, não encantava, não interessava sequer, e que para mim foi o melhor espelho em que vi reflectir se a face de Deus?

Parece-me que ninguem ousaria tal a não ser Ruskin, o dôce apóstolo, semi-deus, e semi-louco, que só dizia o que pensava, que promettia n'uma pagina tractar de um assumpto e tractava de outro muito diverso, sem se importar para nada com o

leitor, que não tinha o que se chama *respeito humano*, para quem era mentira quasi tudo o que o mundo adora, e para quem era verdade quasi tudo o que o mundo desdenha ou ignora.

E' sob a protecção d'esse divino devaneador que eu tenho lido tanta vez com enternecimento, que vou abrir um parenthesis na serie d'estas cartas e fallar n'ellas de uma amiga que perdi. Que importa ao mundo o nome d'ella? O seu nome nunca echoou no mundo, mas a sua alma era d'aquellas cujo contacto purificava, educava, engrandecia.

Se eu pudesse n'este frasco tosco da minha palavra, encerrar a volatil essencia d'aquella alma pura, dava ás nossas filhas uma licção que valeria mais para ellas que longas dissertações e longos conselhos.

Era já velha a minha amiga. Não tinha nenhuma das qualidades exteriores que demoram o olhar depois de o attrahirem. O seu amor era Deus e os pobres. Amando uns, amava o outro acima de tudo. Não são os pobres, os humildes, os miseraveis, o corpo crucificado de Jesus Christo?

Tinha sido abastada, feliz, amada e respeitada pelo marido e perdera tudo. Marido, riqueza, posição, felicidade!

A sua alma, porém, ficára rica como não é a de nenhum millionario que eu conheça.

A maior parte das suas relações sociaes tinha-a abandonado lentamente. Ella, porém, de ninguem se queivava e não tinha armagura nem desdem para ninguem.

Achava natural e justo que as cousas fossem como eram. O mundo tinha sido sempre assim e continuaria a ser.

Tão alto tinha o seu olhar resignado e dôce que nem dava pelo deserto que a pouco e pouco se fizera em torno d'ella. Mas se uma amiga ou duas lhe ficavam, como ella as sabia amar e estremecer! Com que subtil delicadeza de instincto ella sabia conhecer-lhes as qualidades boas contra as apparencias ás vezes illusorias; como sabia defender da má vontade de extranhos os affectos que eram a riqueza suprema do seu coração Se alguém notava um defeito a um sêr que lhe era querido, ella sabia dar a esse defeito uma causa nobre, ou pôr-lhe ao lado uma virtude altissima que o compensasse!

As creaturas humanas eram ingratas, esquecidas ou inconstantes?

Que importava? Ella sabia perceber e perdoar!

Depois restavam lhe os olhos com que bebia deliciada a luz do céo tão lindo e tão azul. Restava

lhe o olfato com que aspirava o perfume das flôres que amava com respeito, com ternura, como se fossem um mysterio sempre vivo.

Um dia passado na minha casa de Cascaes, em frente do mar côr de violeta ou côr de saphira, por onde passavam os barcos de vélas latinas desfraldadas ao vento, era para ella um espectaculo de belleza, um banho de intima felicidade.

Ha pessoas que imaginam que não podem ser felizes senão os ricos. . Que gente obtusa e sem ideal!

Ella bem sabia que ha riquezas communs a todos, e que são as melhores: o ar, a luz, o sol, as estrellas, as rosas, os vastos horizontes que o sol, ao pôr-se, tingia da côr dos mantos reaes!

A sua faculdade de gozar finamente, subtilmente, das cousas bellas da vida, era uma

licção que ella dava ás almas descontentes, insaciaveis, eternamente tristes, para as quaes *tudo é pouco, e pouco é tudo*. Conheço de perto alguém com uma alma assim, que lhe dizia:

«Que feliz que tu és em teres esse sentido apurado do que é bom e do que é bello, em teres esse dom de extrahir de todo o amargo da vida alguma doçura, como as abelhas extrahem mel até dos cardos da charneca esteril.»

Uma nuvem que passasse branca, transparente, fugidia; uma leitura ouvida com embevecimento; um pequeno jantar saboreado ao pé de uma amiga; a conversação de duas pessoas intelligentes, ainda mesmo que n'ella não entrasse e de que fosse apenas ouvinte attenta e interessada; um passeio; um dia bonito; um livro edificante, eram para ella delicias que lhe faziam

abençoar a vida que ao pé de tantas penas tinha tantas horas de luz!

Sem ser inteiramente pobre, tudo negava a si para dar aos seus. E da minima parcella dos seus parques haveres que a si pessoalmente destinava, ainda sabia tirar com que desse a felicidade aos que tinham menos. Não tratava os pobres como elles tantas vezes são tratados pela caridade convencional – que faz do pobre de *profissão* um *sport* para a sua actividade ou um meio de transporte barato e commodo para o *seu* Paraizo.

Tratava-os como irmãos, um pouco mais infelizes do que ella, que ainda tinha alguma cousa para lhes dar...

Tratava os como Christo quiz que elles fossem tratados. Fallava com elles, sabia-lhes das penas,

das miserias, das cousas da sua vida; desculpava-lhes os defeitos, as astucias tão naturaes em quem vive á laia de animal de caça em matto de grande senhor.

E nada mais encantador do que ver as pequenas astucias que ella usava tambem, para que os seus poucos amigos mais ricos repartissem com os seus muitos amigos miseráveis!

Tinha uma alma á S. Francisco de Assis; uma alma de piedade, de humildade e de perdão, e, como elle, amava a terra inteira tão cheia de belleza e de luz, a terra onde ha agua fresca e cantante, e arvores que dão sombra e fructa, e flôres que embalsamam e que deslumbram, e que possui mares e céos por onde o olhar se perde...

Era esta feição singular de tirar a felicidade e a paz de elementos que outros nem percebem, que ao meu olhar a tornava interessante.

A sua alma rara não precisava de *posse*. Bastava-lhe a *contemplação*. Quantas vezes lhe quiz dar flôres que ella admirou e lh'as vi recusar naturalmente, com uma sincera recusa que não admittia insistencia. E' que para ella possuir as flôres, não queria dizer nada. Vê-las e admira-las era tudo. Esta faculdade tão christã, e que é ao mesmo tempo sobrehumana, de amar sem querer possuir, era um dom divino da sua alma divina.

Por isso bastava-lhe amar e julgar que o seu affecto era acceito. Não exigia sequer que fosse retribuido!

Morreu dôcemente. Doce para a Morte como tinha sido para a Vida. Sorriu á Dôr, á Pobreza, á solidão ingrata, ao abandono desamoravel; sorriu á triste vida e á libertadora morte com a mesma resignação feita de amor e fé.

Contando-lhes a historia d'esta alma, contando-lh'a sem eloquencia, sem arte, mas com a verdade tangivel das minhas lagrimas, parece-me ter dado aqui uma licção profunda que vale muitos sermões!

Eu bem sei que esta creatura privilegiada tinha o esteio da sua fé profunda, e que a fé não é dada a todos igualmente. Mas não poderá attingir-se a esta altura por varios caminhos? Espero bem que sim: ou seria então muito cruel a Vida!

13.ª CARTA

A verdade como base da educação

XIII

Há na obra prima do grande Shakspeare, n'esse Hamlet eternamente doloroso, profundo e bello – tão profundo, que lá se encontra de tudo; tão bello, que continúa a symbolisar o que a alma humana encerra de mais mysterioso – uma pagina em que talvez muita gente não repare, e que é, nem mais nem menos, que um tratado completo de educação.

Entre os muitos conselhos práticos que encerra essa pagina – posta por Shakspeare na bôcca do seu *Polonio* um tanto comico – diz este

ao filho *Laertes*, que vem despedir-se do pai e da irmã:

This above all – to thine ownself be true
And it must follow as the night the day
Thou canst not be false to any one.

O que, traduzido em vil prosa, é isto aproximadamente:

«Antes de tudo, sê sincero para o teu proprio sêr, e assim como da noute procede o dia, só d'ahi procederá que a ninguem sejas traidor.»

E' esta para mim a base mais fundamental da formação de um character. N'este ponto, é indifferente o sexo.

Homem ou mulher, téem perante o culto da Verdade as mesmas obrigações.

Sê sincero para o teu proprio sêr:

Isto é, não sophismes os teus actos nem as tuas intenções. Encara de frente os problemas do teu destino. Não te justifiques perante a propria consciencia com mentiras, que ella reconheça por taes. Não digas que é bom o que é mau, que é licito o que tem de ser occulto sob véus de densa hypocrisia.

O que não podes confessar aos outros, confessado a ti mesmo, tem de apparecer-te fatalmente ignobil.

O mais ardiloso espirito não póde encontrar uma theoria que justifique aos seus olhos aquillo que, descoberto ou explicado, constituiria uma culpa grave.

D'aqui provém que a sinceridade da alma, perante si própria, a póde muita vez, a póde quasi sempre, salvar de irremediaveis culpas.

Muita vez – já o disse um grande conhecedor do coração humano – a dificuldade não consiste em cumprir o dever, consiste em conhecê-lo.

D'aqui a necessidade, que se impõe á mãe, á educadora, ao guia espiritual de uma alma infantil, de lhe suggerir, além da paixão da verdade, o desejo de conhecer bem onde a verdade está.

As mães devem, para isso, ter a maior indulgencia para os pequenos erros da infancia, logo que sejam sinceramente confessados e humildemente reconhecidos; mas com intenção de emenda.

O que deve combater-se em toda a educação primeira é o habito de falsear a verdade, de sophismar os factos, de os ageitar segundo a conveniencia.

A creança verdadeira dará o homem e a mulher honestos. Mas aqui mesmo a cautella, o

tacto moral, são necessários. Não vá a creança por complicação sentimental perigosa achar uma grande voluptuosidade em confessar o erro para d'elle receber o perdão. Sempre que a creança, confessando o seu erro, o reconhece, é necessario fortalecel-a no proposito de não reincidir n'elle, mostrando a covardia moral, que consiste em perpetrar sempre a mesma culpa, tendo como unica expiação o confessal-a.

Delicado problema de educação, que é indispensável tratar com superior criterio.

Aqui o essencial é levar a alma infantil a evitar o mal, para se furtar á dura provação de ter que o confessar.

O amor da verdade só assim faz milagres.

De resto, cada defeito de um temperamento revelado abertamente na infancia póde ser corrigido com mão firme e razão clara e tolerante.

A cada defeito corresponde quasi sempre uma qualidade, que d'elle póde, por assim dizer, extrahir-se, como do joio se extrahe o trigo, como o ouro se extrahe da mina, que o contém.

Mas, se os defeitos medram na subterranea escuridão de uma alma de falsidade e de mentira, não fazem ahi senão avolumar-se, agravar-se, suffocar, na sua vegetação espessa e malefica, todo o germen bom, que acaso lá se occultasse a medo.

Modificar as influencias hereditarias é a obra da educação.

A curiosidade tão frequente nas creanças, bem applicada e bem dirigida, póde transformar-se em ancia de aprender, em aspiração ardente a conhecer, a amar as cousas grandes e as cousas bellas.

O orgulho póde depurar-se, perder, sob uma direcção intelligente, os seus duros espinhos e fazer-se salvaguarda moral de um caracter de pureza.

A inveja – dos defeitos humanos talvez o mais vil – reconhecida, combatida, inspirando a quem a sente medrar em si uma salutar vergonha, póde transfigurar-se em ambição legitima, em estimulo para subir onde outros não subiram.

Até a propria tendencia infantil para a mentira, que apenas representa ás vezes um excesso de imaginação, uma fertilidade de phantasia, um dom de crear imagens e de evocar visões irreaes, póde, não emendar-se, talvez, mas transportar-se para o campo onde deixa de ser nociva e se torna faculdade creadora como a dos poetas e dos artistas.

Aos tres, aos quattros annos, é raro que a creança minta para desculpar-se de culpas das quaes ainda não tem consciencia.

Mente porque tem a imaginação já viva e fecunda, porque imagina vêr cousas, ou realmente as vê, porque ao contar os seus estranhos sonhos percebe que se riem, que lhe acham graça...

A missão da mãe começa logo. E' necessario dirigir esse poder de crear, ao par da realidade, cousas que não são reaes. Permitta-se á creança que ella conte historias, invente contos seus; mas faça-se-lhe logo distinguir os dous campos bem delimitados da phantasia.

No primeiro póde a sua pequenina imaginação devanear á vontade. – Quem sabe, dirá a mãe desvanecida, se este meu anjo pequenino não será mais tarde um poeta, um artista, um creador de novas fórmas e de visões inéditas?

Mas em tudo que seja a sua propria existencia, os actos da sua vida quotidiana, não consinta a mãe intelligente que o seu filho ou a sua filha improvisem falsidades, por mais engraçadas que estas sejam.

E' assim que da creança phantasiosa, esperta, imaginativa, se póde fazer a creatura mentirosa, falsa, pérfida, quando isso convier.

Começa se por ter um caracter complicado, e acaba-se por ter um caracter traiçoeiro e mau.



Shakspeare diz bem: O homem ou a mulher, que forem verdadeiros comsigo não serão falsos com os outros.

Conhecer sem sophismas o mal, é meio caminho de evital-o.

Se as filhas têm uma índole singela e simples, é necessário empregar os meios todos ao alcance das mães para as educar no sentido das suas boas tendências.

Se, pelo contrario, nascem com visível inclinação para qualquer defeito, o que é necessário é combater esse defeito organico com todas as armas que póde empregar a dedicação das mães!

Dar como fundamento á educação o amor da verdade, religioso, austero, sem compromissos, é sempre o meio mais efficaz de dar força a uma alma.

Perdõe-se o que mereça perdão, contando que o erro seja nobremente confessado, mas confessado como expiação.

Auxilliai a pequena alma tenra e malleavel, como o jardineiro bom auxilia a planta que vai

crescendo, a subir, a subir sempre, para a luz, para o sol, para as livres alturas.

O catholicismo é n'isto um grande mestre. O que é a confissão senão o reconhecimento doloroso dos erros em que a alma se abysma e que são superiores ao seu desejo de perfeição e de renunciamiento?

Amai a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a vós mesmos – diz o cathecismo na pura singeleza com que elle falla ás almas mais elevadas e ás mais grosseiras e rudes.

As mais elevadas bem sabem que amar a Deus sobre todas as cousas é amar o bem em todas as fórmãs, o Bello em todas as manifestações, a Verdade no seu crystal sem mácula, a Pureza no seu ideal inattingivel. E' fazer da alma um altar, em que arda dia e noute a lampada de uma consciencia clara, vigilante e viva.

E sabem que amar o proximo é não o trahir, não o enganar, não lhe roubar uma parcella do seu bem material ou moral, é prestar-lhe o auxilio da sua palavra, do seu exemplo, da sua sciencia ou do seu puro instincto do Bem.

As pobres almas grosseiras e rudimentares contentam-se com um simulacro, mais ou menos imperfeito, d' estas bellas leis. Amam a Deus n'um culto externo, sem nada que o encha por dentro de verdade e de elevação. Amam o proximo, procurando cingir-se á lei mais facil, que consiste em não o offender, o não espoliar, o não perseguir, o não matar.

Oppõem á força activa de uma Lei moral incomparavel a lei passiva de uma superstição, que os não obriga a grandes esforços de vontade.

Qual será, pois, o fim mais alto da educação!

E' fazer com que essas almas de ignorancia diminuam no mundo, e que augmente o numero d'aquellas que saibam depurar o christianismo da sua rotina fetichista, e que o comprehendam tal qual é, lei transcendente, com raizes no mais fundo e inconsciente do nosso sêr. Lei em que se conciliam a Fé, que arrebatata a alma ás mysticas alturas, e a Razão, que esclarece os problemas humanos, os reduz ás suas verdadeiras proporções, os resolve com superior mestria.

Se cada um de nós tivesse menos a mania de se arvorar em theologo e mais o desejo de conciliar em si os preceitos da moral religiosa e os da razão pratica, talvez que o mundo estivesse em maior paz e que a consciencia moderna não estivesse tão profunda e tão perigosamente abalada!

Mau serviço prestam ás almas e ás consciências de hoje os que proclamam com severo sobreceño que a moral e a religião ou hão de estar unidas ou hão de deixar de existir.

As leis moraes e os preceitos religiosos combinam-se, harmonisam-se, completam-se, mas podem existir separados.

Da sua identificação perfeita resulta um estado de beatitude superior; mas a prova de que são independentes é que Littré foi um santo e Torquemada foi um perverso.

Um sophisma a divina lei de Christo para a transformar em instrumento de tortura atroz contra os seus irmãos; outro não se soccorreu de sophisma algum para deixar cumprir os mais arduos deveres, para deixar de ser puro, bom, perfeito como um apostolo, sob uma chuva de calumnias crueis.

Grande auxiliar, sublime conforto para a desamparada e triste alma humana é a Fé concreta na recompensa além do tumulo; mas sem essa fé tambem póde haver proposito firme de cumprir o bem, não porque elle seja amplamente remunerado n'uma eternidade de delicias, mas porque elle é a lei suprema, o ideal mais bello que o homem concebeu, e tem tentado, em incessante evolução, realisar na terra.

Pascal foi um destruidor terrivel da virtualidade do bem na alma do homem. Demoliu implacavel todos os fundamentos da virtude e da moral, a não ser um – e esse, bello e grande como é, conserva-se independente da vontade humana, e não está no poder d'esta possuil-o e sobre elle architectar o edificio da sua vida.

N'este momento, que podia ser de paz, duas forças sectarias tentam de novo dividir o mundo.

Não imite, pois, a sciencia moderna o erro terrivel, o erro funesto de Pascal.

Este humilhou o homem e prostrou-o no pó, aniquillado e inerte, para o levantar mais tarde ao som da terrivel trombeta de Jericó. Aquella tambem quer ser a unica educadora do homem moderno, como se a faculdade de crêr fosse reductivel aos seus processos de analyse, fatalmente limitados pela insufficiencia dos instrumentos de que dispõe!

Que ella deixe á alma todas as suas riquezas: a de crêr e a de saber; a de perder-se no abysmo da sua fé, a de se libertar pelos processos positivos da sua sciencia.

Mas que a fé e a sciencia tendam ao mesmo fito supremo: fazer o homem e a mulher bons, verdadeiros, capazes da abnegação, que consiste em immolar as paixões individuaes ao bem

collectivo, a de sacrificar-se para que o ideal
sonhado se realice mais e mais na terra abençoada
e fecunda!...

14.ª CARTA

As enfermeiras nos hospitaes inglezes

XIV

No outro dia veiu-me á mão um Relatorio interessantissimo publicado no *Bulletin Médical*, de Paris, ácerca⁵ dos hospitaes de Londres e da classe tão interessante das suas enfermeiras.

Esse relatorio, escripto em puro francez pela superiora das religiosas do Hospital Pasteur, senhora portugueza que eu conheci muito, tem para mim tanto mais valor quanto corresponde exactamente a uma ideia muita vez advogada pela minha pobre penna: a da compatibilidade que póde existir entre a vida secular e as missões de

⁵ Nota dos editores: o acento não é totalmente legível.

piedade e de altruismo mais elevadas e mais sublimes.

Indicar á mulher a vida religiosa como a unica em que ella póde exercer as altas virtudes do seu coração é desanimar do bem aquellas que não tenham em si a rara vocação que as leve á immolação completa da sua personalidade, á consagração eterna da sua vida a Deus e aos seus altares.

Se o relatorio aliás admiravelmente escripto fosse devido á penna de um homem, ou á de uma mulher secular, não teria elle a auctoridade enorme que tem para abono o corroboração da minha velha theoria.

Mas a auctora d'esse relatorio é uma religiosa da ordem de S, Joseph de Cluny. Portugueza de nascimento, como já disse, pertencente a uma distincta familia do nosso paiz, ella, que sentia em

si a ardente ambição de fazer bem, de ser util ao seu proximo, de applicar a sua vida a alguma grande e bella obra, teve – tal é a impossibilidade que hoje ainda existe para a mulher portugueza de sahir da rotina banal e da estreita es-escravidão ás formulas sociaes – de consagrar-se a uma ordem religiosa estrangeira.

Tão grandes eram o seu merito pessoal, a superioridade da sua bella organização, a evidencia do seu talento, que ahi mesmo adquiriu uma posição preponderante. Hoje, em França, é superiora das religiosas do Hospital Pasteur.

Aqui continuaria a ser uma creatura humana comprimida em tão estreitas formulas, que a sua intelligencia elevadissima, a sua virtualidade do bem ficariam inapplicadas.

Conheci-a bem de perto a essa dôce e pensativa *Soeur Catherine*. Acheia-a sempre

encantadora, e percebia-se que dentro d'aquelle corpo franzino e fragil havia uma alma ardente, avida de sacrificio, que anciava immolar-se ao Ideal sonhado. Se ficasse no mundo, ella podia talvez ser aquelle precioso fermento que faz levedar a massa pesada e inerte. E' d'estas mulheres que se compõe a milicia sagrada que vae pouco a pouco, lenta e gradualmente, aperfeiçoando a triste humanidade. E nascida n'outro paiz que não fosse o nosso velho paiz supersticiosamente apegado ás antigas praxes, ella poderia crear, só pela energia da sua vontade, só pela força do seu grande entendimento alguma grande obra de utilidade social, fecunda e pratica. Aqui todas as carreiras activas até no bem estão ainda fechadas á mulher.

A fundadora de uma obra de altruismo só encontra no seu caminho obstaculos e difficuldades.

A vida domestica é bastante complicada e ardua, para occupar as faculdades todas de uma mulher. De accordo. Mas as que não casam? Nem todas casam, e em todos os paizes latinos casa-se cada vez menos. A essas o que resta em Portugal? Nem sequer o convento! Por isso tantas das melhores vão lá para fóra como foi esta, e constituem a admiração dos que a vêem à *l'oeuvre*. Os medicos de Paris conhecem bem *Saeur Catherine*, a nossa querida portugueza, que ali, sob o habito de freira, honra nobremente o paiz de seus avós. E é ella que, encarregada pelo dr. Louis Martin de estudar separadamente e com todo o vagar necessario a organização notabilissima das *nurses* ou enfermeiras dos

hospitales de Londres, faz d'esta corporação secular uma tão admiravel e tão imparcial analyse, que n'ella vamos colher elementos para a propagação de uma ideia nossa.

Não sou contraria ás ordens femininas religiosas. Pelo contrario. Para as mulheres, cuja condição economica, social e moral, está sendo tão dura n'este brilhante e scientifico seculo vinte, como foi na tenebrosa Edade Media, o convento parece-me um refugio ou um salvaterio.

As armas doloridas para as quaes o tumulto da vida moderna é uma tortura, encontram no convento das ordens contemplativas aquelle repouso de quem sentem em si a ineluctavel necessidade.

As ordens activas que se consagram a tractar dos enfermos, a salvar as creanças, a visitar os encarcerados, a rehabilitar as creaturas perdidas,

além da grande missão que praticam, exercendo no mundo uma influencia tão bella, são o campo vastissimo em que a mulher póde trabalhar e lidar, sem que o seu trabalho isolado se perca, sem que a sua iniciativa, por restricta, se inutilise.

Mas se tenho por inutil e cruel loucura, além de rematada perversão, as tentativas de acabar com o sentimento religioso no mundo, entendo tambem que ao lado das ordens religiosas que se consagram ao bem, póde haver corporações seculares que a elle igualmente se consagrem, sem que os seus membros abdicuem por isso de todas as alegrias, de todo o sentimento e aspirações puramente humanas!

Compreendo que em Portugal uma alma de tão singular fervor como o d'essa que hoje se chama *Soeur Catherine* não achasse campo adequado ao seu genero de actividade, alimento

proprio á sua aspiração idealista! Mas compreendo tambem como ella visitando os hospitaes de Londres parece comprehender com tão lucido criterio, que, haja creaturas que, por não terem tão decidida tendencia a immolarem-se como ella teve, possam dedicar-se de alma e coração ao tractamento dos doentes, sem por isso terem de renunciar a todas as esperanças e alegrias da vida terrena!



E' necessario, bem sei, um grande esforço para que a gente se consagre inteiramente a uma missão d'estas. Mas o mundo só póde melhorar na proporção em que essas aspirações e realizações altruistas se forem generalizando.

Para que os seus hospitaes sejam um recinto onde, no dizer da religiosa que eu estou citando, o

pobre encontra o seu verdadeiro *home*, o que é que faz a prática Inglaterra?

Em primeiro lugar gasta dinheiro, muito dinheiro com elles. Enche-os de luz, de flores, de plantas.

Torna-os tão asseados, tao commodos que façam um contraste frisante com o casebre immundo onde o pobre de Londres agonisa sem o menor conforto. Em segundo lugar, faz, pelo exemplo das suas classes educadas, pela propaganda dos seus jornaes, pela acção das suas forças sociaes, que a profissão de enfermeira (*nurse*) seja uma profissão honrosa, independente, lucrativa, e se não agradavel no sentido egoista e comodista da palavra, pelo menos cheia de compensações moraes a que as almas de certa tempera aspiram sobretudo.

A *nurse* ingleza não é uma rude mulher do povo, pois que, se parte do povo, não chega a entrar em função senão depois de educada, de instruída, de ensinada tecnicamente e theoreticamente.

Não teem duvida em entrar para essa profissão as raparigas pobres e boas da classe média.

Filhas de pastores, de medicos, de advogados, de commerciantes, procuram por vocação propria ou por conveniencia esse mister, a que só se póde chegar depois de um noviciado no qual, além da intelligencia clara, da destreza e presteza de mãos, da robustez, da persistencia, se teem de provar predicados moraes da ordem mais requintada.

Amar os pobres, os infelizes, os enfermos; desejar levar um raio de luz á treva em que se debatem os cegos; sentir em si em ondas suavissimas o *leite da bondade humana* de que

falla Shakspeare; todas estas divinas qualidades tão feminis, não implicam fatalmente a obrigação de entrar n'uma ordem religiosa, pois que essas que ali entram e teem não sómente de ser boas, compadecidas, humanas, teem de ser heroicas e de combater os impulsos mais santos e mais legitimos da Natureza.

Foi Florence Nightingale, uma benemerita da humanidade, quem instituiu essa bella corporação das enfermeiras inglezas, e as escolas onde ellas aprendem hoje technicamente os deveres da sua santa profissão estão adjuntas a todos os grandes hospitaes de Londres.

Essas escolas são frequentadas por aquellas que se destinam á vida de enfermeiras, e tambem pelas que, sem honorarios fixos, se dedicam ao tractamento dos doentes pobres.

Muita rapariga elegante, que á noite póde admirar-se decotada e luxuosamente vestida nos bailes da opulenta aristocracia ingleza, tem durante o dia visitado os horriveis casebres onde a miseria da grande cidade offerece tão cruel e flagrante desmentido á sua ostentosa civilisação exterior.

Felizmente, em Londres multiplicam-se os hospitaes.

Ali, segundo o bello Relatorio que me inspirou esta carta e que foi escripto pelas finas mãos de uma rapariga que eu tambem conheci e vi em festas e alegrias, de que fugiu para se dar toda a Deus e aos miseraveis – ali – «podem facilmente reconhecer-se as melhores qualidades inglezas: espirito de iniciativa, respeito proprio e respeito de outrem, que leva a fazer nobremente as cousas; character positivo e práctico de quem sabe

o que quer e saber querer; zêlo escrupuloso da propria liberdade de pensar e de crêr. Todos os hospitaes de uma certa mportancia teem capella e capellão encarregado do serviço religioso dos doentes e do pessoal empregado. De resto – e ainda pelo sentimento profundo de liberdade que caracteriza o inglez – as portas do hospital abrem-se de par em par para o padre catholico, para o representante de qualquer culto ou seita, como se abrem ante o pastor protestante.»

Note-se que é uma freira catholica quem diz estas palavras de imparcial e serena justiça, affirmando assim bem clara a nobre noção moral de quem a alma humana tem direito de escolher a fórmula do culto com que se dirige ao Universal Mysterio, com que apella para a infinita bondade de Deus!

«A subordinação hierarchica do pessoal das enfermeiras é a seguinte:

1.º – *Matron* – mãe, verdadeira directora do hospital, investida de grande auctoridade, encarregada de regular todos os serviços internos.

2.º – *Wardsister* – irmã vigilante da sala, tendo pelo menos tres annos de serviço.

3.º – *Staffnurse* – enfermeira effectiva, tendo tambem tres annos de serviço.

4.º – *Nurse* – Simples enfermeira, tendo pelo menos um anno de serviço.

5.º – *Probationer* – aspirante a enfermeira.

«Deve notar-se – accrescenta o relatorio que eu cito porque me parece do mais alto interesse – que as designações dos dois postos mais elevados são tirados das congregações catholicas, porque, segundo confessam as proprias titulares, essas

designações evocam um sentimento de maior confiança e de maior respeito.

«O recrutamento das aspirantes é feito pela *matron*, e é-lhe facil, porque os pedidos de admissão são sempre numerosissimos. Faz-se esse recrutamento n'um meio relativamente elevado, e a *matron* usa, apezar d'isso, largamente do direito de se mostrar difficil. As aspirantes são, pela maior parte, filhas de pastores, de medicos, de advogados. A's vezes pertencem, pelos paes, ao alto commercio, etc.

«A aspirante deve ter de vinte e tres a trinta annos; ser solteira ou viuva, sem filhos. Feito o seu requerimento de admissão, a *matron* apresenta-lhe um questionario ao qual ella tem de responder por escripto. E' relativo esse questionario ao seu estado civil, á sua religião, instrucção, saude, emprego anterior do seu tempo,

condição social de seus paes. As respostas, ainda que minuciosas, não bastam á exigente directora. Informações mais intimas são pedidas a duas pessoas das relações da aspirante, a qual não entra senão no caso de essas informações serem satisfatorias.»

O resto é bastante especial e não importa tanto ao nosso caso. Como se vê, a aspirante passa por varios graus até attingir o de *wardsister* ou o mais raro e mais feliz de *matron*. Mas a esses poucas chegam.

Em todo o caso, logo que entre, está-lhe assegurada uma vida segura e decente e uma occupação que eleva a alma em vez de a deprimir.

Uma rapariga ingleza, que pertença a uma familia pobre, em vez de ficar, como as nossas

raparigas, a cargo dos seus, constituindo um peso inutil, acha aqui uma carreira, uma profissão, a consciencia da sua independente personalidade.

Emquanto a rapariga portugueza, hespanhola, brasileira, cruza os braços á espera de um marido que não vem, que é pobre quasi sempre quando vem, o que significa perpetuar a miseria, que é mau muitas vezes, e que a final de contas não corresponde nunca ao triste e prolongado sonho que o evocou – a mulher anglo-saxonia arranja um meio honesto e bom de alliviar os seus e de aliviar os miseraveis, a quem vae tractar, com os dons da sua piedade, com os thesouros do seu coração.

As nossas teem de ir para o convento, se n’ellas actúa fortemente a ambição de viver para os desherdados, para os infelizes!

A rapariga do Norte, a protestante, activa, reflexiva e calma, lá vae á sua missão de caridade,

sem perder nenhum dos direitos ás alegrias humanas que possam vir *par surcroît*.

E além d'este modo de vida ha muitissimos outros que ella escolhe, nos quaes se torna eximia, e que, garantindo-lhe a independencia material, acabam por dar-lhe ao character a firmeza de que o das nossas mulheres tanto carece.

Não é a religião protestante que as faz assim, bem sei. E' a raça e o clima, são os costumes orientados desde muito n'um sentido pratico e racional. Mas que pena que nós não possamos orientar assim as filhas da nossa raça tão escravas ainda!

15.ª CARTA

O exemplo como elemento educador

XV

Não é a Razão que governa o mundo, devemos humildemente confessá-lo. É o Sentimento. A ideia não tem poder nas almas, enquanto, por natural evolução, se não transforma em sentimento.

A razão pode inspirar as naturezas superiores e determiná-las em certo e determinado sentido; mas, enquanto essa razão não acha o caminho da sensibilidade alheia, os seus raciocínios e conclusões em nada influem para impulsionar os homens, em geral.

Isto succede, já se vê, em maior grau com as mulheres, tanto mais sensíveis e mais impressionáveis do que elles. Mulheres e crianças é pelo sentimento, pelas imagens habilmente evocadas, que se levam, educam, conduzem. Isto augmenta, em grau extraordinario, a responsabilidade do educador e estabelece, sem contestação, a solidariedade moral entre as gerações, que se vão succedendo

O exemplo é o melhor instrumento de educação que conhecemos. Porque? Porque, desde a infancia mais tenra, a criança segue-o, inconsciente ainda, e, mais tarde, embora o meio exterior esteja em hostilidade aberta com as noções recebidas na infancia e cuja força ancestral era já grande e efficaz, essas noções, transformadas em instincto, cuja raiz está no mais

inconsciente e profundo do nosso sêr, continuam a exercer em nós a sua acção benéfica!

Isto, que toda a gente reconhece, quando se trata do mal, é ainda contestado e contradictado, quando se trata do bem.

A creança que nunca viu senão maus exemplos, que nunca ouviu senão más palavras, que respirou, desde que nasceu, no meio da mais grosseira abjecção, não póde, senão por milagre a que ainda não assisti, escapar ao contagio de todo esse mal.

Que sabe ella do bem, se ninguem lh'o revelou, nem de longe?

A creança nascida de paes civilisados e transportada em criminosa experiencia para um meio barbaro, sentirá, é certo, vagos assomos de revolta contra a selvageria que a cêrca, em resultado de influencias atavicas, a que ninguem

escapa; mas essa revolta não passará de méro instinto, de angustia inconsciente, que a não salvará da barbaria a que o seu meio a condemna.

Só a acção dos seculos póde dar ao organismo humano a receptividade necessaria para comprehender e acceitar os bens de uma civilisação superior; mas é necessario tambem que a tradição se não quebre, que o progresso seja contínuo, que a ascensão para uma forma de espirito mais elevada seja em estádios successivos. Tudo isto é obvio. A gente sabe muito bem que isto é assim; mas continúa a proceder como se o não soubesse.

Que importa que a mãe, a educadora, prove á filha ou á discipula, com argumentos eloquentissimos, que a colera, por exemplo, é um

defeito repellente, um *pecado mortal*, segundo o Cathecismo, se ella tiver, no meio das suas licções ou fóra d'ellas, diante da creança, arrebatamentos e cóleras?

Todos os argumentos moraes, todos os raciocinios feitos ficam de pé. Não é possivel a ninguem destruil-os. Mas o effeito d'elles é que se aniquilla immediatamente com esta incoherencia. A creança, acostumada a vêr a mãe ter furias, *sabe* talvez que um ataque de cólera é uma cousa má, mas *sente* que, visto a mãe ser colerica, também ella o póde ser. A prova é que á mãe irosa e arrebatada é frequentissimo succederem filhas e filhos com igual defeito.

Hereditariedade inevitavel? Não! Deus nos defenda de pensarmos, de deixarmos perceber diante dos nossos filhos, que, a nosso vêr, é incorrigivel qualquer defeito de character ou de

natureza que venha de nossos paes ou avós! Não ha melhor pretexto para que a creança se abandone e renuncie áquella energia sempre viva que é indispensavel ao sêr humano que quer lutar com os seus proprios defeitos.

A obra da civilisação, se a contemplarmos no seu conjuncto, o que é mais do que a sublime, a commovente historia d'essa lucha secular do homem contra a animalidade de que provém e á qual tende a descer, logo que a energia da sua vontade, essa scintilha de Deus, se amorteça e apague por momentos no lampadario da sua alma?

A grandeza do homem consiste n'esta dupla natureza, que em toda a vasta creação só elle possui.

Em vão querem fazer d'elle o irmão mal emancipado ainda dos outros sêres creados, o termo da longa cadeia, que vai da pedra á planta,

do infusorio ao mais complicado dos organismos animaes.

Elle é isso, mas é também outra cousa, que o desliga e differenceia de tudo isso!

Só elle sabe que morre e por isso só elle é tão triste; mas tambem só elle sabe que ressuscita permanentemente, e que da sua vontade, da cultura requintada, imposta ao seu proprio sêr, depende que ressuscite, cada vez melhor, mais perfeito, mais accessivel a um ideal superior!...

Por isso, a obra incessante do seu aperfeiçoamento individual – a obra em que póde trabalhar o mais pobre, o mais humilde – é sempre uma parcella luminosa da obra do bem universal e eterno.

Que base mais bella, mais desinteressada e pura, para a moral se póde encontrar na terra? E á medida que o homem se aperfeiçõe, essa base, que

hoje contenta poucos, ha de ir contentado maior e maior numero. A sua acção moralisadora é incalculavel.

A religião abenço-a, sem a monopolisar para seu uso exclusivo, não lhe tirando nada e accrescentando-lhe a consoladora promessa de que essa aspiração incessante para o bem não terá só como recompensa o bem da humanidade futura, mas a propria beatitude celeste de quem a sente e pratica na terra.

A philosophia corôa-a com as suas palavras mais bellas. A sciencia sanciona-a como resolução do problema mais arduo posto á intelligencia do homem. A terra agradecida irá conquistando cada dia maior somma de felicidade e paz ao seu radioso influxo.

Não ha nada que a contradiga. Podem accrescentar-lhe elementos novos, sem lhe tirarem um unico dos antigos.

E é visivel á intelligencia mais curta o resultado d' esta lei moral. Se quem tem filhos a póde vêr cada dia applicada e triumphante! O que é o exemplo dado pela mãe, pelo pai, pelo irmão mais velho, senão a applicação em ponto restricto d' essa lei universal?

O pai, que vence os instinctos brutaes, as paixões más, para que o filho não soffra, imitando-lhe o exemplo; a mãe, que vence a impaciencia, a indolencia, o coquettismo, a vaidade, para salvaguardar a filha d'esses impulsos, d'esses instinctos funestos; o filho ou a filha mais velhos, que em casa dão exemplo de

disciplina, obediencia ás regras, doçura e trabalho, o que fazem senão tender á propria perfeição para determinarem a perfeição alheia?!

Oh! a influencia divina d'esta educação mutua exercida pela mãe na propria filha e pela filha na sua propria mãe!

Qual é a mãe que ousará, diante da consciencia pura de uma filha de seis, de sete, de mais annos, faltar á verdade flagrantemente? Qual é a mãe que terá coragem para dizer ao marido, diante dos filhos, uma cousa – a mais leve que seja – que estes tenham a certeza que é mentira?

Uma vez, um agudo observador de caracteres, um d'estes espiritos que teem o prazer de manejar, de estudar, de classificar almas, como se estas

fossem insectos ou plantas, contou-me o seguinte episodio:

Estava a jantar em casa de uma familia sua conhecida. O jantar era intimo. Assistiam creanças de casa. Houve um momento em que o marido perguntou á mulher uma cousa. Na apparencia, era uma pergunta banal, indifferente. A mulher respondeu, e, enquanto ella respondia, a pequenina filha de sete annos fitou-a bruscamente, fez-se muito córada, como que tentou interromper a réplica maternal, e logo depois baixou os olhinhos e ficou muito triste a contemplar o seu prato...

A mãe tivera a coragem de faltar á verdade, diante da filha, ao marido, que a interrogára.

Que se passaria ao descobrir esta monstruosa cousa: – a *mamã mentiu* – na consciencia até alli tranquilla e lisa da pequenina!... Que

desmoronamento da imagem, que não póde mais erguer-se branca, immaculada, como até alli, na dôce alma infantil, que a tinha pelo seu melhor thesouro, que inconscientemente , sem raciocinar, achára até alli na sua mãe a perfeição suprema!

E a vaidade? essa vaidade ingenita na mulher, como ella se agrava, se avigora, se robustece e ramifica, á sombra da vaidade maternal!

«Não se deve ser vaidosa!» exclama a mãe, ao assistir ás pequenas momices, um tanto comicas, que faz diante do espelho a filha pequenina! Que importa a lição, se o exemplo a destroe?

Não sabe ella que a mãe é vaidosa, que pela *toilette* faz sacrificios até do bem-estar da familia? não tem ella ouvido as admoestações vãs do pai, e não se tem deliciado diante da mãe elegante, cheia de graça, coberta de todos os requintes passageiros da moda, pensando só em si, e

esquecendo a filha, que se põe em bicos de pés para a beijar, enlevada no encanto d'aquella figura *fanfreluchée*, complicada, d'aquella figura que, se ella soubesse raciocinar, lhe pareceria qualquer estranho idolo de uma divindade exigente, cruel, egoista e frivola?!...

Eu não quero condemnar na mulher o gôsto bem natural de se vestir, de se enfeitar, de parecer bem. E' esse um d'estes irreductiveis instinctos do sexo que podem modificar-se, mas não destruir-se, que é bom em si, porque dá á mulher um poder grande, e muita vez benefico.

O que pretendo é lembrar ás mães que entregar-se sem reflexão a essa natural tendencia, fazendo-se escravas da vaidade, sob qualquer das fórmulas que esta reveste para tentar e enganar a

mulher, ellas não fazem senão crear na alma da filha novas raizes, ainda mais vigorosas que as que nascem com ella, á planta damninha que já lá está medrando em favoravel terreno...

Muitos erros da mulher, sobretudo da mulher ociosa e rica, erros que o mundo attribue a outras causas, teem hoje por *unica* origem a vaidade.

Tirem á vaidade as complicações, os requintes, as aberrações estranhas, os sophismas perigosos, as illusorias delicias, os triumphos invejados que o mundo moderno lhe accrescenta dia a dia, e a mulher do nosso tempo, mesmo aquella que uma alta comprehensão do dever não illumina, será muito mais correcta e moderada do que a mulher do passado em circumstancias iguaes.

E' que hoje a voz forte e implacavel dos robustos e não combatidos instinctos, que em

épocas mais vigorosas e mais exuberantes se fazia ouvir acima de tudo – acima das imprecações dos confessores, dos reformadores e dos moralistas – está muito mais enfraquecida! Seja como fôr, o homem e a mulher estão hoje muito mais longe do barro da sua origem, ou do primitivo selvagem que bramiu nas selvas virginaes a sua furiosa sêde de sangue e de amor!

Não é a paixão que os cega, pois que nem para a paixão eles teem hoje seiva; é a vaidade que os contamina e que os perverte!...

16.ª CARTA

Vertigem da vida moderna

XVI

Quem é que, uma vez ou outra, não tem applicado o tão famoso e repetido *ceci tuera cela* de Victor Hugo a cousas que quotidianamente presencia e observa!

E', bem o sei, a lei expressa n'essa curta phrase retumbante, uma condição universal da Vida.

Na natureza, na esphera dos sentimentos, das ideias, dos factos, *ceci* está sempre matando *cela*. A gente está habituada a isto e no entretanto faz-lhe sempre pena o verifica-lo directamente.

Vejam os por exemplo a transformação que se está operando nos hábitos dos nossos contemporâneos. A leitura era d'antes uma occupação do espirito, que o alimentava distrahindo-o dos interesses exclusivamente materiaes.

A mulher, ha pouco ainda, lia bastante. A extremamente devota e mystica tinha na litteratura religiosa, que antigamente era tão bella e forte, muita cousa que a confortasse, elevando-a.

Então não era só de milagres e de definições dogmaticas que lhe fallavam os grandes mestres e os grandes doutores. A linguagem d'elles era masculina e estimulante. Chamava-as ao rude dever e ao sacrificio austero.

Outras menos dadas á vida interior preferiam a Poesia, a Ficção, a Historia. Imagens de desinteresse, de abnegação, de heroicidade e de

belleza moviam-se assim ante os seus olhos curiosos. Alguma cousa lá ficava!

Hoje, porém, uma das crises que se está pronunciando é a crise das obras intellectuaes de qualquer genero.

Tão pouco se lê agora, em que ha milhares de bibliothecas abarrotadas de milhões de volumes, como no tempo em que só uma insignificante percentagem sabia ler e em que se não tinha ainda descoberto a arte divulgadora da imprensa!

Seria facilimo provar isto e fazer a historia do livro, da obra escripta, atravez dos tempos.

E' mais limitada n'este momento a minha pretensão. Consiste em observar aqui a transformação rapida que se opera, pelo menos entre nós, nos habitos intellectuaes da maioria. Victor Hugo achava que o monumento feito pela palavra humana *matára* o monumento feito pela

mão anonyma de umas poucas de gerações; que o *livro* matára a *cathedral*; que ninguem lia os caracteres symbolicos da pedra desde que se habituára a ler os caracteres mais simples da *typographia*.

Pois a tão curto espaço, relativamente, do tempo em que o grande poeta escreveu no seu livro de *Nôtre Dame* a famosa phrase, que de *mortes* tem havido, a que a gente assiste desconsolada! O livro matára a *cathedral*; o jornalista, o homem de *theatro* tinham morto o *prégador*. Ia-se ouvir no palco flagellar os costumes que d'antes se ouviam flagellar do alto do *pulpito*; a grande força da imprensa diaria substituiu a força tambem grande, mas já decadente do *prégador*.

E a tamanha distancia estava, no fim de contas, o *prégador elegante* – que nas *egrejas* da

moda conversava com o seu auditorio culto e correctamente devoto, – de Isaias, o terrivel Propheta, lançando em rosto ao povo as iniquidades de Jerusalém, ou de Savonarola, a quem a fogueira esperava, obrigando a gente rica de Florença a destruir na praça publica as suas riquezas pagãs, os livros, as estatuas, os manuscriptos preciosos, as joias deliciosamente buriladas, – como d’esse ultimo *avatar* dos prophetas biblicos, chamado Lacordaire ou Dupanloup, estavam por exemplo Vieiullot ou Girardin, os grandes jornalistas.

O livro matára a cathedral; o jornal matára o sermão. Eis que a pouco e pouco o informador mata o jornalista; a informação telegraphica mata a noticia bem escripta; a caricatura mata a ironia; a gravura, a photographia, o *kodak* matam a arte

de descrever um espectáculo qualquer, um acontecimento, uma scena.

Os que lendo o seu jornal já não tinham tempo que dar ao livro, agora lendo rapidamente os telegrammas do mundo inteiro já se não occupam em ler o artigo pensando que os commenta. Em breve photo-gravuras e telegrammas constituirão o jornalismo periodico. Pantomimas, bailados, espectáculos de circo, substituirão a comedia, o drama, a opera.

E o embrutecimento em que d'antes se jazia por falta de cultura, será substituido por outro muito peor: o que provém do desprezo raciocinado pela cultura!

Quem poderá assistir com indifferença a este rapido caminhar da familia e portanto da sociedade para um materialismo corruptor, destruidor?

As altas classes é que dão o exemplo. As mulheres, quando lêem, lêem algum romance francez moderno.

O escriptor francez, – por ora ainda o mais lido no mundo – como sente fugir o seu publico, trata de o chamar com as artes mais deploraveis. Explora ou a vaidade irreductivel da mulher, ou a sua eterna curiosidade, que já perdeu Eva, ou os lados menos nobres da sua indole caprichosa. Pinta-lhe, cada vez mais nuas, scenas que ella por dignidade propria, por amor da sua immaculada pureza devia sempre ignorar. Apella para tudo que devia tratar de combater e destruir, e assim consegue ainda, enlodando muitos espiritos, alcançar muitos leitores.

Mas, posto de parte o romance francez mais ou menos escabroso, o que é que hoje lêem as classss ociosas e ricas? Nada! Correm aos theatros

onde se representam peças asquerosas; aos colyseus; aos circos; por elegancia e *chic* ainda á grande Opera. Lêem as noticias dos jornaes cuscuvilheiros, que fallam das elegancias mundanas e as descrevem. O *New-York-Herald* publica correspondencias telegraphicas de todas as cidades da Europa com as descripções das festas, dos *sports*, das partidas de caça, isto com *todos os nomes*, absolutamente desconhecidos na America, das pessoas que ahi figuraram. Procede assim, porque é o meio de ter mais assignantes. Querem mais claro symptoma da especie de loucura *snob*, que se apossou do mundo?

Quem é que tem tempo para ler n'essas regiões, que se julgam altas e cuja vida é inteiramente absorvida por uma multiplicidade enorme, inextricavel, de pequenas cousas que elles consideram muito importantes? Nas praias é

o banho e a forçada estação matutina passada na praia a dizer mal; o almoço á pressa; a longa a permanencia nos *courts* a jogar toda a especie de jogos: de pella, de bolla, de tennis, de malha, de *golf*, etc. Depois a corrida vertiginosa em automovel, da qual se chega ás vezes em uns poucos de boccados, e quando se chega inteiro, muito desorientado, muito estafado, muito tonto, quasi imbecil. O jantar, a volta ás salas do Casino, em cujos jardins se passou parte do dia; e a dança até ás tres horas da madrugada. Isto já não falando em jogos de azar.

Onde é que uma pessoa acha tempo para ler um livro neste dia, cheio, a transbordar, do trabalho mais estafante e mais extenuador?

Vae-se depois para a cidade. A barafunda, o barulho da vida coutinúa; são as lojas onde se passa quasi toda a manhã: são os passeios a pé ou

de automovel ou de carruagem: são os theatros; são os bailes; *soirées*, as *matinéés*, as visitas. A casta mundana em toda a parte consome assim o seu tempo. A mocidade de ambos os sexos é assim que passa a existencia!

Que preparação para a velhice aspera e solitaria! Que impossibilidade de pensar, de sentir profundamente n'este movimento desordenado em que não ha uma hora de vida interior ou de vida intellectual, estimulada pela leitura de bons livros, dos que fortalecem ou exaltam, dos que levantam os fazem bem!... Já Bossuet prophetisava este periodo da vida social quando dizia: «Virá uma hora em que não cureis senão de negocios ou de prazeres!» – Essa hora chegou. Ai! de nós! E' necessario que ella se vá embora.

Se a gente rica não lê, a classe media apenas remediada não lê também por falta de tempo ou de gosto.

O homem tem a sua especialidade pela qual vive; é politico – e entre nós essa sciencia das sciencias não precisa de ser aprendida – E’ politico e todo o seu tempo é pouco para as manhas e artimanhas d’essa profissão que nunca devia sêr interpretada assim! O politico de profissão é uma das lastimas dos paizes latinos. E’ militar, e tem o quartel. E’ medico, e tem a clinica que raros momentos lhe deixa. E’ commerciante, é burocrata, é qualquer coisa enfim de estreitamente especializado.

A noute é para o descanso ou para o estudo especial a que se consagra, o que não se póde chamar leitura nem cultura geral: ou então é para o gremio, para o ‘botequim, para o *club*; quando

não é para *acompanhar as senhoras* na faina insana de se divertirem em theatros e visitas.

Até os litteratos deixam de lêr. Esses escrevem e resiguam-se a não ter... publico! E' um cumulo de abnegação que os singularisa!

Se o homem vive nas suas terras, se se fez agricultor, se renuncia á vida da cidade pela do campo, em vez de aproveitar os bellos ocios tão sadios da vida rural, em vez de fugir ao embrutecimento pela leitura, deixa-se afundar dia a dia na mais improductiva inercia mental.

A breve trecho é, pela intelligencia e pela cultura, igual ao jornaleiro a quem emprega.



A mulher, pelo seu lado falla, falla, falla, mas não se entretém já como antigamente no trabalho ou na leitura solitaria!

A solidão é para ella o maximo horror. Não gosta de nada que possue, senão durante os instantes em que um olhar alheio lh'o cubiça, um pensamento alheio lh'o inveja!

O povo, coitado, esse, se lê, e lê agora muito mais, lê coisas que o envenenam, enganam, irritam ou corrompem!

Jornaes baratos, noticias de crimes sensacionaes, romances de aventuras tenebrosas, roubos, assassínios, dramas de sangue...

E assim se fecha o cyclo, que prende á extrema barbaria a extrema civilisação, quando esta não tem unidade moral que a torne solidae poderosa!...



O goso material no seu exasperado requinte, a extrema rapidez, a especie de vertigem do viver moderno, por mais que alguns espiritos reflectidos

procurem oppor-se a este declive estonteador, vão fazer, receio bem, umas poucas de gerações, não de barbaros o que é máu, mas de extra-civilisados, o que é peor!

O barbaro póde civilisar-se, domesticar-se, submeter-se. O extra-civilisado, o que de tudo provou e de tudo se saciou, ninguem póde aproveitá-lo para cousa util.

O que depois de conhecer todos os recursos com que a vida moderna armou o homem, só d'elle se serve para matar com rapidez morbida o tempo que o separa da sepultura, é um louco incuravel.

Ninguem ao vêr estes allucinados do movimento, do prazer, do egoismo, sabe o que elles são, o que elles querem! São pessoas que achando curta a vida, querem em cada momento pôr a intensidade de alguns annos? São, pelo

contrario, creaturas *blasées* que achando cada hora longa, intoleravel, monotona, querem illudir essa sensação de tédio pelo abuso da distracção, que arranca a alma á consciencia das proprias tristezas e dos limites fataes da vida?

E para estes sêres é tão horrivel a existencia que só a toleram esquecendo-a?

E' pelo contrario tão deliciosa que elles só curam de extrahir d'ella toda a essencia, todo o succo, todas as emoções?...

O que vemos bem – e com que pavor o devem vêr todos os que têm filhos! – é que hoje está rareando cada vez mais em toda a parte aquelle sentimento de tranquillidade, aquelle ideal de vida serena e modesta, de que os livros eram a mais dôce e fiel companhia.

O meu ideal de vida seria o de tantas familias inglezas que existem, instruidas, unidas, interessantes e abastadas de bens de fortuna.

O homem occupa-se de cultura, de caça, de negocios de seu Condado, isto durante o dia; as filhas ensinam as creanças, criam e inventam para o povo trabalhos que lhe proporcionem o sustento e deem algum conforto ao pequenino *cottage* asseiado e florido. Ha um *club* creado por ellas, onde se cultiva um pouco o espirito pelas leituras e pelas musicas simples; em que se ensina ás raparigas os trabalhos proprios de as fazerem mais tarde boas donas da sua modesta casa. Os rapazes estão em Eton, ou em Cambridge, ou em Oxford; ou na India, empregados, ou na Africa, trabalhando.

A's vezes o pae está na Camara durante o tempo das sessões.

A' noite na bella *library* em que um enorme tronco arde na chaminé, em torno da grande mesa, todos lêem sentados em poltronas, que só por si suggerem conforto, repouso, quietação.

Já se vê, quando digo todos, são aquelles que estão em casa. E lêem o quê? Viagens, monographias interessantes, obras de Arte pura, tratados de Arte applicada, ensaios de costumes, critica, historia e romances, – os queridos romances inglezes que communicam a quem os lê uma sensação de vida estavel, ordenada, harmonica com o seu meio!

A vida corre com uma sadia e incessante actividade. Vive-se muito ao ar livre, é verdade, mas as noites, os serões são para pensar, para ler, para fazer musica.

As amadoras de sciencias naturaes põem em ordem as suas collecções de plantas ou de

mineraes, de borboletas, de conchas... As que teem a seu cargo os trabalhos de escola dominical, revêem os cadernos e os apontamentos das suas pequenas discipulas. A mais artista arranca ao velho orgão ou ao grande piano de cauda os sons que á alma dos instrumentos confiaram Mozart, Beethoven, Schubert...

Ha paz, quietação, tempo para cada um tomar conhecimento comsigo mesmo!

Oh! nunca leio a descripção d'uma d'estas existencias familiares tão frequentes na Inglaterra – que infelizmente tambem nos seus centros mais populosos se vae transformando – nunca leio uma scena d'estas, arrancada ás paginas dos seus grandes romancistas, ás *biographies* da sua litteratura, sempre tão admiravelmente feitas, aos *Ensaio*s dos seus grandes escriptores, como Macaulay, por exemplo, que eu não pense que o

ideal da familia é este. Só familias assim podem produzir e educar gerações, sãs, activas, sem desperdicio vão de forças, cultas sem pedantismo e sem esterilisadora especialização de conhecimentos.

Nós deixamos que a França do *boulevard* nos invada, nos corrompa, e a pouco e pouco, como ella, deixamo-nos arrastar na onda d'uma ociosidade febril que fatiga mais que o mais duro trabalho.

Não é a França de Claude Bernard, de Pasteur, de Renan, de Taine, do velho Michelet, de Littré o santo, de Guizot o grande historiador, de Sainte-Beuve, o grande critico, – de tantos bellos e nobres vultos consagrados ao trabalho, á Sciencia, á Arte, não é essa França que amamos e imitamos. E' a do *Figaro*; do *tout Paris*; dos elegantes nacionalistas que enquanto não teem *rei*

entendem que não devem ter *lei*; dos que atravessam a vida de automovel *filant soixante à l'heure* sem consciencia do ponto de que partem, sem a mais leve presciencia do ponto para onde vão, destrambilhados e á tôa!...

A esta horrivel noção da vida opponhamos uma outra: a sã, a duradoura, a ordenada e nobre!

Se assim não fizermos, todo o trabalho da educação será baldado.

As nossas filhas serão mais inquietas, mais inuteis e mais desgraçadas, do que foram as mães, do que foram as avós!

O progresso em vez de ser uma lei será para nós uma palavra vã! O pessimismo mais esterilizador acabará por paralisar nas mulheres toda a boa vontade e todas a esperança!... E teremos então de acreditar no que affirmam tantos pensadores:

Que a civilização moderna nas suas instituições, crenças, costumes e ideias deu tudo que tinha a dar; que ella está em plena contradição com a pura origem de que proveio, com os principios evangelicos que lhe serviram de base; mas que antes de a ver substituida por outra, o mundo passará por uma crise de anarchia, igual á que se deu durante o encontro da expirante civilização greco-romana, com a então nascente civilização christã, hoje moribunda tambem por que renegou, de alma e coração o Christo que a fundou e por ella morreu.

17.ª CARTA

A mulher do Norte e a mulher Latina

XVII

Sorrio-me sempre um pouco sceptica quando oiço ou leio grandes dissertações tendo por thema a mulher considerada como entidade abstracta.

A mulher propriamente dicta, deslocada no tempo, no espaço, desenraizada do sólo, isolada das circumstancias que lhe condicionam a vida, existe tanto como o homem nos mesmos casos! E' por esse erro fundamental da nossa mentalidade classica, que teem falhado tão miseravelmente as chymeras politicas ou sociaes de tantos utopistas.

Se na mesma raça, no mesmo paiz, no mesmo tempo, os individuos entre si, differem tão

radicalmente, que fará quando se tracta de epochas, nações, ou raças distinctas?

Sem ir mais longe n'esta ordem de ideias, que bem longe me levaria, é meu intento apenas, referir-me a uma publicação recente e característica, que só por si e pelas circumstancias que a revestem marca as differenças que existem entre a mulher do Norte e a do Sul.

Mathilde de Wesendonk, a mulher cuja existencia e cuja alma acabam, por sua expressa vontade, de ser revelladas ao mundo pela publicação da sua correspondencia amorosa com Wagner, era o que em toda a parte se chamaria uma⁶ creatura exteriormente exemplar. Na sua vida houvera uma momento unico, – talvez nem

⁶ Nota dos editores: no livro fonte, a primeira letra «u» encontra-se invertida nesta palavra.

esse mesmo – de fragilidade, expiada em longos annos de renunciamto e sacrificio.

O mundo ignorava-a. Os que de perto a conheciam sabiam apenas que ella era intelligente, superior, capaz de sentir profundamente, mas a esses mesmos tinha ficado inviolado o sanctuario intimo da sua alma. Soffrera? Amára? Peccára por seu mal? Ninguem podia affirma-lo, suggerir-lo sequer! As linhas exteriores da sua vida revellavam só nobreza, dignidade, amor pelos seus, devoção pelas cousas do sentimento ou do espirito, sem excessos e sem arrebatamentos.

Eis que ella morre em 1902 e ao abrirem-lhe o testamento o filho, Carlos de Wesendonk, e o genro, o barão de Bissing, encontram n'esse testamento a seguinte clausula:

Cento e cinquenta cartas de Wagner conservadas por ella e a ella dirigidas – cartas do mais entusiastico amor – seriam integralmente publicadas depois da sua morte, juntamente com o *jornal intimo* de Veneza que o mestre lhe confiára.

Foi incumbido d'esse trabalho o professor Wolfgang Golther de Rostock, que precedeu a publicação de um bello prefacio. Era necessaria a licença de Madame Wagner que a deu a custo, como bem póde imaginar-se, mas que teve de ceder ante a firme resolução em que estavam os herdeiros de executar á risca a vontade da defuncta, e que finalmente acabou por concorrer tambem para a inesperada publicação, dando algumas cartas de Madame Wesendock.

E' graças a estas felizes mas excepçionaes circumstancias que o publico entusiasta do

mestre de Bayreuth acaba de penetrar até ao fundo no romance intimo, no romance vivido, do qual surgiu para a immortalidade a flôr miraculosa de paixão, a rubra flor que parece sahir de um coração cruxificado no meio de chammas, e que se chama na obra de Wagner, *Tristão e Isolda*.

Quanto é preciosa esta publicação, que ancia sentirá o publico de a conhecer bem, que deliciosos e extranhos e quasi sobrehumanos arroubos de amor ella revella, que documento incomparavel ella é para conhecimento e penetração da alma de Wagner e da genese da sua obra prima – tudo isto, por evidente, escusa de ser accentuado aqui.

Wagner é uma d'estas prodigiosas individualidades que teem o dom de apaixonar as

multidões, de excitar a insaciavel curiosidade, até dos mais profanos na arte que elle magnificamente interpretou!

Ha n'esse extranho e ás vezes antipathico mortal, de feroz egoismo, de insaciaveis ambições, e de paixão tumultuosa, um não sei quê, que o aparta do resto da humanidade. Artista creador como o antigo genio inconsciente, e profundamente critico como a intelligencia moderna, elle tem o poder gerador das lendas e dos mythos, e a faculdade de raciocinar a sua obra, de a tornar a producção mais genuina e verdadeira do espirito do nosso tempo.

N'elle, sentimento e razão são tão altos e tão fecundos, que chegam a conciliar-se em synthese harmoniosa e larga, nas alturas em que só o genio reside. Que extranha potencia esta que talvez ninguem como elle possuiu!

O seu poder de extrahir dos sentimentos do proprio coração as extraordinarias e multiplas riquezas da sua Arte, em parte alguma como n'este ignorado episodio da sua vida se revella a toda a luz.

Tambem Goethe transformou em maravilhosa poesia as suas dôres e os seus amores juvenis; mas no mundo da arte, Werther é inferior a Tristan, e não traduz como Tristan dez annos da vida palpitante e tumultuosa de um coração de homem.

A Revista de Paris publicou a traducção de algumas das cartas de Wagner á mulher amada; a *Revista dos Dois Mundos* consagra a este trecho da vida sentimental de Wagner, pela penna de Eduardo Schuré, um longo estudo cheio de penetrante psychologia: a publicação d'essas novas *Cartas de amor* é, como se vê, um acontecimento que, transpondo as fronteiras da

Allemanha, impressiona profundamente a *élite* universal que, no barulho da vida moderna, ainda se occupa de cousas d'arte e de sentimento.

Na vida de Wagner foi decisivo o encontro de Mathilde. Na primavera de 1849 chegava elle, foragido por motivos politicos, a Zurich, onde é recebido de braços abertos e onde dá concertos applaudidos, e faz conferencias, anciosamente ouvidas.

Alli, na capital intellectual da Suissa allemã se estabeleceu com a primeira mulher, Mina Wagner, pobre actriz mediocre com quem tinha casado dez annos antes, nos dias de obscura miseria e de lucta quotidiana. A banal creatura, dedicada, economica e fiel, não entendia comtudo o titan a quem a má sorte a tinha unido. Fazia-lhe

o jantar, mas não lhe aquecia o coração: cosia-lhe as meias, mas não podia seguir lhe as passadas de sete leguas!... Quantas vezes isto succede! que de intimas tragedias dentro d'esta desharmonia conjugal!

Em Zurich a familia Wesendonk occupava no alto commercio um logar distincto. O marido, de quarenta annos; homem robusto, temperamento grave e concentrado, character generoso e cavalheiresco, gostava da convivencia de escriptores e de artistas. Soccorria-lhes principescamente as miserias e recebia-os com sumptuosa hospitalidade. A mulher, muito moça, com vinte annos apenas brilhantemente educada, elegante, sensivel e de uma intelligencia encantadora, era a flôr viva d'aquelle lar feliz.

Wagner appareceu-lhe com todo o prestígio que o genio e a desgraça unidas podem dar a um homem!

Mudo, mal humorado ao pé de estranhos, a sua eloqueucia, a sua seducção eram divinas, irresistiveis, logo que se achava entre amigos que sabiam aprecia-lo. Aguia intellectual, de potencia quasi magica; titan vencido pela miseria e pelas perseguições do mundo – nada lhe faltava para entrar no recondito e puro paraizo de uma alma feminina, que então se comparava a si propria «a uma folha virginal em que nenhuma lettra se escrevêra ainda.»

Levou no emtanto muitos annos a conquistar essa alma pura. Foi sómente quatro annos depois de haver chegado a Zurich – em 1853 – que relações mais estreitas se estabeleceram entre a familia Wesendonk e a familia Wagner.

Ao principio Wagner era recebido no meio de outros hospedes e convivas. Isto desesperava o orgulhoso, o demoniaco artista, intransigente, insaciavel, que queria reinar só, nas regiões onde reinava.

O seu pessimo humor affugentava então os outros, e Mathilde começou a recebê-lo no circulo mais intimo da familia para gosar livremente d'aquella conversação maravilhosa, das harmonias que elle improvisava para ella ao piano, das joias que a sua imaginação luxuosa, estonteante, atirava sem contar aos pés da mulher que e enfeitiçára.

Dois annos ainda a intimidade sempre crescente se conserva n'aquella esphera deliciosa em que dois seres que se amam ignoram a força irresistivel e fatal do poder que os venceu!

Mathilde é durante esse tempo, a amiga pretectora, a linda e dôce fada que todo o artista precisa de encontrar na vida para dar a plena flôr do seu genio!

A cada instante um pequeno presente revela a solicitude da joven consoladora d'esse acorrentado e doloroso Prometheu! Hoje são flôres da sua estufa ou do seu jardim, ámanhã uma lampada, um objecto de prata...

Elle – opulento como um deus – responde-lhe com melodias que escreve de proposito para ella. Compunha n'esse tempo a Valkyria, e já tomára o costume que conservará por largos annos de mandar a Madame Wesendonk as primeiras phrases melodieas dos seus famosos *leitmotivs*, que no dizer do seu critico sagaz «brotavam como botões perfurmados da arvore verdejante da vida.»

Traçava a lapis as suas ideias musicas, e a sua Musa innocente e pura recebi-as quentes ainda de effervescencia cerebral, e fulgidas do primeiro relampago da inspiração.

Percebe-se a involuntaria seducção de longos annos exercida pelo genial artista n'essa organisação delicada, intellectual e artistica de mulher, votada por outro lado aos deveres de uma alta posição, ao respeito do marido, ao amor dos filhos e da familia.

A vida d'aquelle tempo em casa dos Wesendonk parece ter sido deliciosa de intima alegria, de gozo intellectual, na convivencia com artistas e escriptores de primeira ordem, attrahidos pela amisade de Wagner Otto Wesendonk, o

marido de Mathilde, era um Mecenas inteligente, instruído e generoso, que os recebia grandemente.

O próprio Wagner caracterizando mais tarde n'uma carta a Mathilde essa phase paradisiaca das suas relações diz assim: «O que havia de excepcional na nossa intimidade é que as nossas acções e os nossos pensamentos só nos appareciam involuntariamente na sua essencia ideal e sempre sob uma forma purificada. Desde que nos achavamos juntos, sentiamo-nos, por assim dizer, emancipados da vida propriamente dicta.»

Otto Wesendonk offereceu por esse tempo a Wagner uma pequena casa proxima da sua bella e luxuosa villa, a que o mestre chama sempre *o asylo*, e que foi propriamente um asylo de paz, de

serena meditação, de trabalho e de felicidade para o artista desgraçado e pobre que elle fôra até alli, que elle ia ser ainda depois!

Não vem para aqui seguir o *crescendo* d'esse drama intimo, tão intenso nas emoções com que enchia o coração dos dois protogonistas, como é intensa e apaixonada e ardentemente dolorosa a musica de *Tristão*. Ambos tinham bebido o philtro magico de um vedado amor; e ambos pairavam no azul como aves de azas robustas, julgando-se inacessiveis ás tristezas, ás miserias terrenas. Entre a bella habitação de Mathilde e o *asylo* onde se acolhêra o grande artista, trocavam-se musicas, versos, flôres, pequenas lembranças de affecto, cartas vibrantes da mais viva poezia humana. Puros no seu affecto, julgavam que era possivel a dois seres prezos á triste humanidade, embora de essencia superior ao grosseiro barro humano,

escapar ás leis fataes que dominam a Vida. Seria bello que assim succedesse, mas desgraçadamente não succede, e é por isso que o primeiro passo, o primeiro olhar furtivo fóra da estrada lisa e direita da ordem e do dever, é sempre tão irremediavelmente funesto.

Nas relações transcendentés d'estes dois espiritos, um todo flamma, outro todo doçura houve uma hora de crise?

Assim dirieis deante da carta de Wagner soberba de paixão e de orgulho satisfeito. Talvez que a palavra sempre imaginosa do artista do artista fosse mais longe do que a realidade dos factos occorridos.

O caso é que elle solta um grito de triumpho quasi satânico ao ver submettida, vencida, a alma pura e innocente que logrou seduzir:

«O sonho do poeta transformou-se em maravilhosa realidade. . Esse orvalho de alegria vivificante e transfiguradora devia cair um dia no solo ingrato da minha vida terrestre..

«Cada parcella do meu sêr se fez nobre e se fez livre...

«A consciencia de ser amado por ti com essa plenitude de ternura, e portanto essa castidade intima atravessa-me todo como um fremito sagrado!... Não, te arrependas!... A chamma brilhou luminosa e pura; nenhum ardor sombrio, nenhuma fumarada escura lhe maculou a claridade branca!...

«As tuas caricias são a corôa da minha vida, as rosas de alegria que enfloram a minha corôa de espinhos! Eis-me orgulhoso e feliz.

«Não terei um desejo, não terei uma aspiração mais! Todo eu sou gozo, consciencia suprema,

força para tudo, força para arrostar com todas as tempestades!... Não! não te arrependas! não te arrependas».

Se esta carta corresponde á confissão recebida de que era amado por Mathilde ou a um acto mais grave de que irremissivel culpa, não póde bem dizer-se! No estudo da *Revue des deux mondes*, Edouard Schuré pronuncia-se pela ultima hypothese. Eu não! Quem leu as cartas de Wagner ao Rei da Baviera sabe que extranha exaltação ha na palavra de Wagner e como elle dá ás effusões da amizade a expressão do lyrismo mais exaltado. Mathilde amava-o emfim! confessou-lh'o decerto!

Teve um momento de exaltação, de fraqueza, mas não foi, creio-o, com profunda fé uma mulher

deshonesta. Bastava porém que elles clandestinamente se entendessem, que os seus corações se fundissem no fogo da mesma abrazada paixão, para que Mathilde estivesse na aresta de um fundo abysmo, e para que, recuando talvez n'esse momento, tentasse ainda salvar se do tentador, cujo *leitmotiv* perturbante e Mephistophelico era: *não te arrependas! não te arrependas!*

Um triste incidente vulgar precipitou a separação dos dois apaixonados.

No paraizo com a tentação, ou com a culpa, entrára a serpente!

Uma carta de Mathilde interceptada por madame Wagner dá logar a uma terrivel scena de ciumes em que a Musa opulenta e delicada, é

coberta de insultos grosseiros pela legitima possuidora do disputado artista. Foi ella que incendiou afinal a mina subterranea que se cavára debaixo dos pés dos dois desgraçados!... Foi então decerto que Mathilde percebeu bem que ruins pensamentos se tentavam cobrir com o luxo de palavras deliciosas, de phrases de divina mas illusoria poezia!...

Uma dupla crise de familia bem cruel segue-se a esta scena humilhante para Mathilde.

Wagner separa-se para sempre da familia Wesendonk, mas não sem previamente se separar tambem da mulher que determinára pela sua attitude a forçada ruptura. Parte, conservando porém com Mathilde e o marido d'esta, relações sociaes que nunca se quebraram.

O mestre dirige-se a Veneza, onde escreve o seu immortal *Tristão* e d'onde por intermedio de

uma amiga commum, envia a Mathilde que raramente lhe responde, as cartas admiraveis de tão extranho poder tragico, de tão fulva chamma de paixão, que hoje o publico admira nela vontade posthuma de madame Wesendonk.

Aquella em que elle descreve a sua partida do *asylo*, o adeus dicto á esposa de que se separou para sempre, é de uma dilacerante melancholia. Commentar essas cartas, relacional-as com a obra de Wagner durante o tempo em que a paixão por Mathilde durou dentro do seu indomito coração, seria trabalho difficil e inoportuno de mais para uma carta d'estas.

Este grande amor fecundo em aspirações superiores para o artista que o sentiu e o inspirou, acabou, como tudo acaba n'este mundo!

Um bilhete de Mathilde, a *Isolda* do poeta, escripto no anno de 1863 contém estas palavras bem eloquentes de poetica concisão:

«Eleito por mim, perdido por mim! coração eternamente amado!»

Outra mulher, Cosima Bulow; (a filha de Lizst e da condessa Agoult) outro amigo, Luiz de Baviéra, entram na existencia de Wagner, que mais uma vez revella a ingratição, o egoismo, a faculdade de esquecer, que são talvez inevitavel apanagio de creadores como elle!

A Natureza, a grande creadora e a grande prodiga, tambem é supremamente egoista; tambem se renova, tambem esquece, e sabe, ao mesmo tempo, enterrar os seus mortos invernos, e lançar flores e luz por cima das suas novas primaveras!

Não seguiremos pois a nova phase brilhante, opulenta, gloriosa, quasi phantastica da vida de Wagner. Tirámos apenas d'este trecho d'ella a moralidade que inspirou o titulo da minha carta.

A mulher latina, que em vida tivesse recusado a notoriedade, a fama, a triste gloria das aventuras ruidosas, a mulher latina que comprehendesse o seu dever como esta o comprehendeu, até ao ponto de lhe sacrificar o amor ardente que sentiu, recusaria tambem com certeza, para depois de morta, a retumbante celebridade que vae coroar o nome de Mathilde Wesendonk; e não legaria a um filho o atroz, o doloroso encargo de revelar ao mundo ou uma hora de fragilidade embora expiada, ou, em toda o caso, um sentimento illegitimo, com quanto bem explicavel, quasi fatal, de sua mãe morta!

Mathilde que pelo amor dos filhos se submettêra dolorida ao rigor do dever; que tudo sacrificára a estes em plena mocidade, em pleno extasis, quiz depois de morta que tal sacrificio fosse inutil, legando a um d'elles tão cruel e pezado encargo! Como poude o filho cumpril-o?...

A mulher do Norte tem da missão feminina no mundo, pelo menos actualmente, uma ideia bem diversa da nossa!

Nós temos a religião da familia, do lar, da sagrada inviolabilidade da nossa alma, da nossa vida interior!

Ella quer antes de tudo ter a livre personalidade, a independencia, a noção definida e clara dos seus direitos de individuo, e se não tiver mais nada, quer ao menos collaborar na obra do Genio.

Wagner dissera um dia a madame Wesendonk:

«A ti por toda a eternidade eu devo haver creado Tristão.»

E visto que em vida Mathilde se negára a assistir á primeira representação da obra sublime que era d'ella como era de Wagner, que existia porque o amor d'ambos existira: e visto que o *maestro* cruel e inconstante, já a esse tempo esquecera todo o poema de amor que Mathilde não pode esquecer mais, em virtude do qual ella soffrêra tanto, e morrera talvez para todas as alegrias; e visto que elle antes, muito antes, bebera d'outras mãos o philtro do amor e do olvido, o philtro de *Tristão* e o de *Siegfried* – Mathilde quiz ao menos, que depois d'ella morta, o mundo soubesse que ella tambem tivera o seu quinhão no banquete em que a mulher se envenena de nectar,

e se embriaga de ambrosia! Triste banquete
olympico de que se sahe para sempre triste!

A mulher latina quereria o esquecimento para
o seu desvario. A mulher do Norte quiz a
recompensa posthuma para a sua gloria!

18.ª CARTA

A base da moral segundo Schopenhauer

XVIII

Ha de Schopenhauer, o philosopho pessimista, cujo nome todos conhecem e cuja obra tão poucos téem lido, um volume bem notavel intitulado «Le fondement de la morale».

Para elle, a base primeira, a pedra fundamental da moralidade entre os homens é o altruismo. Não quer que seja essencialmente moral qualquer acto, que redunde em beneficio do agente que o pratique, nem sequer aquelle que á vista alheia pareça mais extraordinario de belleza.

Ora, como o egoismo é no homem um sentimento tão irreductivel que, para elle vêr o seu

semilhante antes de se vêr a si proprio, não téem sido sufficientemente efficazes nem religiões, nem codigos, nem penas e castigos, nem promessas e incitamentos de todas as ordens, vê-se quanto esta base, que Schopenhauer dá a toda a moral humana, é rara e difficil de encontrar. A *piiedade*, que divide em Justiça e Caridade – duas virtudes cardeaes – colloca-a elle sobre essa primeira base. A Justiça não permite que façamos ao nosso proximo a mais pequena cousa que o lese directa ou indirectamente, de um modo immediato ou remoto, material ou moral, occulto ou claro. A justiça é a noção em virtude da qual nunca o homem poderá causar damno de especie alguma a outra creatura humana. Este damno abrange, na opinião de Schopenhauer, todos os danos possiveis.

Pódem ser os que se originam na acção ou simplesmente na omissão; no facto em si ou no exemplo indirecto. Aquelle que tenha bem radicado o sentimento da justiça nunca será origem de uma dôr, de uma desillusão, de uma tortura, de uma diminuição ou perda qualquer, de vida, propriedade, honra ou felicidade para o seu semelhante.

E' bella e preciosa esta virtude, porque do seu triumpho definitivo nas relações entre os sêres humanos, provirá a paz e a felicidade, que aos sêres humanos é possível.

A segunda, a Caridade, vae mais longe que a Justiça e não sei porque Schopenhauer lhe dá o segundo logar.

A Caridade é o sentimento sublime, que identifica o meu intimo sêr com o sêr estranho,

que por outro qualquer modo me seria estranho sempre.

A Caridade faz-me sentir a dôr alheia, como propria; annulla a barreira espessa que separa a minha consciencia da consciencia de outrem; faz-me entrar na alma do ente que soffre ao pé de mim, ou com conhecimento meu, e soffrer a sua dôr tão profundamente ou mais ainda que a dôr propriamente minha.

A Caridade não sómente me impõe que não lese o meu proximo em nenhum dos seus direitos á vida, á honra, á saude, á felicidade, á fé no bem, á esperança no futuro, mas leva-me impetuosamente a preferir o bem d'elle ao meu, a sacrificar de mim alguma cousa ou tudo pela felicidade d'elle!

A quantos sacrificios não leva a Caridade! Quantos se atiram aos maximos perigos, quantos

se expõem ao mar em furia, ao incendio em labaredas, á peste em agonias convulsivas, á calumnia em ondas de lama, para salvarem, para consolarem, para remirem outros!... Este sublime impulso da alma humana para sahir dos ambitos estreitos de si propria, indo identificar se, fundirse com outras almas, é-lhe, segundo Schopenhauer tão natural como o egoismo. *Egoismo* puro e simples, *malevolencia* ou maldade com todos os seus compostos, *piedade* com as duas virtudes, que a subdividem, são, na opinião de Schopenhauer, tres propriedades da humana natureza, independentes de qualquer razão, irreductiveis a qualquer cultura moral.

E' n'isto que eu me separo absolutamente do grande philosopho pessimista.

As differenças, que separam os caracteres, são innatas e immutaveis, diz elle. Nasce-se bom ou mau, como se nasce louro ou moreno, com olhos negros ou olhos azues!

Em abono d'este cruel axioma, cita Schopenhauer a opinião da maior parte dos philosophos da antiguidade.

Platão disse, por exemplo:

«Nunca do homem mau as tuas lições farão um homem de bem! A virtude não é um fructo natural nem um effeito da educação; mas, quando um homem tem a ventura de possuil-a, é sem reflexão e por favor divino.»

Outros, taes, como Socrates, Aristoteles, tiveram igual theoria a respeito da natureza do homem, e isto desanimaria de qualquer esforço o educador, se não percebesse logo que esta

affirmação, que parece verdadeira é no fundo falsissima!

E' verdadeira, se a applicamos, como a sciencia moderna hoje a applica, a esses exemplares de criminosos natos, predestinados pela fórma do craneo, pelos estigmas da degeneração mental e physica, a uma especie de demencia, de loucura moral, que se manifesta pelo crime, como em outros loucos se manifesta pelos desatinos ou pelas convulsões, ou pela epilepsia, ou pelo delirio da visão, e symptomas congeneres.

Mas, como não se nasce, geralmente, assim, senão de uma longa successão de avós, nos quaes as taras de que o desgraçado pária está carregado já se tinham ido gradualmente pronunciado, sem serem combatidas, ainda aqui se prova que, no inicio, a educação podia ter actuado n'esses desgraçados, como restricção permanente aos

seus instinctos ferozes, e obstado a que viesse á luz tal producto morbido de uma longa hereditariedade.

Schopenhauer não refuta nem póde refutar a acção salutar, que o augmento de civilisação tem operado no mundo, obstando *de fóra* a explosão dos maus instinctos do homem. Elle sabe quanto as religiões, as philosophias, as instituições civis, os codigos militares, as leis, o policiamento das povoações, as transformações operadas por todo o progresso scientifico ou industrial, téem feito para cohibir os attentados do homem contra o homem; mas isso, para elle, nada tem com a moral interior do sêr humano.

Para elle, moralista, pouco lhe importa que um homem não mate ou não roube porque tem receio dos obstaculos que *de fóra* o mundo oppõe aos seus instinctos. O que é significativo, é que o

homem seja bom, por natural tendencia, por absoluta necessidade de o ser, por invencivel repugnancia do mal. Isto desinteressadamente, sem esperanza de recompensa ou louvor, além da vida ou na vida presente!

E' isto que elle diz, que uns são, porque estão constituidos de modo que lhes torna natural a virtude, e outros não são, porque não está na sua natureza o serem assim!

A moralidade de um sêr humano, – diz Schopenhauer pouco mais ou menos, – está não sómente no acto, mas na virtualidade de o praticar. Os que não praticam o mal, porque o estado social em que vivem lhes torna difficil ou perigosa essa pratica, não téem na omissão o menor merecimento.

Mas não será, em que pese ao philosopho Schopenhauer, a obra da educação justamente isto: – Augmentar a distancia que separa o homem civilizado do seu antepassado selvagem; multiplicar no homem e em torno do homem os motivos *mais fortes* de praticar o bem; vencer, amordaçar, destruir, finalmente, o instincto ancestral, que nas primitivas cavernas o equiparava com as feras?

Esta obra da educação incessante, progressiva, tenaz, exerce uma acção dupla. No indivíduo, que transforma e modifica e orienta; no *meio social*, que a convergencia e a unidade de todas as vontades individuaes, tendendo a certo fim, vai preparando para o futuro.

Uma sociedade é a somma total dos resultados trazidos pela razão, pelo sentimento, pelos actos, dos individuos que a compõem.

Não póde existir um meio corrupto, em que todos sejam sãos, ou vice-versa.

A' proporção que as ideias vão dominando os instinctos, que vai crescendo a distancia entre o impulso e o acto, que os sentimentos vão adquirindo mais doçura, as acções vão sendo mais reflectidas, mais influenciadas pelo bem commum, a sociedade vai melhorando e vai, por seu turno, exercendo no individuo, que n'ella nasce e cresce, uma acção restricta do mal, estimulante do bem, fortalecedôra da vontade.

O desejo de ser igual aos que nos cercam, de nos não afastarmos da lei commum que os rege, é bem natural á nossa especie.

E' esse instincto imitativo, que na educação é auxiliar poderosissimo, quando bem comprehendido e applicado.

Ficam, é certo, fóra d' esta lei geral os grandes criminosos, que são a flagrante contradição de todas as ideias humanas

Mas também o genio individual e indisciplinado de um inventor audaz, de um poeta percursor, fica fóra de todas as leis da esthetica e nem por isso deixa de ser util á intelligencia superior, média, ou mesmo mediocre, a instrucção que lhe ensina o que outros não querem ou não precisam de aprender!

A minha convicção, fortalecida pela observação quotidiana, é que os caracteres nascem com a sua marca, com o seu *vinco* especial; mas que a educação ou profunda mais a marca, se essa é de boa lei, ou a apaga progressivamente, até a delir quasi de todo, se souber exercer a sua acção benéfica!

E' optimo que a creança nasça com a tendencia inconsciente para tudo que é puro e bom; educal-a é então um prazer infinito, ou antes a educação não é mais que a contemplação enlevada da belleza d'esses instinctos e o esforço attento para que o *meio* ambiente os não contrarie, antes os fortaleça, dia a dia.

Mas isto succede poucas vezes. Assim como ha poucas naturezas votadas irremediavelmente ao mal, assim ha poucas creaturas, cuja perfeição moral seja sem macula.

Educar é, não auxiliar os instinctos, mas sim combate-los. Porque a verdade é que os instinctos humanos são raramente bons.

O egoismo infantil por exemplo é, quasi sem excepção, uma cousa tão forte, tão extraordinariamente vivaz...

Qualquer pessoa, mesmo a menos observadora, o póde estudar em mil pequenos factos quotidianos que por força lhe ficaram gravados na memoria.

Lembro-me de alguém, que eu conheço muito, e que adorava um pequenito de anno e meio, cuja graça, cuja intelligencia, se pronunciavam adoraveis. A' sobremesa era certo pegar no pequenino ao collo e fazel-o partilhar de algum fructo, que elle preferisse. Se eram morangos, o pequeno, com rapidez vertiginosa, escolhia com a ponta do garfinho os melhores, os mais appetitosos e devorava-os successivamente para que nem um dos bons ficasse para a sua amiga.

Ainda a polidez – essa caridade, em trocos miudos; ainda o respeito humano – esse enorme correctivo dos instinctos primordiaes; ainda a dedicação pelos que amamos – esse sentimento

que é necessario cultivar nas almas, desde que ellas desabrochem para a luz; ainda a Justiça, a primeira das tres virtudes cardeaes, em que Schopenhauer assenta a sua moral – ainda essas bellas acquisições da razão e do sentimento, não tinham contrabalaçado na creança, de dezoito mezes apenas, o egoismo feroz, implacavel, que seria a lei do homem, se a religião, se as instiuições sociaes, se a razão progressiva, se a consciencia, que é uma summula de verdades observadas, que se condensa no nosso cerebro – se a educação, emfim, resultante de tudo isso, não actuasse permanentemente no primitivo animal.

Os optimistas julgam que o homem nasceu bom e que foi a civilisação que o perdeu. Os pessimistas julgam que o homem nasceu mau, e mau por natureza ficará até ao fim dos seculos. A nossa religião, surgindo entre as duas oppostas

doutrinas, julga que o homem nasceu bom, mas que a tentação demoníaca o perdeu e expulsou do Eden em que a bondade de Deus o tinha cercado de uma abundância, de uma beatitude absolutas.

Reconquistar o Eden perdido foi então para o homem, desapossado de toda a felicidade, errante e proscrito na face da terra, o objectivo unico.

Uns julgaram reconquistal-o mediante o sacrificio do Cordeiro immollado. Acharam que essa morte divina era sufficiente preço, sem que da parte d'elles fosse necessario mais esforço, mais abnegação e mais amor!...

Outros querem só dever a si mesmos, atravez de uma longa odysséa de trabalho e de lucta audaz, a reconquista d'esse Eden perdido.

E o Eden continúa a ser a longiqua miragem, em que o nosso olhar se embebe até mesmo no limiar do eterno mysterio, sem que haja até hoje,

para n'elle penetrar com o pensamento, outra chave que não seja a de uma Fé concreta, a de uma Fé absoluta, que infelizmente, para nós, é bem rara também.

Pois n'esta immensa tréva, que nos envolve, é necessario não nos arrancarem a crença, bem humilde, a final de contas, de que ao trabalho demorado, ás vezes intermittente, outras vezes tenaz, sempre doloroso, de milhares de gerações, se deverá, finalmente, a posse reconquistada d'esse ideal de perfeição, a que a nossa alma incessantemente aspira, talvez por tê-lo entrevisto um dia na aurora virginal do Paraizo, talvez porque o presinta apenas com o fim e como remate e corôa á nossa rude e corajosa ascensão!

Todos nós podemos ter n'esta obra um quinhão, que, por pequeno, não deixa, em todo o caso, de ser glorioso.

Aquelle que na sua propria alma e na alma de seu filho destruir uma aspiração egoista, plantar uma ideia piedosa, combater um instincto violento, apagar uma sêde morbida, fortalecer uma energia sã, terá collaborado no trabalho lento dos seculos, terá trazido, com louvavel esforço, uma pedra para o edificio, que a Humanidade levanta para Deus. D'esse Deus nos aproximamos nós, dia a dia, quando, em holocausto á sua absoluta perfeição, sacrificamos umas das mil imperfeições da nossa triste natureza!

Por isso, é criminosa a dourina de que Bem e Mal são principios essenciaes, irreductiveis, que *são* porque *são*, que não téem motivo de existir e que não téem possibilidade de transformar-se!

Ao conhecido proverbio – *l'enfer est pavê de bonnes intentions* – que traduzido pelo nosso povo não tem a mesma força nem a mesma significação

(de boas intenções está o inferno cheio)
opponhamos outro, não menos verdadeiro e bem
mais consolador: *de tentações vencidas se faz o*
reino dos ceus.

Justiça, Piedade, Caridade. Com estas tres
virtudes Schopenhauer edifica a moral. Se a
primeira não é feminina, – porque a mulher é raras
vezes justa, tanto o sentimento n’ella domina a
razão, – a Piedade e a Caridade são, em
compensação, o seu dominio proprio! Oh! que
bom seria o mundo em que taes virtudes
dominassem!

A intolerancia, que separa os homens em
campos oppostos e inimigos; a concupiscencia
masculina, que precipita no abysmo tantas almas
innocentes; a miseria, que perde ou devasta tanto
lar; a cólera dominadora e cruel, que ceifa tantas
vidas; a vaidade funesta, que desaggrega tantas

familias; toda a guerra, toda a desharmonia, todo o cahos moral do passado e do nosso tempo desapareceriam com o triumpho definitivo e completo das duas ultimas virtudes, que são tão nossas: – a Piedade, a Caridade! Cultivemol-as, pois, na alma das nossas filhas.

19.^a CARTA

A educação christã resume tudo

XIX

Nas cartas que aqui tenho escripto ás mães não tenho seguido um systema pedagogico para o que não estava habilitada.

Fui dizendo muito simplesmente o que sentia em relação á educação moral das *nossas filhas*, e accentuando mais os pontos que dizem respeito á parte moral da educação feminina, porque, apesar de todas as theorias em contrario, acho mais necessaria e util para a mulher a cultura do coração e a disciplina da vontade de que o desenvolvimento anormal do espirito.

Pelo coração a mulher chega a ser vidente! Vale mais na mulher um grande coração que um grande talento. Reunidos os dous, a mulher realisa um raro milagre que merece verdadeito culto!

O que no emtanto convém na educação geral é desenvolver, a par do sentimento a razão, a par da sensibilidade a consciencia, a par da memoria a comprehensão viva e clara dos factos.

Na obra de uma educação integral, completa, *tout se tient*, tudo está relacionado com tudo!

O que eu espero ter deixado definitivamente affirmado aqui, é que a reabilitação e ennobrecimento do trabalho sob qualquer fórma: o desenvolvimento das faculdades affectivas: o culto da verdade em todos os seus aspectos: a caridade, a piedade, o amor da familia: acceitação dos duros deveres da vida, são os pontos fundamentaes a que deve attender-se na educação de uma alma de mulher, de um espirito de mulher.

O estado actual dos nossos costumes exige urgentemente que as mães se preocupem, acima de tudo, com a educação moral dos filhos.

O *meio* é dissolvente.

Ha muita vaidade, muito amor do luxo, muito desprezo pelos pobres e pelos vencidos, muito desejo de alcançar a riqueza seja a que preço fôr, em torno de nós.

Emquanto procuramos educar uma creatura moça nas ideias de sãõ renunciamento a essas lantejoulas da vida social, sãõmos contrariados, a cada passo, pela observaçaõ directa de que, hoje, para a maioria, essas lantejoulas falsas valem mais do que o ouro de lei das antigas virtudes domesticas e caseiras.

As raparigas estãõ habituadas a vêr as suas amigas mais apreciadas pelo que ha nellas de brilhante e de ephemero do que pelo que póde haver de solido e fundamental.

Brilham e attrahem os votos geraes as que sãõ bonitas, as que se vestem luxuosamente, as que teem espirito, respostas promptas, causticidade, *coquetterie*.

N'isto mesmo, o homem mostra mais uma vez a cegueira que tem presidido á sua noçaõ do *eterno feminino*.

Ora, é muito difficil á mãe, que vê contradictadas, pela observação da vida quotidiana, as suas lições, o provar á evidencia a verdade profunda que n'ellas subsiste.

Se o homem nos ajudasse a fazer da mulher o que ella deve ser para introduzir no mundo mais e mais o *elemento divino*, que mais e mais lhe vai faltando!...

Desanima vêr tanta inconsciencia em quem se julga o *senhor da criação*. Como quer elle que a mulher se corrija da sua nativa vaidade, da sua frivolidade antiga, se estes defeitos, graciosamente manifestados em caprichos pueris ou em adornos de elegancia, o attrahem, o enamoram, o prendem tanto?... Como quer que ella seja moderada nos gostos, modesta e simples nos vestidos, singela e ingenua no trato,

absolutamente sincera na expressão, se é com os defeitos oppostos que ella logra chamal-o a si?

Para a rapariga – é isto tão natural! – o casamento é a primeira aspiração. Ficar solteira, é sempre para ella um *pis aller*; e já nos devemos considerar felizes se a educarmos de modo que ella acceite a certeza da solidão futura sem desespero, antes com altiva e silenciosa resignação; e que para essa hypothese de se vêr só no mundo saiba munir-se de uma instrucção sólida, ou de uma educação profiSSIONAL, que lhe encham o tempo ou lhe proporcionem a independencia da vida. Já é muito que ella seja bastante superior ás circumstancias para, na época em que toda a esperanza de ter uma familia sua a abandone, se resolva a ser para os que a cercam uma personalidade digna de respeito, de veneração, de sympathia, e não, como acontecia

ainda ha bem pouco, um objecto de mofa para os maus, e de compaixão esteril para os bons.

Por isso é necessario acostumar-a desde cedo a perceber que o casamento, embora seja o fim natural da mulher, nem sempre é o seu fim social: é necessario empregar toda a ternura, todo o tacto milagroso das mães, para que ella acceite a possibilidade de uma vida solitaria, não direi com prazer, mas com serena melancolia.

A mulher que não tem familia póde votar-se mais que as outras ao serviço dos pobres, dos desherdados, dos orphãos ao desamparo; póde escolher uma arte, uma profissão, uma obra de altruismo a que se dedique. E' isto que é necessario suggerir-lhe, provando-lhe que o fim de vida individual não está na felicidade do individuo, mas sim na sua collaboraçã na obra commum.

Tudo isto porém é um palliativo, tudo isto é uma consolação que deve ser cada dia acceita com mais tranquilla altivez e encarada com mais larga intelligencia.

Mas tudo isto não serve para despersuadir a creatura moça e inexperiente de que o casamento, o principe encantado, que ha-de chegar um dia, quando menos se espera, a *ave azul* das miragens e dos sonhos, aquelle que reunirá todas as perfeições e todos os prestigios, não deva ser a preocupação constante da sua phantasia, o objectivo das suas ambições juvenis.

E ellas, as pobres creanças, logo que saem do quente ninho domestico em que se crearam, ou do collegio ou convento para onde em pequenas as mandaram, ellas percebem logo, ao seu primeiro contacto com o mundo, que, salvo excepções rarissimas, as que os homens amam e procuram

não são as mais quietas, as mais simples, as mais modestas, são as... outras!

Mais tarde talvez que estes se arrependam, e que procurem dar ás filhas justamente os predicados que evitaram as noivas.

Mas que importa, se o mal estará então consummado? A verdade é que umas ficaram sós, tristes ou resignadas, mas tendo no outono da vida de refazerem a propria vida, de se crearem encargos artificiaes ou missões improvisadas, para não succumbirem ao peso da tristeza e da solidão! e que as outras lá foram, ou lá vão, triumphantes, sob o véu de rendas e a virginal grinalda, pelo braço do marido orgulhoso, que as arrebatá, ao som da marcha nupcial festiva e perturbante, de que nunca vibrarão, para as que ficam, as suggestivas notas de alegria...

Isto é culpa dos homens e não das mulheres. Ellas são o que elles as teem feito. O instincto da defeza da propria felicidade, esse instincto de conservação que impera em toda a natureza, faz com que ellas revistam a plumagem que mais agrada ao seu natural senhor!

Todo o arsenal dos argumentos feministas é inutil perante esta verdade natural, indestructivel como o mundo! A mulher só se completa pelo homem, e os dois só ficam felizes, quando a sua perfeita identificação se traduz no complemento adoravel d'um filho.

A familia é a cellula social, e não o individuo isolado: eis a lei.

E' do homem que tem de provir a reacção contra esta bohemia alegre que é a moderna sociedade em toda a parte. E' elle que deve,

reconhecendo que a mulher é quem purifica ou corrompe uma sociedade, a mulher é quem introduz na vida quotidiana aquella poezia espiritual, sem a qual a vida quotidiana é uma cousa chata e deprimente, collocar novamente n'um throno de adoração, não aquellas que forem mais brilhantes, mas as que forem mais puras, não as que chamam a attenção pela *toilette* garrida, pelo *coquettismo* triumphante, pela graça articial, mas as que se resguardam como violetas, as que perfumam d'encanto e paz o lar domestico, as que reúnem na alma a piedade christã á piedade humana, as que vivem de amar, no recato da familia, aquelle a quem deram a sua fé juvenil, aquelles que nasceram do seu amor casto e profundo!

O trabalho paciente das mães será inutil, se o ideal dos paes, dos maridos, dos irmãos, se deixar afundar na perversão a que assistimos.

Que importam palavras desmentidas pelos factos? Não vêmos nós desertos tantos lares a que preside a virtude? Não vêmos isoladas nas salas raparigas adoravelmente boas? Não vêmos as mais encantadoras qualidades domesticas da mulher offuscadas e vencidas por apparencias brilhantes e illusorias de que o proprio que as preferia se desengana a breve trecho, quando a sua escolha já não póde ser desfeita, quando a sua estúpida noção das cousas já deu todos os maus resultados que podia dar?!

Um ponto em que tenho só de leve tocado, por me parecer sagrado de mais, e pertencendo por

isso ao santuario mais recatado da consciencia, deve aqui ter uma especial referencia.

E' o capitulo da educação religiosa.

A mãe saberá como ninguem dar á sua filha a lição essencial que se distilla de cada pagina do Evangelho!

A educação christã contém em si – quando é sentida, sincera, e fielmente retrata o espirito de que provém – tudo que ha de melhor em todas as doutrinas!...

A fé simples de uma alma pura é talvez, de todas as bellas cousas que na terra podem vêr-se, a mais bella!

Feliz a mãe que tem essa fé profunda a guiar-lhe cada passo e a inspirar-lhe cada palavra; feliz a filha que cresceu sob essa inspiração benefica! Não se imagine que a singela creatura que sabe a fundo o cathecismo, não é mais feliz n'este caso

que o theologo mais profundo! Jesus Christo, no seu Evangelho, deu aos homens, cuja alma se póde abrir a tal maravilha de doçura e abnegação, o guia perfeito e completo da vida que elle tem de viver. E' perfeito de mais esse codigo? Mas os que o seguem, ainda muito remotamente, já contribuem bastante para o bem dos outros e para o seu bem.

Foi tão sublime esta lei, é tão preciosa essa doutrina, que basta o facto d'ella haver sido proclamada ao mundo, para que o mundo, não só não possa mais voltar ao que foi antes d'ella, mas não possa mais perder o sêllo profundo, indelevel, inconfundivel, que ella para sempre lhe imprimiu.

Se a mãe se penetrar bem de toda a doçura, de toda a indulgencia, de toda a pureza que ha na palavra de Jesus Christo, se ella fizer de sua filha, não uma beata elegante, mas uma christã forte e

convicta, ella terá comprehendido e levado a cabo a sua missão da maneira mais nobre.

E' contagiosa a piedade maternal.

A filha creada *n'esse meio* não póde deixar de impregnar-se profundamente d'elle. Mas aqui ainda quanta delicadeza em manejar a alma juvenil! Quanta necessidade de identificar a prática da vida com a doutrina professada! Quantas vezes a religião comprehendida por uma alma estreita e sêcca leva á intransigencia cruel os que a professam!

Para esses, o que tem a desgraça de não possuir a mesa fé concreta, a mesma tranquilla segurança nas cousas espirituaes, é considerado como o peor dos criminosos! Erro nefasto, que tão mal tem feito ao verdadeiro christianismo. E' contra esse erro que protesta o Padre Didon n'uma

das suas magnificas conferencias á mocidade, quando lhe diz:

«Todas as forças são chamadas a conciliar-se na obra do Bem; todos os espiritos bem formados devem unir-se, aproximar-se, juntar os seus esforços para o desenvolvimento commum dentro da ordem e da paz... Não comprehendi nunca, que na vida moderna, que nos condemna a viver em tão estreita communição apesar do antagonismo ou da diversidade das convicções, nós tivéssemos de voltar as costas aos que não crêem n'aquillo em que nós crêmos. *Se Jesus Christo tivesse seguido essa tactica não haveria conquistado o mundo.*»

Não ha mais eloquente protesto contra o espirito inquisitorial que tanto se esforçam por inculcar na mocidade. E vindo de quem vem, elle tem uma auctoridade absoluta.

As divisões de doutrina nunca devem levar ás separações do coração. As divisões moraes, sim, porque essas separam realmente os sêres em familias oppostas. Todas as convicções sinceras são respeitaveis, e nunca são sinceras as que sophismam a lei do dever, ou rebaixam o senso moral.

Esta é que é a linha divisoria que deve separar as almas.

O fanatismo, seja elle de que ordem fôr, religioso ou anti-religioso, é sempre antipathico, porque não admitte nem reconhece a liberdade que os outros teem de o não partilhar!

Tenho vivido em contacto com almas admiravelmente christãs, com mulheres de fé profunda e apaixonada. Nunca as conheci intransigentes nem crueis. Pelo contrario!

A doçura evangelica torna-as accessiveis á compaixão espiritual por aquelles que vêem privados dos bens que ellas largamente disfructam. Desejam vêr convertidos á sua fé consoladora e profunda os que mais amam, até aquelles que só amam em Deus, mas por isso não os repellem, não os julgam sem piedade, não lhes attribuem nem más intenções, nem má fé!

Julgam-se para com elles no caso de creaturas com vista, em relação a pobres cegos! Consideram-n'os infelizes por não vêrem o claro céu azul, os infinitos horisontes, a luz que inunda as montanhas, o poente que tinge de purpura as verdes ondas do mar ..

Quanto não seria illogico e cruel que ainda em cima os odiassem, se elles não têm culpa de *não vêr* e se esta falta essencial lhes limita tão tristemente a vida!..

Isto sim, isto é humano e é christão! E são bem filhas de Jesus Christo as que assim sentem, pensam e procedem!

Essas almas tornam tão dôce e attrahente a fé, dão tão alta e tão bella ideia da doutrina que professam, que não creio que haja sceptico que as não inveje, lamentando-se de não poder segui-las!...

Por isso eu considero o fanatismo de seita o peor inimigo da verdadeira crença! Esse odeia, ultraja, esquece toda a uncção, toda a caridade; é capaz de attribuir as intenções mais damnadas a quem lhe não perfilha os excessos e as intransigencias!

A' mãe compete iniciar a alma de sua filha na dôce fé christã; dar-lhe por virtude mais essencial a caridade, não só a que consiste em valer aos outros, mas em julgar os outros!

Nunca encontrei na minha vida, que já vai bem longa, quem fosse genuinamente bom, sem ser indulgente, quem practicasse as virtudes mais difficeis, sem ter dó dos que as não sabem ou não podem cumprir, quem, tendo fé verdadeira, odiasse ferozmente os que a não têm! Pelo contrario! Uma mulher, entre as muitas boas que tenho felizmente conhecido e tratado de perto, uma senhora de alta cultura, que partilhou outr'ora a vida e as cogitações de um grande pensador, que teve legitimo e devido quinhão nas suas glorias litterarias e civicas, nos seus triumphos sociaes dos mais altos, consagra hoje grande parte da vida que a mais transcendente caridade illumina – imaginem a quem?... ás pobres prisioneiras do Aljube!...

Pois, phenomeno encantador e que dá bem a medida d'esta alma grande e pura! – gosta d'ellas,

interessa-se humanamente por ellas, pelas desgraçadas que nem mulheres se póde já dizer que sejam!

No fundo do sêr de cada uma d'estas párias, que ninguem amou, que ninguem educou, que nunca souberam o que era o bem, o que era a pureza, o que era a consciencia, ella – a santa, a pura, a virtuosa – encontra ainda, capaz de reaccender-se ao sôpro da caridade christã, uma scintilla de luz divina, essa scintilla em que talvez reside o mysterio indecifrável da nossa alma, a sua essencia immortal...

E, infatigavel, a santa desce ao abysmo das perversões mais cruas, traz de lá um sorriso, e ama um pouco, como Christo amou os peccadores, aquellas pobres e selvagens creaturas, que mais cedo um bocadinho de amparo teria remido talvez!...

Oh! Como isto é bem divinamente christão! É n'este Christianismo ideal, transcendente e ao mesmo tempo prático e real, feito da mais subtil essencia e da mais humilde caridade, é n'este Christianismo redemptor do mundo que a boa mãe deve formar a alma das suas filhas.

20.^a CARTA

O novo ideal feminino

XX

O maior inimigo de todo o desenvolvimento moral e intellectual da mulher portugueza é o meio social que a cerca e oprime, impondo-lhe as suas leis absurdas.

Emquanto que na Inglaterra, na França, na Suissa, – a grande mestra em questões de pedagogica e educação – na Belgiea, na Allemanha, no extremo Norte – Dinamarca, Suecia, Noruega – a mulher se prepara, auxiliada pelos homens mais distinctos das diversas nações e raças, para as novas condições em que a moderna democracia a colloca; enquanto que na Polonia, é a mulher, pelo seu trabalho extraordinario, quem facilita o triumpho, ao mesmo tempo patriotico civilizador, dos partidos combatentes contra o tenebroso imperio dos Czares; enquanto na propria Russia ella vai na frente da cruzada pela libertação, pela educação,

pela luz – e que na America, ella cria com extraordinaria energia uma seductora e victoriosa individualidade, a nova *Eva*, que em vez da perder o homem, o ha-de salvar – aqui, em Portugal, ella continúa a ser o que era em tempos de completa separação de castars e immobilidade de hierarchias; em tempo de morgadios, de conventos, de casas fidalgas, sob cujos tectos se abrigava o bando parasitario das parentes pobres; em tempos emfim de que morreram todas as Instituições, de que se esvairam todos os Ideaes.

Esta mentira inicial, em que assenta a vida feminina entre nós, como de resto assenta em mentira toda a vida moderna, é causa do desconforto e do cahos em que nos debatemos.

A mulher não tem ainda forças, nem instrucção, nem vontade, para conquistar a

independencia; o homem já não se sente na obrigação de a proteger, amparar e servir.

A subordinação feminina póde ser e é um estádio da vida das sociedades, e talvez n'esse momento, elle seja ainda o mais commodo. Mas para que um sêr consinta em se subordinar é necessario, antes de mais nada, que haja a quem se subordine.

Ora, isto é que falta. O homem já ostensiva ou tacitamente fez vêr que não está para proteger a mulher. A mulher, porém, é que procede como se tivesse quem a protegesse.

Ha mais e mais absurdo ainda: o homem rejeita brutalmente a tutella, mas ri-se quando a tutellada tenta supprir-se a si propria. O equivoco tem de cessar de um modo ou de outro. A mulher tem de perceber, e bem cedo, que para ella não ha recurso que não seja o trabalho, a actividade, um

novo ideal, como o que lá fóra já brilha para tantas e tantas das suas irmãs.

Na Inglaterra, por exemplo, a população de mulheres entre 15 e 25 annos conta-se por *dous milhões oitocentas e quatro mil setecentas e cincoenta e seis*. D'essas trabalham 66 por cento e vivem sem trabalhar 36. Na Escocia, no mesmo grupo de idades, trabalham 66 por cento e vivem sem trabalhar 33. As primeiras occupam muitissimas situações lucrativas. Na Gran-Bretanha protestante, dois terços das raparigas e mulheres de 15 e 25 annos trabalham e ganham. Só um terço vive sem occupação.

A estatistica não precisa de commentarios para ser eloquente.

O movimento feminista lá fóra é enorme; enorme pelo numero dos que entram n'elle, pela qualidade das pessoas de ambos os sexos que o patrocinam, alimentam e desenvolvem, pela extraordinaria somma de resultados já alcançados, pela transformação que está operando insensivelmente nas nações em que prepondera.

Muitas das suas ambições são exageradas, ou por ora, contraproducentes. Muitos dos seus sonhos são antipathicos e repugnam, por ora, a todos os nossos instinctos, a todas as nossas tradições e ideias adquiridas. Muitas das suas adeptas mais fervorosas são grotescas e insensatas. Mas nenhuma d'estas restricções obsta a que esse movimento seja sério, real, util para a sorte das infelizes mulheres das classes pobres, cuja miseria e oppressão tem conseguido melhorar. A seu respeito nós estamos em boa

situação – mesmo porque já podemos aproveitar a experiencia que outros compraram cara – de escolher o que tem de melhor, de mais proveitoso, adequado e urgente.

Este movimento obedece ao principio *sympathico* de libertar a mulher – a mulher, que continua a ser em muitas classes a escrava miseravel do homem, e em todas as situações a pupilla e a dependente do capricho masculino – d’esta inferioridade legislativa, moral e social, que é uma das grandes injustiças legadas pelo Passado ao nosso tempo.

E emquanto isso se faz lá fóra, em escala que já parece gigantesca, que se faz aqui?

A mulher portugueza não tem boas escholas primarias, não tem lyceus capazes, como já aqui deixei consignado.

A sua educação domestica no povo é nulla; nas classes que se julgam illustradas é contrariada pela quantidade esmagadora de preconceitos, de ideias falsas, de noções absurdas, que entre nós ainda prevalecem.

As ricas escapam, pela intervenção de mestras estrangeiras e pela abundancia de recursos que possuem, a alguns dos erros d'esta falsa educação. Mas nas classes que vivem do trabalho do chefe da familia, a orientação dada ao ensino e educação das filhas é deploravel.

O desdem pelos trabalhos caseiros, a ancia de escapar, por um *casamento bom*, á mediocridade da vida familiar, a sêde de divertimentos, o amor do apparato, o falso luxo, que é a fonte de tanta immoralidade, o respeito pela opinião do visinho, que é quasi sempre uma opinião tola, a vergonha de ser pobre e de o parecer, que faz com que se

viva de expedientes, mas que nunca se lucte frente a frente, e desejosa de o vencer, com o problema da miseria – tudo isto influe cruelmente, na organização da familia, tudo isto rebaixa mais e mais os costumes e as ideias.

Se ao menos, sabendo o que se faz nas nações estrangeiras, nós deixassemos um pouco de luz clara penetrar na nossa vida, e orientar a educação feminina no sentido racional e direito que a levaria a um mundo mais harmonico e mais são!

Mas que sabemos nós aqui d’essa profunda revolução social e moral, que vae transfigurando o mundo?

Foi na segunda metade do seculo XIX que surgiu em toda a parte, com extraordinaria e até aqui nunca vista energia, o movimento em favor da igualdade dos sexos. D’esse movimento, que é lá fóra prodigioso, que já se traduz em obras de

largo fôlego, não temos nós em Portugal nem o
ecco sequer!

Apparecem nos annaes do feminismo nomes de mulheres aureoladas por enorme prestigio; nós ignoramos esses nomes! Homens de grande coração luctam a par d'ellas pela completa alforria do sexo feminino, até aqui tão oppresso e escravizado e desmoralizado, por aquelles a quem mais devia interessar a sua pureza, a sua dignidade moral: e esses nomes são para nós inteiramente desconhecidos. Abrem-se escolas, collegios, Lyceus, Universidades femininas, Instituições de toda a ordem, religiosas e civis, para instruirem e prepararem a mulher em vista das novas condições sociaes em que tem de mover-se. Os programmas d'esses Institutos de instrucção e de educação, que acompanham a mulher desde a primeira infancia até ao fim da puberdade, que a

umas as isolam temporariamente da familia, que a outras as vão instruindo sem que a familia deixe de ser auxiliar poderoso d'essa nova educação — são elaborados por grandes auctoridades em pedagogia, em philosophia, por grandes sabios, por grandes pensadores. Alguns d'esses programmas referem-se á mulher em geral, á mulher abstracta. Estabelecem principios universaes. Não se prendem a distinguir os varios caracteres indestructiveis do sexo, da raça, do clima, da hereditariedade. Oppõem ao homem, entidade moral, a mulher sua companheira e que querem que seja sua igual. Dão-lhe direito a aspirar a tudo, a ser tudo que o homem tem sido até aqui, excluindo-o a ella da partilha opulenta, mas em alguns casos, hoje cada vez mais raros, servindo-a como tutelada imbelle, a quem devia protecção e carinho.

Esses programmas são os mais avançados, os mais difficeis de executar, talvez de todos os mais perigosos e subversivos. Digo *talvez*, porque não sei absolutamente nada do que virá a ser a organização social futura, e se n'ella, essa mulher *igual* do homem em tudo, terá um papel adequado aos costumes e ás leis que então triumpharem.

O futuro é um mysterio indecifrável e denso mesmo para aquelles que laboriosamente o vão preparando. As maiores transformações que se teem operado no mundo fazem-se tão lentamente que ninguem dá por ellas. O progresso a que tão ardentemente aspiramos é feito por um processo tão demorado e gradual, quando é verdadeiro, que á simples observação elle parece sempre a continuação inalteravel do passado. Os homens que não falham e não sonham senão no «Progresso», nunca chegam a saber definir o que

esse progresso seja, tal é a impossibilidade que ainda o maior genio tem de conceber uma ordem de cousas absolutamente diversa d'aquella que conhece no passado. E para prova, vejam-se as utopias, as prophcias dos optimistas, as chimeras imaginadas por escriptores grandes ou mediocres, figurando um estado social inédito.

Que lamentaveis *fiascos!* que deploraveis phantasias em que não há senão as cousas que nós conhecemos em bem ou em mal, desformisadas, exaggeradas, generalisadas ou supprimidas!

Por isso, fechando este parenthesis, eu repito: Essa mulher, como a querem e sonham e tentam educar os mais exaltados partidarios da completa igualdade dos dous sexos – a mim que estou mergulhada no passado por todas as raizes do meu sêr, a mim que nasci muito antes de taes ideias nascerem – parece-me antipathica, nociva, anti-

natural. Sel-o-ha sempre? Não se prepara uma ordem de cousas em que ella, e só ella, tenha possibilidade de viver e de vencer? Não sei. Nunca essa mulher chegará a constituir maioria senão depois de seculos. D'aqui a seculos, que sei eu da missão que lhe caberá em sorte? Se ha já muitas mulheres que, educadas segundo a nova orientação dos tempos em escholas, em Lyceus, em Universidades estrangeiras, se sentem com animo bastante esforçado para, ao lado do homem e em concurso com elle, fallarem e pleitearem no fôro, analysarem no laboratorio, curarem no hospital, fazerem clinica, construirem predios, pontes e aqueductos, provarem enfim que a Medicina, o Direito, as Mathematicas, a Mechanica, as Sciencias mais arduas e mais profundas e complexas, podem tambem ser estudadas, comprehendidas, applicadas por ellas,

– que já na litteratura, no theatro, na Arte, igualam o homem, – este nada mais tem a fazer do que acceitar o facto consummado. Elle perdeu o direito de reagir contra a audaz ambição feminina, desde que no decurso longo e tenebroso dos seculos deixou á mulher a lida esmagadora dos campos, curvada de sol a sol sob a inclemencia atroz das estações; a excavação e exploração infernal das minas, onde esfarrapada, esqualida, quasi que sem sexo, foi por elle forçada a segui-lo; a tarefa corruptora das fabricas, sem ar, ou com ar tão viciado que mata os que o respiram, que condemna já, desde o ventre da mãe desventurada, a creança da operaria á tuberculose ou ao rachitismo; e todos os trabalhos, emfim, os mais grosseiros, os mais devastadores, os que desformisam, os que estragam não só a mulher

que os faz, mas a raça de que ella está condemnada a ser mãe!...

No seu código de egoísmo selvagem, e que parece imaginado nas cavernas prehistoricas, o homem diz assim á mulher:

– «Trabalha tanto, tanto, que o teu corpo fragil se transforme de geração em geração d'um corpo enfezado, precocemente envelhecido, já cheio de taras physiologicas ao sair da infancia; carrega na tua pequena cabeça airosa com os pesos colossaes; dá ao trabalho de todas as industriaes mortiferas o teu vigor, a tua mocidade, a tua saude, a tua pureza, as forças que podias empregar no amanhã, no aceio da tua pobre casa, e no cuidado dos teus filhos; curva-te sobre a dura gleba durante os rigores do glacial inverno, e durante os calcinantes soes de julho, a todos os tempos, a todas as intemperies; sê caixeira de loja

e conserva-te durante quinze horas por dia de pé, sem te poderes sentar um momento, destruindo assim a saude de orgãos essenciaes ao teu pobre corpo de mãe; faze o pão e no calor infernal do forno acceso perde os teus dentes brancos e formosos; sê lavadeira, e faze da tua pelle, que devia ser fina, a pelle curtida e escura que lembra o marroquim; sê criada dos mais arduos serviços; sê tudo, emfim, que é fatigante e duro, que é humilde sem compensações, que é embrutecedor sem esperanças. E quando não puderes ou não quizeres ser tudo isso, que ao menos, é honesto, vende a tua pobre alma de pária ao demonio, que te apparecerá sempre tomando uma figura masculina, e terás um pedaço de pão negro, um pontapé e um catre no hospital...

«Mas quanto a outra ordem de trabalhos isso não! Então eu invocarei a tua graça e direi que a

não quero perdida, a tua gentileza que a severidade de uma funcção social desvirtua, a tua fraqueza encantadora que só n'este momento me apparece e se me impõe. Então direi que tu nasceste para me embellezar a vida, para me esperares, ociosa e inutil, enquanto eu trabalho para ti. As grandes, as bellas lides da intelligencia, as que exaltam e não deprimem, as que desenvolvem e não esmagam, as que dão a independencia e o orgulho, não são para ti, são para nós, que temos as faculdades mentaes que tu não tens, a instrucção que nunca te quizemos dar, a protecção das leis que fizemos para nosso uso, regalia e prazer, o applauso nos costumes que estabelecemos e fizemos reinar, o appoio nas tradições que vem de nossos paes, e até o incentivo no motejo alegre das mulheres, *para nós* verdadeiramente mulheres, isto é, preguiçosas,

doceis, submissas, maleaveis aos nossos gostos, cheias de mimo, vaidade e caprichos pueris, que te consideram a ti a mais comica das caricaturas na mascarada alegre e grotesca, que é a vida d'este fim de civilisação!»

Ora, eu que sou ja muito antiga para sympathisar com a *new woman*, sympathiso ainda menos com a audacia, o egoismo cruel, o pretencioso desconhecimento dos novos elementos que preparam um mundo melhor, comtudo, emfim, que no homem se manifesta por estas ideias, mais ou menos disfarçadas sob palavras habeis e sophismas subtis.

No movimento educativo da mulher moderna, n'esta especie de cruzada para libertar a escrava secular, não avultam sómente e com a exclusão de

outros, os programmas avançados e os sonhos de emancipação radical.

Outros existem e bem sympathicos, pois que houve sempre desde o seculo XVI tão *humano* e tão philosophico, propagandistas generosos e convencidos da ideia que hoje começa a triumphar, e é a continuação e desenvolvimento das doutrinas d'elles, expressas em fórmulas mais concretas e mais positivas, que igualmente figuram nos programmas actuaes do feminismo.

Não ha só a ideia de arrancar de subito a mulher á submissão, á passividade tradicional, atirando com ella, desarmada ainda, para a arena ensanguentada, onde os homens luctam raivosos, com armas differentes das armas antigas, mas com almas tão duras e implacaveis como as dos avós.

Ao par d'esses programmas de educação integral, de igualdade entre os sexos, de

generalisaçãõ do ensino tecnico, profissional e scientifico dado a todas as mulheres – outros ha mais rasoaveis, mais moderados, mais proprios para serem assimilados pela mulher portugueza.

A esses, que teem por base o ensino domestico e por principio o desejo de fazer a mulher, não igual do homem, mas complemento d'elle, não sua adversaria, mas sua socia e companheira, a esses que teem por fim apetrechar a mulher para a dura batalha da vida com conhecimentos, noções, ideias que lhe facilitem a sua missãõ complexa, e lhe forneçam ao mesmo tempo meios de ganhar o pão quotidiano, a esses se associa não só o meu espirito, que tambem acceita os outros, mas o meu coração que applaude estes sem reserva.

21^a CARTA



Ensino domestico e seus programmas

XXI

384

N'esta ultima carta que fecha a serie das minhas *Cartas ás mães* desejava fallar dos magnificos *Institutos de ensino domestico* que se abrem e prosperam lá fora, patrocinados e dirigidos, alguns por Princezas de sangue real, e todos por personalidades do mais alto valor social e intellectual.

Vejo agora quanto é irrealizavel este meu desejo.

Como incluir n'uma carta rapida e destinada a occupar limitado espaço a historia d'esse magnifico e tão espalhado movimento?...

Só a lista dos Institutos e Escolas com os nomes dos seus Directores e Directoras e o resumo dos seus programmas de ensino occuparia longas e numerosas paginas.

Limito-me pois a indical-o e a aconselhar ás mães portuguezas que se informem da

importancia e significação d'esse movimento em favor do nosso sexo.

Para oppôr uma certa restrição e para impôr um certo equilibrio ao impulso violento de reacção contra o antigo abandono a que foi votada a mulher, e que leva esta hoje por esse grande mundo, á cultura intensiva das suas faculdades mentaes, com desprezo pelos deveres mais obscuros que lhe incumbem, – inauguram-se hoje, e desenvolvem-se extraordinariamente na Suissa, na Belgica, na Allemanha, na Inglaterra em todos os paizes do extremo Norte, na America, na França, – ao lado das Escolas superiores, escolas primarias e escolas especiaes, onde o ensino domestico é ministrado com o methodo e com o respeito que se deve a esta grande sciencia.

O ensino domestico dá á mulher a consciencia plena da dignidade e da importancia do seu papel de dona de casa.

E' susceptivel de extenção quasi illimitada, pois que tem por ponto de partida a sciencia – chimica e hygiene; – confina com a moral, porque da sua applicação intelligente e sentida depende a moralisação, a paz e felicidade da familia – toca de perto na sociologia – é um ramo das sciencias economicas; – constitue o primeiro elemento de pedagogia moral.

E' a sciencia natural e sciencia exacta. E', ao mesmo tempo, sendo as duas cousas, alguma cousa de melhor do que ellas ambas.

O «Congresso Internacional de ensino primario» que se reuniu em Paris, na Sorbonne, no mez de agosto de 1900, apresentou entre as suas

conclusões finais, esta definição precisa e clara do ensino doméstico.

«O ensino caseiro consiste no conjunto de conhecimentos técnicos e práticos indispensáveis a toda a dona de casa para dirigir o seu *ménage*. Compreende: a compra e conservação dos alimentos; a preparação das refeições; a arte de pôr uma meza; a costura; o corte, a lavagem de roupa e o modo de a engommar; a conservação dos objectos de mobília e vestuário de uma casa; a hygiene da habitação e a arte de a enfeitar e adornar: o tratamento dos doentes; a educação da primeira infancia».

Vejam-se n'este espelho as raparigas portuguezas! Qual d'ellas chega, não direi a realizar este programma, mas a approximar-se um pouco d'elle, a conhecer superficialmente algumas das noções que n'elle se consideram

obrigatorias, senão depois de uma aprendizagem longa, dolorosa, em que ella á sua custa, e depois de enganos successivos, de experiencias falladas de toda a sorte, consegue enfim ser uma dona de casa soffrivel?!...

D'antes, como já disse aqui mesmo, não era assim. Em Portugal, sobretudo nas provincias, a excellente dona de casa não era uma ave rara. Sabia por tradição, por instincto, por gosto natural o que lá fóra está constituindo agora materia scientifica.

Enfermeira sublime e infatigavel; copeira e cosinheira primorosa; amando cada objecto da sua casa e sabendo conserval-o religiosamente; praticando enfim como um rito ancestral, tudo que n'este programma é considerado aquisição de sciencia.

Mas a falsa compreensão da civilização, o amor das apparencias ostentosas, o desejo do luxo e do movimento constante, a ancia de divertimentos excitantes, a agitação nevrotica, — que nos veio da perturbação social do nosso periodo de reconstituição politica e de transição do regimen absoluto para a ficção liberal do nosso tempo — tudo que eu não posso estar aqui a enumerar, mas que concorreu para esta triste mudança, fez da mulher portugueza actual o producto de artificio e decadencia de um *meio* artificial e decadente tambem.

E' necessario retrocederem á antiga concepção do lar domestico, mas por uma estrada nova e moderna, munidas de novas acquisições e novos methods.

Vão de automovel com todos os requintes da moderna locomoção, mas vão, por Deus! tomar o

seu logar proprio, na casa, na familia, na ordem,
na moral, no Dever.

Saibam a fundo o que d'antes apenas *sentiam*.
Analysem o que d'antes se contentavam em
adivinhar. Tenham a sciencia de tudo aquillo de
que tinham o instincto.

Façam por comprehensão do seu papel o que
faziam por sujeição secular á vontade alheia.

Aprendam, senão em escolas e institutos que
não teem, pelo menos em livros e ao pé de suas
mães que alguma cousa sabem ao fim da vida – o
que d'antes lhes vinha naturalmente pelo exemplo
e pela hereditaria imitação.

E, ao mesmo tempo – é esta a radical
transformação – adquiram algum instrumento de
trabalho; algum meio pratico de conquistarem o

pão quotidiano se esse noivo, sempre sonhado, lhes falta a final, como vae faltando cada vez mais.

Sacudam, derrubem, deitem por terra, esse detestavel preconceito portuguez, indigno de um povo que se preza, de que o trabalho é humilhante, embora não seja humilhante a esmola.

Emquanto em Londres uma duqueza authentica da mais velha aristocracia senhoreal, abre uma esplendida loja de chapeus encimada pelo seu nome, e vende n'ella chapeus feitos por mãos de raparigas pobres da aristocracia, aqui as senhoras do sangue mais azul fazem beneficios, kermesses, e esmollam pensões e subsidios.

E porquê? Porque os beneficios e as esmolas, feitas e dadas sob capa, não as fazem *perder casta*. Ellas continuam a pertencer á roda elegante, a serem recebidas e acceitas, se bem que com certo *mêdo*; enquanto que se nobremente e

austeramente se entregassem a qualquer trabalho, ninguém mais as conhecia na rua, quanto mais nas salas que teriam de desertar acossadas pelo geral desdem!...



A egualdade de sexos é uma chymera que a Natureza contraria destinando funcções diversas, sem deixarem de sêr igualmente, nobres ao homem e á mulher.

Não é pela *igualdade* mas pela harmonia dos dois sexos na tarefa sublime de continuarem, incessante e cada vez mais perfeita, a obra de Vida Universal, que devem pugnar todos os que se preocupam com estas graves e fundamentaes questões.

Não se deprime a mulher quando se lhe indica como primacial, o dever de ser esposa, dona de

casa e mãe na accepção plena – humilde e transcendente, pratica e ideal, laboriosa e intelligente – do seu mister complexo e bello até nos aspectos do mais rude labor.

O que não implica – diga-se bem alto – abdicação de nenhuma das suas faculdades, nem incluye abandono ou sacrificio de nenhuma virtualidade, – *possibilidade* como dizem os inglezes⁷, – que porventura exista no seu espirito.

O *meio* portuguez é por ora contrario ao desenvolvimento e multiplicação de mulheres educadas para qualquer profissão renumerada e lucrativa.

Não é grande serviço feito á mulher portugueza impelli-la por emquanto n'este caminho ingrato e rude.

⁷ Nota dos editores: no livro-fonte, a letra «n» encontra-se invertida nesta palavra.

Se para os homens a iniciação em qualquer carreira é tão difficil, o que fará por ora para a mulher?

Mas isto não quer dizer que tenha razão o homem quando se oppõe pelo desdem, pelo riso, ou pela contradicção systematica a que a mulher trabalhe para a conquista do pão quotidiano, isto é, da dignidade propria, da libertação da miseria e quem sabe de que mais!

Aquelle que faz alegres motejos contra a mulher que andar *por fóra* a vêr doentes como medica, a trabalhar no magisterio ou no alto professorado, a grangear um diploma universitario, a *ganhar dinheiro*, emfim, para o casal, ás horas em que devia estar em casa a tractar d'este, lembre-se de quem tem talvez uma mulher *que anda por fóra em matinées*, concertos, lojas de modas, exposições, *bric-à-bracs*, passeios,

visitas, a *gastar dinheiro* á hora em que, em casa, uma cosinheira barata e inhabil portanto, lhe estraga completamente o jantar, e outra creada mal paga, lhe rasga, lavando-o mal, um vestidinho de renda do filho, e lhe põe a meza sem graça, sem aceio, sem um flôr, sem um requinte de arte, e lhe limpa pessimamente e lhe quebra com impaciencia desageitada os pequenos *bibelots* da sua sala, isto quando não maltracta na sua rude inconsciencia o abandonado e travesso *bébé* que a mãe deixa sem vigilancia e sem carinho, para andar escrava da moda, ridicula e pueril, a passear e a exhibir-se...

E em classes menos favorecidas o mesmo homem desdenhoso e ironico tem quasi sempre uma mulher que está na loja a servir os clientes, ou que anda desde alta manhã a dar licções mal pagas; ou se é do povo uma escrava miseravel que

está na fabrica, na lavanderia, na costureira, ou que anda a fazer recados e a carregar com pesos esmagadores!...

Que logica masculina de alto a baixo da escala social!

Mas não importa! Ao lado d'esses espiritos mesquinhos e pouco perspicazes que não perceberam ainda as novas condições a que a mulher tem de adaptar-se, que não sabem que o extremo individualismo moderno e a desagregação do grupo, do *clan* familiar, deixa ao desamparo completo milhões de creaturas humanas, que é justo e nobre auxiliar para que possam subsistir puras e honestas, do trabalho das suas mãos ou do seu cerebro; ao lado d'estes tradicionaes adeptos de um systema de

escravatura feminina, que já se não funda nem justifica em nenhum systema social vigente, – muitos outros homens ha, de coração generoso, de grande e poderosa influencia, de iniciativa energica e efficaz, que em toda a parte estão auxiliando a mulher para que ella – mãe e esposa – aprenda com segurança e methodo as obrigações complexas do seu complexo papel, – para que ella, solteira e sem amparo, aprenda a supprir-se a si propria em mil ramos de trabalho, de trabalho que é sempre digno e nobre seja qual fór a ordem a que pertença; para que ella, se tem talento e aptidões e vocação excepcionaes, conquiste um nome nas regiões que até aqui lhe eram vedadas, na Sciencia, na Arte, no Professorado; para que ella, emfim, saia da triste e abjecta sujeição á arbitrariedade e ao capricho masculino, sujeição que a tem corrompido desde que as suas unicas

armas de defeza consistiam em corromper, desarmar, vencer, pela astucia e pela vaidade, o seu tyranno!

Esses homens, de luminoso entendimento e de alma nobilissima, acreditam nas virtudes genuinas da alma feminina quando não contrariadas por influencias externas e julgam que a salvação moral do mundo, n'esta hora de crise que atravessamos – já tão despegados do Passado e ainda tão ignorantes do Futuro – reside sómente na mão da mulher educada e fortalecida.

E' ella em baixo, na massa ignorante e anonyma, com a sua paciencia, com a sua sobriedade e economia e amor maternal, que salvará o homem do povo, precipitado pelo alcoolismo e pela preguiça na miseria ou no crime. E' ella que na burguezia, renunciando ao luxo barato, á pretenciosa ambição de figurar, ao

amor desenfreado do prazer, salvará o homem enfraquecido, desmoralizado lentamente pelo *surmenage* da profissão ou pela cubiça do ouro mal ganho.

E' ella que nas classes dirigentes e cultivadas, seguindo exemplos que mesmo aqui em Portugal se affirmam esplendidamente em obras de alto valor social, se collocará na frente de todas as instituições altruistas, de todo o movimento educativo tanto moral como intellectual do seu sexo, transformando a arida tristeza de hoje no Ideal luminoso e fecundo de amanhã.

FIM

ISBN: 978-1-387-47397-7